Futebol Fora do Eixo

Uma história comparada entre o futebol de Porto Alegre e Salvador (1889 – 1912)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Autor:
Ricardo Pinto dos Santos

Orientador:
Professor Dr. Victor Andrade de Melo

Rio de Janeiro

2014

FICHA DE APROVAÇÃO

Futebol Fora do Eixo

Uma história comparada entre o futebol de Porto Alegre e Salvador (1889 – 1912)

Ricardo Pinto dos Santos.

Material submetido ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ), como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Doutor.

Rio de Janeiro, ___de Fevereiro de 2014.

APROVADA POR

_____

Profº. Dr. Victor Andrade de Melo

_____

Prof ª Dr. Vantuil Pereira

_____

Profº Dr. Flávio dos Santos Gomes

_____

Prof ª Dra. Ângela Bretas

_____

Profº Dr. Coriolano Pereira Rocha

RESUMO

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Futebol Fora do Eixo: uma história comparada entre o futebol de Porto Alegre e Salvador – 1889-1912. Tese (Doutorado em História Comparada) Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Esta tese tem por objetivo analisar comparativamente a chegada e o desenvolvimento do futebol em Porto Alegre e Salvador, entre os anos de 1889 e 1912, tendo como questões centrais o racismo, a modernidade e o processo de interferências das grandes capitais, Rio de Janeiro e São Paulo, no processo de inserção e ampliação do cenário futebolístico das duas cidades. Iremos analisar se o racismo foi uma experiência comum nestas cidades e de que modo ela esteve presente na estrutura esportiva, especificamente do futebol, e nas novas sociabilidades que se gestavam. Outro ponto a ser debatido será a convergência entre o processo de modernização de Porto Alegre, Salvador e o desenvolvimento do futebol. Nesse caso, apontando para as suas especificidades e, sobretudo, para as diferentes formas de se vivenciar a modernidade. Concomitantemente, faremos também um debate sobre a autonomia do futebol das duas cidades partindo dos pressupostos encontrados nas histórias contadas nos clássicos sobre o futebol que atribuíram às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo um papel determinante para o futebol em todo o Brasil. Para alcançar esse objetivo, analisaremos em conjunto fontes primárias (jornais, revistas e documentações dos clubes) e secundárias (livros, teses, dissertações e monografias) sobre as duas cidades. Desse modo, buscando avançar um pouco mais na produção historiográfica do futebol pelo Brasil que, ao longo do tempo, assumiram as histórias futebolísticas do eixo Rio-São Paulo como sendo as principais, às vezes as únicas, fontes para se entender o esporte no Brasil. Nesse sentido, compreendemos que ficar *fora do eixo* pode nos ajudar a compreender melhor o futebol e o país.

ABSTRACT

This dissertation aims at comparatively analysing the arrival and development of soccer in Porto Alegre and Salvador, between the years 1889 and 1912, focusing on issues as racism, modernity and the interference process of major capitals, Rio de Janeiro and São Paulo, in the insertion and heightening of the soccer scenario in both cities. It analyses if racism was a common experience in those cities and how it was present in the structure of sport, specifically in soccer, and in the new sociability that was being generated. Another point of debate is the convergence between the process of urban modernization in Porto Alegre and Salvador and the development of soccer. In this case, pointing out their particularities and, above all, the different forms of experiencing modernity. At the same time, there is also a debate about the autonomy of soccer in both cities, drawing from the assumptions found in the stories told in the classics ab out soccer that attributed to the cities of Rio de Janeiro and São Paulo a defining role for soccer in the entire country of Brazil. In order to reach this goal, I analyse a set of primary (newspapers, magazines and club files) and secondary sources (books, dissertations, theses, monographs) about the two cities. Thereby, I seek to advance a bit further in relation to the historiographical production of soccer in Brazil, which have long assumed the soccer histories of the Rio-São Paulo axis as the main, and sometimes the only, sources to understand sport in Brazil. In this sense, I understand that focusing outside this axis may help us to better understand the sport of soccer and the country.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao professor Francisco Carlos Texeira da Silva que ao longo de mais de 10 anos me ajudou a tornar-me um historiador sem medo de enfrentar os desafios da carreira.

Agradeço também ao professor Victor Andrade de Melo que, diante de tantas dificuldades, me orientou sempre com muito carinho, amizade e respeito. E que, apesar das teimosias intelectuais do seu orientando, confiou no trabalho desenvolvido por mim.

Da mesma forma, agradeço a todos do Laboratório do Esporte pelo debates desenvolvidos no grupo, pelos momentos felizes que passamos e, sobretudo, pelo carinho sempre encontrado nos momentos difíceis.

O MORRO NÃO TEM VEZ

O morro não tem vez
E o que ele fez já foi demais
Mas olhem bem vocês
Quando derem vez ao morro
Toda a cidade vai cantar

....

Abram alas pro morro
Tamborim vai falar
É 1, é 2, é 3, é 100
É 100 a batucar
O morro não tem vez
Mas se derem vez ao morro
O mundo inteiro vai cantar
Vai cantar, vai cantar

Tom Jobim / Vinicius de Morais

SUMÁRIO

Introdução 1
O racismo 26
O contexto do racismo 30
A modernidade 40
Entendendo a modernidade 44
O futebol não é só um jogo 57
Capítulo I – Futebol e a Questão Negra 61
Condenados ao esquecimento: o futebol e suas tramas 61
Bem mais do que herdeiros da casa grande e da senzala 108
Capítulo II – Modernidade 130
A construção das novas cidades e os clubes de futebol 130
O negro nas cidades: quando a modernidade encontra o preto 158
Conclusão 173
Referências 181
Anexo: Fontes primárias – periódicos pesquisados 189

Introdução

Até bem pouco tempo, parecia certo, no Brasil, contarmos a história do futebol brasileiro partindo das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Suas experiências e vivências pareciam ser fontes de inspiração e motivação para todo o país e, sobretudo, seriam as bases para grande parte das transformações apreendidas pelos demais estados brasileiros.

É notório, em importantes livros sobre o futebol *tupiniquim*, o protagonismo das duas cidades. Da definição do pai do futebol, passando pela construção do que seria um grande clube esportivo, cariocas e paulistas sempre foram reconhecidos como sendo os modelos para o Brasil. Com isso, durante muito tempo se acreditou que o processo de desenvolvimento desse esporte passava primeiramente nessas cidades e somente depois alcançaria outras regiões, já com as questões previamente definidas.

Parecia haver, nesse sentido, uma espécie de dependência dos modelos carioca e paulista que legitimavam e, fundamentalmente, definiam as suas ações, escolhas e resultados nos outros estados. Se, por um lado, essa perspectiva gerou um destaque exacerbado para o eixo Rio-São Paulo; por outro, mergulhou as outras regiões numa condição de eternos coadjuvantes da história do futebol e, principalmente, minimizaram/anularam a autonomia das outras regiões no trato de questões gerais das suas próprias cidades.

Não é nosso objetivo negar a importância do Rio de Janeiro e de São Paulo no cenário nacional, em especial no cenário esportivo. Porém, estamos, sobretudo, tentando

fugir de generalizações tão comuns que, em larga escala, tornaram tantas outras narrativas secundárias na história do futebol brasileiro.

A constatação do cenário de privilégios e esquecimentos deve ser vista como inserida na história da estruturação do país. Algumas regiões acabaram recebendo uma proporção maior de investimentos e destaque, enquanto outras, longe dos holofotes, pareciam seguir sobrevivendo às sombras dos grandes centros. Para entender melhor isso, devemos mergulhar um pouco na história do Brasil. Desse modo, esperamos tornar mais claro o processo que acabou forjando Rio de Janeiro e São Paulo como sendo decisivos para o esporte no Brasil, mais do que isso, tornaram a história do esporte noutras cidades diretamente dependentes das experiências de cariocas e paulistas. Voltemos então para o século XIX para entender os fatos.

No decorrer do século XIX, especialmente durante a sua primeira metade, o poder imperial sofreu questionamentos fortes por todo o Brasil, foram muitas as revoltas e movimentos separatistas no período. Esse cenário alcançou seu auge no período regencial que compreende os anos de 1831 a 1840. A gravidade do quadro tornou evidente a fragilidade do momento político e, em consequência, acabou antecipando a maioridade de Pedro II, em 1840, com o intuito de acalmar os ânimos pelo país.

Tal medida surtiu efeito e acabou gerando uma nova onda de tranquilidade e estabilidade interna no Brasil. No entanto, percebemos que muitas das demandas políticas e sociais que despontaram na regência acabaram permanecendo, mesmo que embrionariamente, como fonte para uma possível transformação no cenário político. Destaco, nesse sentido, os esforços das elites internas em conseguirem mais poder político e, através dele, enfrentar o centralismo do imperador.

Na verdade, não é possível diagnosticar com precisão para onde levaria a escolha pelo federalismo naquele momento, na medida em que a proposta esteve

atrelada aos discursos dos que agiam pela manutenção da monarquia e, por outro lado, dos que viam no federalismo um enfraquecimento do imperador. Vejamos: enquanto para o Deputado Tavares Bastos, o federalismo era a única forma de manter viva a monarquia, especialmente por conter as animosidades locais, para o líder conservador Visconde de Uruguai, o federalismo seria a porta de saída do imperador, usando como argumento os movimentos separatistas do período regencial (BASILE, 2000, p.254).

Nesse clima, o que destacamos como importante para o entendimento da segunda metade do século XIX é a emergência crítica por parte das elites locais quanto ao poder do imperador. Ainda que ele, o imperador, tenha conseguido manter durante algum tempo certa tranquilidade, tal fato, associado aos problemas de grandes proporções que iria enfrentar na década de 1860, irão doravante gerar um cenário político-social nada interessante para ele. Não obstante, deve ficar claro que alguns movimentos não necessariamente buscavam o fim do império, mas sim, alguns ajustes pontuais específicos, como é o caso do movimento abolicionista. O próprio José Bonifácio, grande liderança do movimento, era defensor do império. Não havia uma relação direta entre progresso e república, tampouco entre escravidão e império.

A partir de 1860 surgiram pressões por todos os lados. Religiosos, militares, abolicionistas e, em especial, os republicanos, que formaram um partido em 1870, acabaram formando, mesmo sem acordo prévio ou intenção firmada entre eles, um grande conluio na luta contra o regime imperial. Como afirma José Murilo de Carvalho, “passado o período de estabilização do império, cresceram as queixas contra o Poder Moderador e as acusações de ser um poder pessoal despótico” (CARVALHO, 2012, p.28).

A instabilidade em todas estas esferas só veio a agravar o panorama geral do império. Mesmo com todo esforço para acalmar os ânimos, nada conseguiu parar a

oposição. Até porque as medidas tomadas pelo imperador e seu primeiro escalão foram tímidas e proporcionaram poucas mudanças efetivas. Um ótimo exemplo que marca o limitado esforço do império pode ser analisado a partir dos acanhados efeitos da Lei do Ventre Livre (28 de setembro de 1871).

Para além da transformação política que, ao fim e ao cabo, efetivamente se concretizou somente em 15 de novembro de 1989, o país já vinha passando por grandes transformações nas mais diversas áreas. Destacaria sobre a questão política a substituição do unitarismo imperial pela dilatação do poder local. Dessa forma, um novo *modus operandi* passou a definir as relações sociais e econômicas no país, sobretudo ao que se refere à fonte efetiva do poder.

Vale, nesse momento, uma ressalva importante para evitarmos compreensões apressadas sobre a passagem da Monarquia à República: o processo que levou à Proclamação da República não deve ser visto como uma ruptura completa com o passado monárquico. Na verdade, grande parte da estrutura social e econômica, expressa por seus agentes e pela forma como operavam na e pela sociedade, fora mantida no novo sistema. Ou seja, as elites continuavam no poder e as relações desiguais permaneciam. No entanto, a substituição do imperador como poder central e definidor das ordens do dia pelas elites locais gerou uma dinâmica bem mais complexa e múltipla.

Em todo esse processo de mudança de sistema político, duas questões estiveram presentes nos debates: a abolição e a necessidade de modernizar o país. Juntos, estes dois pontos acabaram proporcionando ao país um longo processo de transformações. Nele, é claro, a ambiguidade e as contradições estiveram sempre presentes. Afinal, mesmo com o fim do império, não foi possível dizer que a República passou a servir sem limites as elites locais, da mesma forma que essas elites não se ajustaram

completamente aos imperativos do nosso Estado. O que, a princípio, pode parecer contraditório deve nos servir como expressão da manutenção de alguns vícios do antigo regime.

A República acabou sendo gestada muito mais pela insatisfação de um conjunto de setores do que, fundamentalmente, por um projeto claro de governança e das suas possíveis vantagens. Todo o processo gerava um cenário novo e, sobretudo, não havia clareza sobre os desdobramentos das escolhas feitas. A única certeza era o fim do império.

Do centralismo passamos ao federalismo. Mesmo não havendo relação direta entre o federalismo e a República, foi com ele que o "novo" Brasil estava sendo construído e, principalmente, foi a partir do federalismo que as elites locais conseguiram alavancar ainda mais o seu poder. Nesse processo de simbiose com a política, as oligarquias locais ascenderam ao poder e, em consequência, assumiram a máquina administrativa. Os "coronéis" assumiram o lugar do imperador e, com isso, emergiu o fenômeno do *coronelismo*[1] no Brasil. Deve ficar claro que o processo não ocorreu de forma equânime entre os diversos estados, haja vista a diferença econômica e mesmo estrutural entre eles, mas o resultado final acabou sendo o mesmo: famílias que se consolidaram no poder, através de partidos ou mesmo figuras proeminentes, e mantiveram o coronelismo como uma marca profunda na política nacional.

São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul são bons exemplos da complexidade geral do cenário político. Por serem mais estruturados economicamente, foram os partidos políticos os grandes mediadores entre o Estado e a capital brasileira, Rio de Janeiro. Nesses casos, as famílias não assumiram diretamente o poder político, mas acabavam da mesma forma participando do processo de dominação interna. Ou

[1] Para saber mais sobre coronelismo buscar no clássico: NUNES LEAL, Victor. Coronelismo, enxada e voto. São Paulo, Alfa-Ômega, 1975.

seja, os partidos faziam a mediação, porém o poder estava nas mãos dos grupos (famílias) mais fortes.

Nos pequenos estados, a lógica funcionava da seguinte forma: as elites locais brigavam entre si e aqueles que ganhassem a disputa, que no caso não havia a interferência da capital, teria o apoio da mesma. Enfim, o desenrolar do processo era diferente, notadamente pelo formato, mas o resultado final se resumia em manter o poder nas mãos das elites com o apoio do poder da capital, fosse com uma negociação direta, ou mesmo pelo simples "beneplácito" (MONTEIRO, 2000).

Na ideia inicial de República, aponta Cristina Buarque (2011, p.8), "Platão condena a *polis* ateniense por sua premissa de igualdade política". Diz a autora que, "Para ele [Platão], a condição da harmonia social era o reconhecimento das desigualdades naturais entre os homens. A partir disso, propôs o modelo de cidade perfeita, governada por uma elite de sábios, os filósofos, que tinham acesso privilegiado ao conhecimento e à moral." No caso brasileiro, guardadas, obviamente, as suas especificidades históricas e temporais, parece haver o mesmo entendimento de que a elite deveria se manter no poder, como nos tempos de Platão, posto que tinham o privilégio do conhecimento e da moral.

A passagem do século XIX para o XX é o momento em que o cenário apresentado acima se mostra ainda mais intenso, sobretudo por surgir uma ideia de construir o "novo" muito forte. É também naquele instante que o objeto central deste trabalho, o futebol, invade o grande painel. Em pouco tempo, após sua chegada, não mais do que 10 anos, o futebol se torna um importante esporte para todos os grupos sociais e, principalmente, se torna o esporte em que as relações entre classes se tornam ainda mais complexas e intensas. Para as elites, o futebol era o esporte moderno que proporcionava capital simbólico, um bom nicho de sociabilidade entre os iguais e,

fundamentalmente, doravante, renderia boas cifras financeiras que ajudariam a consolidar ainda mais seu lugar social. Para as camadas populares, funcionaria como uma possibilidade de progressivamente ascender social e economicamente, geraria uma sensação de pertencimento social ao mundo moderno que emergia, o que até então era ausente para esse grupo, e, principalmente, para o futuro, colocaria o grupo numa posição de destaque no cenário nacional.

Nesse sentido, o futebol não traz nada de novo na sua estrutura esportiva, já que outros esportes já traziam essas características desde muito tempo, principalmente aquelas que separavam os grupos sociais em diferentes lugares no cenário esportivo. Desse modo, o que efetivamente torna o futebol um esporte diferente é a forma como essa estrutura se transforma e como os grupos sociais, em especial as elites, não mais conseguem acomodar os seus interesses com o controle absoluto sobre os resultados.

Devemos lembrar que outros esportes e espaços de sociabilidade geraram dinâmicas parecidas com as que apresentamos, vejamos algumas: O remo, por exemplo, gerava sociabilidade para as elites, além da diversão e da competição. Para os populares, da mesma forma, proporcionava a chance de ganhos financeiros com as apostas e, ainda que limitada, uma forma de pertencimento à nova cidade e suas novas configurações.

Os clubes e os bailes dançantes eram outros espaços em que tanto ricos como pobres, cada qual dentro dos seus grupos, podiam se sentir entre os iguais e assim mobilizar suas identidades, reforçar seus laços de amizade e, principalmente, agir e refletir sobre o novo cenário que surgia à sua frente.

Ainda assim, mesmo com todas as similaridades, podemos afirmar que foi no futebol que todos esses aspectos alcançaram patamares nunca antes vistos. Não por acaso, o futebol se tornou o principal esporte do século XX. Quando tratamos do aspecto financeiro, fica ainda mais fácil confirmar essa tese, já que o futebol é o esporte

de maior inserção e expressão na economia mundial, seja pelas cifras que são geradas pelas grandes competições (copa do mundo e grandes campeonatos nacionais e internacionais), seja pelas constantes negociações de atletas que chegam a valer milhões de dólares. Por todo o século XX nenhum outro esporte conseguiu proporcionar uma dinâmica financeira tão forte, tão constante e, sobretudo, tão extensa.

Com tudo isso, podemos dizer que, mesmo que os diferentes grupos sociais continuassem a frequentar outros espaços esportivos e de lazer, foi com e através do futebol, em larga escala, que seus integrantes passaram a viver mais intensamente o cenário esportivo. De tal modo que o futebol acabou se tornando, em menos de 50 anos, o esporte mais popular do Brasil, deixando em papel secundário modalidades que outrora figuraram como sendo as principais do país, como o turfe e o remo.

Enfim, a história do futebol brasileiro pode ser compreendida dentro do processo de constituição da República brasileira e, mais especificamente, a partir do processo de modernização que se radicaliza a partir dela. Ou seja, mesmo que no império já tenhamos discursos e práticas que apontam para a necessidade de modernizar o país, foi na República, com a necessidade de construir uma nova imagem nacional, que esse discurso assumiu grandes proporções.

Não é possível, acreditamos, nesse sentido, dissociar um processo do outro. Afinal, o futebol, dentre outros, serviu como um dos representantes da plataforma modernizante que a República fez exponenciar. Da mesma forma que, em tempos anteriores, o Turfe e o Remo[2] ocuparam lugares de destaque, representando cada qual todo um sistema de valores e práticas, na República o futebol assumiu esse lugar, porém com uma dinâmica exacerbada.

[2] Para saber mais sobre a história do Remo e do Turfe buscar no trabalho de: MELO, Victor Andrade de. Cidade Esportiva: os primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ. 2001.

Assim, quando aproximamos o debate esportivo do desenvolvimento das cidades, a partir da Proclamação República, iremos notar que duas cidades se destacam no cenário nacional. Rio de Janeiro e São Paulo, por questões distintas, assumem um papel relevante tanto no cenário esportivo quanto na política nacional. A primeira se destaca por ser a capital do país, lugar por excelência da diversidade, do novo, do frenesi cultural, bem como por ter sido sede dos primeiros clubes de futebol no Brasil, enquanto a outra, São Paulo, assume papel relevante pelo seu rápido e intenso desenvolvimento econômico, também por ter criado clubes já no início da República e pelo debate que acabou gerando em oposição à primeira, em especial ao que se refere ao futebol. Enfim, entre elas houve um debate que se retroalimentava e mantinham-nas em posição de destaque nacional.

Desse modo, como dito anteriormente, o eixo Rio-São Paulo, com toda a sua dinâmica, seja cultural ou econômica, pareceu dar conta de explicar o Brasil, ou pelo menos pareceu representar o que há de mais importante quando o interesse é conhecer o país. Quando o assunto é futebol, parece que essa afirmação assume uma posição de ainda mais destaque. O futebol brasileiro parece ter sido forjado nessas cidades e tudo mais se desenvolveu a partir delas.

Nesse sentido, um dos objetivos desta tese é comparar o processo de chegada e desenvolvimento do futebol fora do eixo Rio-São Paulo. Com isso, buscamos desmistificar a relação de quase dependência das outras cidades acerca das experiências futebolísticas vivenciadas no Rio de Janeiro e em São Paulo e, mais do que isso, comprovar que, apesar das influências, há um processo autônomo interno que provocou escolhas e ações que foram responsáveis por grande parte das transformações do futebol nas cidades.

As cidades fora do eixo escolhidas foram Salvador e Porto Alegre. Para entender os primeiros anos do futebol nessas cidades, teremos, como questões principais, a presença do racismo e de um projeto de modernidade em cada uma delas que comportava de algum modo o futebol. As cidades foram escolhidas levando-se em conta a importância histórica, suas especificidades e, sobretudo, o dinamismo do cenário futebolísticos presentes nelas.

Salvador, no século XIX, figurava entre as cidades mais importantes do país. No intervalo entre 1808 e 1889, a Bahia, em especial sua capital, possuía destaques em diversos ramos do cenário nacional. Da política à intelectualidade, da economia à cultura, a situação favorável, nesse caso, colaborava para a construção do sentimento de exaltação da capital baiana.

Assim, com a sua proeminência, como afirma Rinaldo Leite (2005), se tornou comum ver conferido à Bahia títulos de “Mãe, Rainha, Deusa, Heroína – todos, segundo se supunha, fiéis demonstrativos das suas mais profundas virtudes” (LEITE, 2005, p. 44). De um modo geral, o destaque baiano, mesmo diante de profunda crise financeira que viria atingir o estado já no final do século XIX e nos primeiros anos do século seguinte, continuava em vigor.

A ideia de que tudo começou pela Bahia, levando em conta a história oficial do descobrimento, coloca aquele Estado em posição de destaque na construção dos primeiros ideários nacionais. Sua participação ativa nas primeiras questões brasileiras, cujo interesse transcendia, em larga escala, o seu território, gerou para o Estado a construção do primeiro aparato administrativo do país.

Porém, não será sobre os tempos de glórias que iremos tratar neste trabalho. Na verdade, ao contrário, Salvador vive, entre 1889 e 1912, uma profunda crise financeira e grandes problemas sociais. No entanto, nesse período, vimos o aparecimento do futebol

e, com ele, mesmo com uma economia profundamente abalada, foi possível experimentar aspectos da modernidade expressos no esporte. Nesse sentido, esse cenário impõe a Salvador uma marca bem particular na história do futebol. Pois, diferentemente de outras capitais, em especial o Rio de Janeiro, onde a modernização das cidades ocorre ao mesmo tempo em que o futebol se desenvolve, em Salvador o processo acontece antes do desenvolvimento da cidade.

No entanto, vale ressaltar que o futebol desenvolvido em Salvador é tão moderno quanto o de Porto Alegre, São Paulo ou Rio de Janeiro. Pois o estabelecimento de um cenário esportivo já é, em si, um aspecto da modernidade. Mesmo que em alguns casos, como o de Salvador, ele figure solitário numa cidade sem o menor desenvolvimento econômico e social, o esporte sempre será um elemento moderno.

A cidade de Porto Alegre, diferentemente de Salvador, não passava por uma crise financeira no período escolhido, tampouco tem a inserção do seu futebol deslocado do processo de transformação da cidade. Na verdade, neste caso, a experiência de Porto Alegre é bem parecida com a do Rio de Janeiro e de São Paulo, ou seja, a cidade se transforma ao mesmo tempo em que o futebol se desenvolve.

No entanto, o que chama a atenção no caso de Porto Alegre é o caminho percorrido para a chegada do futebol na cidade. Nesse caso, nos parece que o cenário futebolístico daquela cidade é muito mais uma expressão do dinamismo interno do Estado do que uma marca direta vinda da Europa. Assim, podemos dizer que a experiência dessa cidade pode colaborar para apresentação de uma nova perspectiva sobre o objeto.

Enfim, as cidades de Porto Alegre e Salvador foram escolhidas como forma de ampliar o olhar que temos acerca do futebol brasileiro. Compreendemos que um estudo comparado sobre o futebol de outras cidades pode nos revelar um panorama mais

complexo e dinâmico daquele que estamos acostumados a ver apresentado sobre o tema. Mais ainda, acreditamos não haver dependência por parte das duas cidades em relação ao Rio de Janeiro e de São Paulo que pudesse torná-los únicos responsáveis pelas mudanças internas do cenário esportivo futebolístico nacional. Assim, uma análise sobre as experiências de Porto Alegre e Salvador pode nos ajudar a compreender melhor o processo como um todo, trazendo especificidades, aproximações e distanciamentos, que nos sirvam para sairmos do senso comum tão explorado.

Hoje temos um grande número de trabalhos sobre o futebol brasileiro. Contudo, quando nos debruçamos sobre eles, verificamos que sua quase totalidade é marcada pelo regionalismo das análises. Assim, para além da importância desses trabalhos, devemos ter clareza acerca do caráter endógeno do que está sendo produzido; ou seja, a produção quase sempre é feita de dentro para dentro. Ademais, verificamos com um olhar mais detido a posição de destaque que ocupam o Rio de Janeiro e São Paulo na produção sobre o tema. Possivelmente, esse dado pode nos servir como um forte indicativo de como foi construída a posição de destaque dos dois estados no cenário esportivo.

Gilmar Mascarenhas (2001) foi um dos primeiros a fazer trabalhos relacionados ao futebol em que o campo de estudos principal fosse a geografia. Em sua tese de doutorado, defendida em 2001 na USP, com o título *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*, o autor já aponta para a necessidade de sairmos do eixo Rio-São Paulo e avançarmos nas pesquisas e na própria compreensão do fenômeno.

Mascarenhas (2001. p.114), logo no início do terceiro capítulo de sua tese, diz que “o desafio é renovar a historiografia do futebol brasileiro no que tange ao ignorado peso da base territorial no processo de introdução e difusão do esporte no Brasil”. A renovação, segundo o autor, parece partir do mesmo pressuposto do que está sendo

defendido neste trabalho, de que criamos, efetivamente, uma história do futebol brasileira, limitada geograficamente e, principalmente, sem reconhecimento da autonomia dos processos noutras cidades.

A rigor, iremos comparar dados e informações das duas cidades e enveredar pelas representações que as mesmas fazem do desenvolvimento do futebol nas suas cidades. Com isso, desejamos alcançar as representações simbólicas e práticas que aproximam ou distanciam as suas experiências.

Os estudos sobre o esporte, em especial o futebol, são marcados pelo entendimento equivocado de que a parte explica o todo. Ou seja, a história do futebol do Rio de Janeiro e de São Paulo dariam conta de explicar o futebol no resto do país. Nesse sentido, criaram-se generalizações graves sobre o futebol, bem como esquecimentos que dificultaram a construção de uma perspectiva mais ampla sobre o cenário esportivo brasileiro.

Desse modo, diante de um quadro tão limitado, resolvemos pensar, de forma transversal e comparada, o futebol de duas cidades que figuram entre as mais importantes do país, sem a pretensão de explicar o Brasil. Para isso, não buscaremos generalização que deem conta de explicar o fenômeno como um todo, mas sim, similaridades e diferenças que ajudem a formar um quadro mais amplo de análises.

O caráter multifacetado e global do futebol são características fundamentais e muito pertinentes a esse modo de fazer história. Na medida em que o futebol consegue, a partir dessas características básicas, se tornar um fenômeno sem fronteiras, ele se torna um objeto pleno da história comparada.

Um exemplo muito marcante dessas questões fica evidente no caso da França, onde romper as barreiras para a possibilidade de um novo saber foi extremante difícil. A rubrica de história comparada no caso francês foi, de certa forma, velada pela tradição

da historiografia daquele país. Nesse sentido, ao "abandonar o plano nacional e privilegiar o quadro local e regional, a comparação se tornou mais difícil e mais rara", (HAUPT, 1998).

É através da comparação que conseguiremos identificar situações, questões e mesmo casos e respostas singulares (KOCKA, 2003). Assim, para um melhor esclarecimento sobre o futebol brasileiro e todas as suas possibilidades temáticas, a história comparada ser tornou um importante caminho. Kocka (*idem*) levanta questões centrais para esse trabalho na medida em que enfatiza o significado da história comparada como sendo a possibilidade de discutir "fenômenos históricos sistematicamente a respeito de suas similaridades e diferenças de modo a se alcançar determinados objetivos intelectuais" (*ibidem*).

Pretendemos, com a comparação entre as duas cidades, avançar para uma história do futebol mais ampla e dinâmica. Tal interesse parte da constatação dos equívocos e limitações vistos na historiografia consagrada sobre o tema, formada especialmente pelo primeiro grupo de escritores que se debruçaram sobre o tema. Diante disso, usaremos, algumas vezes neste trabalho, dados sobre o futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo que sirvam como ponto de partida para avançarmos no debate ou como base comparativa de algum ponto em destaque.

Somaremos ao material já produzido, entre livros e trabalhos acadêmicos, uma pesquisa nos arquivos das cidades. Estão sendo utilizados para este trabalho jornais e revistas produzidas entre 1889 a 1912 nas duas cidades[3]. Pela falta de organização e carência de material os arquivos dos clubes de futebol não serão utilizados nesta pesquisa.

[3] A descrição completa e detalhada das fontes primárias pesquisadas está no final deste trabalho. Destacamos agora apenas os mais utilizados: no Rio de Janeiro foram pesquisados a revista O Correio da Manhã e o Jornal do Comércio. Em São Paulo foi pesquisado o Correio Paulistano; em Porto Alegre, o Correio do Povo; e na Bahia o Diário de Notícias e o Diário da Bahia.

O recorte temporal foi definido a partir de duas questões básicas. A primeira está relacionada à proclamação da República e a acomodação do futebol como principal esporte daquele período. Não que a República esteja diretamente ligada ao projeto de modernidade do país, o mesmo já aparecia no Império, tampouco queremos afirmar que há uma relação direta entre o futebol e esse sistema político, no entanto, porém, foi no novo sistema político que as mudanças sociais e culturais se exponenciaram, especialmente pela necessidade de atrelar o novo sistema político a uma nova imagem para o país, e que o futebol chegou e desenvolveu no Brasil.

Apesar de ser uma data eminentemente política e, sobretudo, não trazer em si mudanças tão expressivas, a partir de 1889 se torna presente nos periódicos um discurso que atrelava as mudanças sociais ao novo cenário político. Desse modo, os avanços no processo de modernização do país acabaram se atrelando ao evento político. Assim, mesmo com todas as dificuldades e desigualdades visíveis em todo o país, de algum modo, os discursos de novo tempo que surgiram com a Proclamação da República envolviam a intensificação do processo de desenvolvimento das cidades e, em particular, o seu cenário esportivo.

Logo, a escolha da data inicial da pesquisa não parte da sua compreensão política, a Proclamação em si, mas sim, parte da aceleração dos desdobramentos modernizantes que se impõe ao novo tempo. Mesmo sabendo que o futebol demoraria alguns anos para chegar ao Brasil, pelo menos na sua forma mais robusta, com clubes bem definidos e representatividade social, acredito que devemos começar a analise com a Proclamação da República devido ao processo que verificamos a partir dela.

O ano de encerramento da pesquisa (1912) é a nossa segunda questão. A data se refere especificamente a cidade de Salvador, que no referido ano assume de forma clara e objetiva um projeto de modernização para a cidade, iniciado com o prefeito JJ Seabra.

Como comumente apresentamos o futebol como parte de um projeto de modernização das cidades, iremos verificar que na cidade baiana esse fato não ocorre. Por ter chegado antes das transformações urbanas, verificaremos que o esporte em salvador foi à primeira expressão da modernização daquela cidade. De qualquer forma, iremos debater como as questões do racismo e da modernidade interferiram no seu desenvolvimento, já que a modernidade e todos os seus desdobramentos urbanos ainda não era uma questão definida naquela cidade.

Enquanto nas outras cidades, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, o futebol acompanhou o projeto de modernização, na Bahia ele aparece anterior ao movimento modernizante. Assim, achamos interessante encerrar a pesquisa onde visivelmente há um deslocamento no processo. Ou seja, Salvador pode nos apresentar um cenário completamente diferente das outras localidades, que será validada ou não no fim da pesquisa.

Nessa pesquisa trabalhamos com duas hipóteses centrais. A primeira é a de que a posição de destaque das duas primeiras cidades, Rio de Janeiro e São Paulo, não confere as suas experiências esportivas responsabilidades pelas transformações do esporte em outras cidades. Mesmo com toda a reconhecida importância, tentaremos comprovar que as questões internas, vivenciadas tanto em Salvador como em Porto Alegre, tiveram pesos muito maiores no desenvolvimento do esporte do que a chegada dos pretendidos modelos que vinham do Rio de Janeiro e São Paulo.

A segunda hipótese é a de que o racismo e o projeto de modernização das cidades e das suas instituições foram responsáveis por grande parte das transformações do esporte, em especial do futebol. Na verdade, acreditamos que as duas experiências são marcas importantes do período e, com isso, podem nos ajudar a pensar o futebol de forma mais profunda. A relação entre os temas (esporte, racismo e modernidade), como

iremos tentar demonstrar, é intima e pode nos ajudar a entender melhor o processo. Acreditamos que essa situação só começar a perder peso, ou passa a ser visto de outra forma, quando o futebol se torna, com clareza e objetividade, um produto, passando sua rentabilidade a ser uma das suas principais fontes de desenvolvimento e interesse.

A intensificação do projeto de modernização inaugurou um novo tempo no Brasil. As cidades passaram a apresentar e, especialmente, a provar novas experiências e sensibilidades. Sandra Pesavento, importante pensadora das cidades, diz que há uma renovação da cultura urbana nesse período de virada do século (PESAVENTO, 1995).

Pensaremos as cidades através das suas representações[4], tentando alcançar novas reflexões explicativas que transcendam o mimetismo tão explorado quando tratamos de futebol no Brasil. A noção de representação e, sobretudo, os seus significados em cada uma das cidades serão decisivos para avançarmos sobre o objeto.

Acreditamos que a cidade seja, assim como aponta Pesavento, um lugar ideal para a construção destes significados. Nesse sentido, como estaremos pensando as cidades naquilo que elas produzem, ou seja, expressa na e pela própria cidade, tentaremos não construir conexões externas diretas e simplistas sem antes mergulharmos nas suas próprias construções.

O início da República e, especialmente, a intensificação do projeto de modernização que emerge no país impõem a questão urbana como central para o desenvolvimento da nação. Mesmo que as marcas do agrário estejam expressas de maneiras muito claras, sobretudo na economia e na política, o urbano passa a expressar o novo e o desejado *modus vivendi*.

[4] Estamos aqui trabalhando com o conceito de Representação de Roger Chartier, que entende as representações como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações permitem também avaliar, definir e escalonar os indivíduos em função do que é construído e desejado para si e para o outro. Ver em CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

Antes de detalharmos a especificidade deste trabalho, é imprescindível conhecermos o que foi produzido sobre o futebol no Brasil. Desse modo, ficará mais inteligível a intenção de se produzir um trabalho que relacione as cidades fora do grande eixo. No momento em que as especializações estão dominando a universidade, em particular a produção historiográfica, entramos na contramão da corrente querendo produzir não um texto com pretensões globais, mas sim um trabalho que possa aumentar o alcance do olhar sobre um objeto tão representativo.

O livro mais conhecido sobre o futebol, *O negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho (2003), lançado originalmente em 1947, serve à nossa tese como forma de exemplificar a limitação e os determinismos nos quais os escritos sobre o futebol estão imersos. O importante trabalho de Mario Filho trata, fundamentalmente, das experiências vividas no Rio de Janeiro, em especial do negro. No entanto, a começar pelo título, e sem dúvida numa análise mais comprometida com o tema, verificamos que a história contada tem pouco de Brasil e muito de Rio de Janeiro. Na verdade, mesmo sobre o Rio de Janeiro, o trabalho tem grandes deficiências, em especial as que tornam lineares e simples a trajetória do negro no futebol.

Numa análise rápida do sumário[5] já podemos apontar para o sentido abreviado do processo que Mario Filho apresenta. Grosso modo, uma "brincadeira" da elite branca que chega às várzeas e, consequentemente, aos negros que, em seguida, se revoltam, ascendem, e tomam conta do esporte. Enfim, uma história muito bem contada, mas que, ao fim e ao cabo, pouco efetivamente tem a ver com o processo de significados e re-significados em que o futebol está envolto.

Na obra de Mario Filho a questão do negro, sua presença e participação nos

[5] O sumário da Obra apresenta a história da seguinte forma: capítulo 1 – *Raízes do saudosismo*, capítulo 2 – *O campo e a pelada*, Capítulo 3 – *A revolta do preto*, capítulo 4 – *Ascensão social do negro*, capítulo 5 – *A provação do negro* e, no último capítulo, *A vez do preto*.

campos de futebol, é um bom exemplo da limitação da obra. Para o autor, a experiência do Rio de Janeiro, em especial do *Club* de Regatas Vasco da Gama, foi a grande responsável pela revolução do futebol no Brasil. Tal fato, como veremos ao longo deste trabalho, demonstra claramente a inobservância do autor em relação ao que acontecia em Salvador e em Porto Alegre alguns anos antes desse embate no Rio de janeiro, bem como a hierarquização, por parte do autor, do que era ou não importante para o cenário futebolístico, dando prioridade e destaque aos fatos ocorridos na capital federal, mesmo não havendo nenhuma fonte que comprove os reflexos das escolhas do clube carioca em outras cidades.

Em outro conhecido trabalho, a *História Política do Futebol Brasileiro*, de Joel Rufino dos Santos (1981), publicado pela editora Brasiliense, a proposta é a mesma: o Rio de Janeiro e, neste caso ocupando também posição destacada, São Paulo aparecem como os grandes definidores do futebol brasileiro.

Rufino, em apenas 90 páginas, busca dar conta da história do futebol no Brasil. Em um dos trechos, o autor diz que "com a invasão da plebe, muito admirador do 'esporte bretão' deixou de sê-lo. Moças da sociedade já não concorriam aos *fields*; muito estudante tinha preferido retornar ao remo, à equitação; os jornais andavam cheios de acusações ao jogo da bola, à sua violência e descortesia". Numa análise das fontes, verificamos o quanto o processo descrito pelo autor corrobora para as compreensões equivocadas sobre o esporte. Não só não houve invasão, como, ainda que os jovens voltassem para as suas modalidades, o futebol continuou crescendo pelo país e, especialmente, a violência não foi resultado da presença de negros e pobres no futebol.

O antropólogo Anatol Rosenfeld também fez parte do grupo de intelectuais que se debruçaram sobre o futebol. Em seu trabalho *Negro, Macumba e Futebol* (1993), em

especial o capítulo *O Futebol no Brasil*, o autor trata do tema de forma reduzida, mesmo tendo a intenção de falar aos leitores alemães e, principalmente, estando o texto datado na sua forma e conteúdo (o texto original foi produzido e publicado em 1956 na Alemanha). Mesmo assim, acabou se tornando referência constante nos estudos sobre o futebol no Brasil.

Ainda que limitado na sua geografia, mais uma vez ancorado no Rio de Janeiro e São Paulo, Rosenfeld consegue boas reflexões sobre a importância dos aspectos econômicos no processo de transformação do futebol. O autor observou, mesmo que brevemente, a concentração dos interesses financeiros e, consequentemente, de novas práticas que passaram a vigorar nas relações dentro e fora dos campos e, mais especificamente, entre os grupos dirigentes e as camadas populares, relacionado-as ao processo econômico.

Nesse momento vale uma rápida análise sobre os primeiros escritos sobre o futebol. Neles, percebemos que o racismo e a questão do negro foram temas recorrentes. No entanto, essas duas questões foram sendo cada vez mais abandonadas pelas pesquisas, especialmente aquelas relacionadas aos primeiros momentos do futebol no Brasil[6]. Sobre esse aspecto, duas questões podem ser levantadas: a primeira, que já tenhamos alcançado a maturidade e esgotado sobre o tema do racismo no futebol; a segunda, diretamente ligada à concepção da primeira, aponta para o notório surgimento e escolha de outros temas que, ainda sem muitas certezas e pouco explorados a partir do futebol (o que parece já termos esgotado na relação racismo/futebol), tenham se tornado mais excitantes aos pesquisadores. Sobre esses dois aspectos, acreditamos que recuperar a temática é fundamental para avançarmos sobre os mitos que permanecem como verdades absolutas sobre a história e, sem dúvida, demonstrar que o tema permanece

[6] Dos 437 trabalhos sobre o futebol apenas 11 apresentam a palavra *racismo* no título e 4 trabalhos, a palavra *negro.*

sendo uma boa fonte para reflexão. Enfim, voltemos à produção sobre o futebol.

A obra de Thomas Mazzoni (1950), História do Futebol no Brasil, é outro reconhecido trabalho que se tornou um clássico da história do esporte "bretão". Lançado no ano da Copa do Mundo no Brasil, em 1950, o autor se debruçou sobre o esporte e, da mesma forma, se propôs a contar a história do futebol no Brasil. No entanto, mais uma vez, nos deparamos com um olhar geograficamente reduzido, bem como sentimos falta de um investimento maior nas fontes de outras cidades, já que a obra fixa o debate no eixo Rio-São Paulo apesar de desejar tratar de todo o Brasil.

O último trabalho desse primeiro grupo de autores que se debruçaram sobre o futebol confirma a tese de que o futebol foi tratado a partir de grandes generalizações e pouco grau de complexidade. O livro de Loris Baena Cunha, *A Verdadeira História do Futebol Brasileiro*, publicado no final da década de 50, é um exemplo emblemático da ambição do autor, que de certa forma também está presente nos outros trabalhos, de contar a verdade sobre o esporte. Apesar da pretensão, o livro, marcado pelo empirismo das datas e fatos e pelo mérito de ter saído do eixo Rio-São Paulo, apresenta um olhar superficial sobre o futebol. De Belém do Pará ao Rio Grande do Sul, de Minas Gerais ao Paraná, o livro é repleto de informações pontuais sobre o futebol nesses Estados. Porém, o conjunto dos fatos não é analisado em profundidade, tampouco com mais complexidade, há apenas uma descrição aleatória dos fatos.

Sobre esses autores vale uma ressalva importante. Em nenhum dos casos o trabalho foi produzido a partir de uma perspectiva acadêmica. Até mesmo o trabalho de Anatol Rosenfeld, reconhecido filósofo alemão, foi produzido como um ensaio sem nenhuma grande pretensão acadêmica. Foram os jornalistas, memorialistas e apaixonados pelo tema que dominaram esse primeiro momento da produção bibliográfica sobre o futebol. Não queremos, com isso, delegar demérito a esse tipo de

produção; no entanto, há visivelmente limitações claras acerca daquilo que o autor se propõe a fazer e aquilo que efetivamente a obra apresenta.

Enfim, estes são apenas alguns trabalhos que se consolidaram sobre a história do futebol e, a partir deles, acabamos tendo acesso a textos que pretendiam contar sobre o Brasil, mas nos traziam, basicamente, histórias reduzidas e regionalizadas sem grandes preocupações metodológicas e sem profundidade de análises.

No segundo momento, a partir dos anos 70 e 80, o futebol surge numa nova perspectiva. Passa a ser investigado por acadêmicos e com isso diminui o caráter holístico do tema. Em principio, os pesquisadores não buscavam mais dar conta da história do futebol brasileiro, mas sim, apresentar questões mais específicas sobre o fenômeno.

Simone Lahud Guedes, Roberto da Mata, Mauricio Murad, Luiz Henrique de Toledo, Ronaldo Helal e Hugo Lovisolo foram alguns dos intelectuais responsáveis por levarem o futebol para dentro das universidades. Com isso, o tema passou por uma nova configuração. Para além das datas e fatos ocorridos ao longo dos anos, a preocupação passou a ser explicar o esporte associado a questões mais amplas da sociedade, através de conceitos e métodos que dariam suporte para uma melhor compreensão sobre o tema.

Houve, a partir de então, após a intervenção desses autores, uma movimentação no sentido de sistematizar a área. Os temas se diversificaram e os assuntos tomaram profundidade. Torcida organizada, raça, mídia, violência, dentre outros, passaram a compor as temáticas dos livros sobre o futebol. Não tínhamos mais a intenção de explicar o Brasil. Os trabalhos passaram a operar com um recorte espacial mais bem definido, ainda que, em alguns casos, os títulos das obras permanecessem apontando para uma história do BRASIL. Os livros *No país do Futebol* (TOLEDO, 2000), *O Brasil no campo de futebol* (GUEDES, 1998) e a *Invenção do País do Futebol* (HELAL;

SOARES; LOVISOLO, 2001) são apenas três exemplo que permanecem com a mesma perspectiva, ao menos no título.

Num terceiro momento, fruto do desdobramento e do alcance do trabalho desses autores, especialmente nos anos 2000, uma nova leva de pesquisadores investiram sobre o tema. Gilmar Mascarenhas (2001), Antonio Jorge, em seguida, Leonardo Afonso, João Malaia, Bernardo Buarque e muito outros começaram a dar uma nova dinâmica, até então nunca vista sobre o assunto[7].

O grande avanço, nesse momento, foi o aumento significativo do número de trabalhos produzidos fora do eixo Rio-São Paulo que, fundamentalmente, ajudaram a ampliar o olhar sobre o objeto. No entanto, duas questões começaram a surgir em decorrência dessa grande diversidade.

A primeira grande questão gira em torno da espacialização do tema. Ou seja, começou-se a produzir textos sobre cidades em que o futebol esteve presente sem que se levassem em conta fatores externos e a existência de macro estruturas, como, no nosso caso, o fim da escravidão e projeto de modernização do país, importantes para os desdobramentos do processo. Na verdade, a produção da terceira geração parece querer objetivamente apenas confrontar-se com a primeira, que atribuiu todos os méritos ao Rio de Janeiro e a São Paulo.

Vale citar alguns títulos a fim tornar mais compreensível o fato: no Rio Grande Sul, Arlei Sander Damo escreve sua dissertação de mestrado com o Titulo: “Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do grêmio foot-ball porto alegrense e seus torcedores” (1998). Outro trabalho, agora em Goiás, é produzido por Alexsander Batista e Silva, cujo titulo é “Territórios peladeiros da periferia

[7] Quantidade de trabalhos por estado apresentados a partir dos anos de 1990 fora do eixo Rio-São Paulo: Brasília: 01 dissertação – Rio Grande do Sul: 05 dissertações e 01 tese – Paraná: 05 dissertações e 01 tese – Ceará: 02 dissertações – Pernambuco: 01 dissertação – Alagoas: 1 dissertação – 05 dissertações e 1 tese. Esses são apenas alguns trabalhos disponíveis no site da CAPES.

proletária de Goiânia: o jogo de bola que subverte o tempo e o espaço" (2008).

O problema, nesse caso, é que no esforço de apresentar a autonomia local, muitos destes trabalhos esqueceram de avaliar a importância externa e as grandes estruturas no desenvolvimento de todo o processo. O resultado acabou sendo uma "micro-história" que abandonou as grandes questões, ou, no mínimo, que as consideravam algo secundário no desenrolar das ações.

A segunda grande questão existente hoje, quando analisamos a produção sobre o futebol, é o número reduzido de trabalhos que comparativamente possam identificar os pontos comuns e divergentes entre diferentes cidades quanto ao processo de desenvolvimento do futebol. Com tanta autonomia e recortes espaciais cada vez menores se tornou difícil encontrar um texto em que consigamos um olhar articulado de todo processo, ou que no mínimo que transcenda o regionalismo.

Nesse contexto, no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, alguns pesquisadores do núcleo de História do Esporte, coordenado pelo Professor Victor Andrade de Melo, vem tentando minimizar essa situação. Mauricio Drumond, Ricardo Pinto, Álvaro Vicente Cabo, Luiz Santana e Ney Santos vêm investindo na produção de textos que promovam olhares atentos as nuanças que ficaram pelo caminho na evolução dos escritos sobre o tema.

Esta tese faz parte do esforço de tentar compreender o processo de inserção e desenvolvimento do futebol levando em conta macroestruturas (racismo e o projeto de modernidade) presentes em duas importantes cidades fora do grande eixo. Na verdade, a originalidade deste trabalho está em fazer uma análise transversal e em conjunto sobre o tema e, de certa forma, recuperar grandes temáticas ora esquecidas, nesse caso, o racismo e a modernidade.

Teremos o cuidado de investigar as fontes secundárias, para além das fontes

primárias. Pois, ainda que tratadas numa perspectiva regionalista, no caso de Salvador e Porto Alegre quase sempre utilizando o Rio de Janeiro e São Paulo como pontos de apoio, elas devem contribuir para um olhar interno do grande painel em que estão inseridas as cidades. Ademais, poderão suscitar pontos importantes para investigação e análise.

Enfim, antes de investirmos sobre a nossa pesquisa propriamente dita, acreditamos ser necessário apresentar de forma mais detalhada os dois principais objetos deste trabalho, o racismo e a modernidade, com intuito de deixar mais claro as suas escolhas e, fundamentalmente, as suas relações com o futebol. Começaremos pelo racismo.

O racismo

Quando tratamos dos primeiros anos da República no Brasil, verificamos que é possível afirmar que o racismo foi um dos grandes impeditivos para que negros, fossem ricos ou pobres, pudessem alcançar um lugar de destaque no cenário nacional. Assim, partindo dessa premissa, tentaremos demonstrar neste trabalho de que modo o racismo atingiu o cenário esportivo em geral e, em particular, o futebol. Numa sociedade em que o reconhecimento da superioridade do homem branco sobre o homem de cor era quase uma certeza absoluta, partimos da hipótese de que o racismo esteve presente de uma maneira emblemática e decisiva na chegada e em todo o processo de consolidação do futebol no Brasil.

Desse modo, creditamos ao racismo um lugar de destaque nesta tese. Por isso, devemos explicar melhor por que essa temática foi escolhida. Duas importantes constatações são norteadoras dessa nossa escolha. A primeira está circunscrita ao mais famoso trabalho sobre a presença do negro no futebol, o livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mario Filho (2003). A obra é responsável por grandes equívocos e, sobretudo, por consagrar um olhar reduzido e regionalizado sobre o tema.

Como já apontado anteriormente, o importante livro de Mario Filho é, apesar de o título sugerir uma história geral do negro no futebol brasileiro, o que vimos é uma parte do que foi vivenciado no futebol do Rio de Janeiro. A limitação de fontes, o "esquecimento", desprezo ou ignorância de outras experiências, de certa forma marcadas pela nova política da capital e, principalmente, o tempo histórico em que foi escrito acabou influenciando diretamente no resultado do livro.

A segunda constatação é que depois de Mario Filho nenhum outro autor

brasileiro fez um trabalho sistemático sobre a presença do negro no futebol brasileiro. Ainda que o tema seja sempre recuperado, principalmente pelo destaque dos negros no esporte, nada foi escrito com verticalidade, complexidade e amplitude que pudesse controverter a obra do consagrado autor.

É preciso entender, antes de qualquer coisa, que a produção de Mario Filho esteve atrelada a um projeto maior de construção de nação que partia do Rio de Janeiro, capital da República, para os outros estados. Assim, nitidamente influenciado pela obra de Gilberto Freyre (1933, 51ª Ed Rev de 2006) e, especialmente, mergulhado na atmosfera em que o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) colocava o país, parece compreensível que a obra tenha se fixado na capital federal.

O trabalho que mais chamou a atenção sobre os cuidados e perigos acerca do uso indiscriminado da obra de Mario Filho foi desenvolvido na tese de doutorado de Antônio Jorge Soares, defendida em 1998 na Universidade Gama Filho. O autor chamou atenção para os pormenores da obra, as diferenças em cada uma das edições e, sobretudo, aos usos dos chamados "novos narradores", como define Soares a nova geração de autores que se debruçaram sobre o livro. Segundo o autor, os novos narradores não se preocuparam em contrastar ou cruzar a obra com outras fontes, tampouco ficaram atentos a mudanças importantes de posicionamento e fatos entre a primeira versão e as que foram lançadas posteriormente. A tese de Soares gerou no reduzido campo da história do esporte, até então, um grande alvoroço. Notadamente, por ter ido de encontro às histórias contadas por Mario Filho e, principalmente, por questionar a "reiteração obsessiva de tal narrativa" que somente "confirma, valida e faz verdadeira a história contada" (HELAL; SOARES; LOVISOLO 2001, p.14). Antonio Jorge Soares diz que os "cientistas sociais que utilizam a obra de Mário Filho a qualificam de verdadeira, objetiva e completa" (*op. cit*, p.15). De certa forma, o autor

tem razão. São reduzidos os trabalhos que problematizam o clássico trabalho sobre o futebol[8]. No entanto, quando tratou da utilização da obra, Antonio Jorge Soares acabou questionando a validade do racismo como pressuposto explicativo do período inicial do futebol. Ele afirma que o "Futebol não parece ser o local mais propício para observar o preconceito, a discriminação e a segregação que desejam apresentar os 'novos narradores' na medida em que eles próprios afirmam ter sido esse esporte um meio de mobilidade social" (*op cit*, p 45). Com as suas afirmativas o autor abre brechas para, no mínimo, duas críticas ao seu trabalho.

A primeira está em associar, de forma muito linear e direta, os equívocos no uso da obra de Mario Filho à negação do racismo como conceito, ou experiência, que pudesse nos servir como base de entendimento para processo inicial do futebol. Para isso, o autor deveria ter investido na historiografia sobre o racismo ou na sua oposição, que pudesse, assim, servir como base para os argumentos que estava construindo.

A segunda crítica, que retiramos do próprio trabalho do autor, está na ausência de fontes primárias sobre o tema, em especial as que se opusesse ao racismo e que, fundamentalmente, pudessem servir como apoio ou validação do seu argumento. Ou seja, a mesma crítica feita por ele aos "novos narradores" é válida para si quando analisamos o seu trabalho: não há uma pesquisa profunda sobre o racismo, mesmo o trabalho tendo foco no livro de Mário Filho, seus argumentos acerca do racismo mereciam um investimento mais profundo de pesquisa e debate.

Autores como Ronaldo Helal, Cesar Gordon Jr, em conjunto (2001), e Leonardo Bahiense (2003), num trabalho bem específico, já apontaram para as fragilidades e os méritos do trabalho de Antônio Jorge Soares. Desse modo, nesta tese, iremos apresentar

[8] Na verdade o que fica evidente nos estudos sobre o futebol é que nenhum outro intelectual se debruçou de forma sistemática sobre a história do negro no futebol brasileiro. Na contramão dessa constatação, venho produzindo, desde 2006, textos que colocam o racismo e a participação dos negros no futebol brasileiro em primeiro plano no debate dos primeiros anos do futebol no Brasil (Santos 2006; 2008; 2009; 2012).

apenas o ponto que importa para nossa argumentação central: a de que podemos abreviar, ou no mínimo sermos reducionistas demais, o pensamento sobre a sociedade brasileira, especialmente no período de passagem do século XIX para o XX, sem levarmos em conta os aspectos simbólicos e reais do racismo. Para isso, se torna necessário entendermos melhor o racismo como conceito e prática.

O contexto do racismo

Finalizada a escravidão no Brasil (1888), houve um rápido, de certa forma pueril, reconhecimento de que haveria uma mudança substancial quanto à posição que o negro ocupava na sociedade. Com a tão esperada liberdade, o entendimento era o de que os “homens de cor” teriam a chance de ascender socialmente e, sobretudo, obter o reconhecimento de cidadão para, livres, conquistarem seu lugar na República.

Com a liberdade, não havia mais um sistema formal que definisse um lugar para o negro, ou melhor, nos termos da época, para os “homens e mulheres de cor”. Nesse contexto, os problemas passaram a surgir sobre um novo prisma. Os “homens brancos” que, até então, reconheciam os negros como sendo simplesmente uma mercadoria, passaram a se preocupar com as revoltas, com as pequenas organizações e, fundamentalmente, com a proximidade e anseios desse grupo que agora, “livres”, estavam pelas cidades. Com a libertação dos escravos, mesmo antes, em nenhum dos debates ocorridos, em que a escravidão ou a posição do negro na pós-escravidão foram os temas centrais, gerou-se de forma sistemática a humanização do escravo ou um posicionamento de colocar o negro em pé de igualdade com o homem branco.

Vale uma ressalva importante neste momento: ao longo desse trabalho iremos fazer referências aos “homens de cor” e aos “homens brancos”, porém não queremos com isso homogeneizar grupos tão amplos e complexos. No entanto, compreendemos que os termos dão conta de um cenário que facilmente pode ser comprovado através das fontes e, principalmente, definiam uma estrutura que agrupava a maioria populacional de cada grupo.

O novo cenário que se constitui levanta novas tensões entre os grupos que, naquele momento, passaram a disputar os espaços com mais liberdade, mesmo que relativa no caso dos negros. Desse modo, o racismo passa a ser entendido a partir de

duas variáveis: primeiro, há um princípio de inferiorização do grupo racizidado e, segundo, não se reconhece nenhum lugar na nova sociedade em que esse grupo seja adequado (WIEVIORKA, 1995).

Os homens de cor formaram naquele momento o “grupo-vítima” que deverá ocupar os piores lugares nas cidades e, com isso, passam a viver na situação extrema de exclusão, não reconhecimento, rejeição e, quando necessário, serão expulsos do seu território. Mesmo que consigamos apontar experiências de negros de sucesso, essas foram, em larga escala, situações de exceções.

O racismo, nesse sentido, passa a ser entendido no Brasil a partir da representação de um grupo como inferior e de outro que se reconhece como sendo naturalmente superior. No império, esse processo já era visto, porém, numa perspectiva bem diferente. Mesmo convivendo lado a lado, os homens de cor não possuíam representatividade social que pudesse gerar grandes e profundos deslocamentos na sociedade ou, de certa forma, ameaçasse os grupos dominantes.

O fim da escravidão e, em seguida, a radicalização do projeto de modernização que a Proclamação da República experimentou foram decisivos para a constituição desse processo. A sociedade que se pretendia moderna se tornou o lugar ideal para o racismo. Como aponta Wieviorka, se a sociedade moderna “é o lugar do aparecimento do racismo, é precisamente porque ela destrói as relações de hierarquia e de distância social tradicionais sem, entretanto, assegurar a integração de todos numa cultura universalista” (*op. cit.*, p. 29).

Embora, é claro, desde o século XIX, especialmente depois de 1850, já existisse um discurso intenso sobre a abolição, a questão da raça permaneceu na superfície desse debate. De modo geral, a raça ainda não era uma questão central. Somente na República esse tema assumiu um contorno mais expressivo. Com a chegada e a propagação do

positivismo, que, de certa forma, colaborou para uma mudança na forma de pensar o Brasil, em especial por parte dos militares, o debate sofreu novo recrudescimento. No entanto, ainda assim, o debate sobre raça permaneceu não sendo o foco central, este continuava atrelado ao tema da escravidão.

No último quarto do século XIX, homens letrados começaram a defender mais intensamente o fim da escravidão. Com a presença de grupos abolicionistas mais estruturados, a partir de 1879, a luta pelo fim do período escravista assume uma nova configuração. Por um lado, encontravam-se José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, Vicente de Souza, Nicolau Moreira e João Clapp, pioneiros no processo, que eram reconhecidos como os mais radicais. Noutro lado estavam Joaquim Nabuco, Andre Rebouças, Gusmão Lobo e Joaquim Serra, os moderados. Ainda assim, mesmo esse grupo de abolicionistas não tinha clareza das questões relacionadas à raça que, ao fim e ao cabo, seriam centrais após a República (SKIDMORE, 2012).

O argumento fica visível no *Manifesto da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão*[9], lançado no país em 1880. Nas vinte páginas do documento não há nenhum debate mais profundo sobre a questão da raça no Brasil. Ao contrário, o manifesto ressalta que "os sentimentos do escravo pelo senhor são superiores, como dedicação, desinteresse, lealdade, resignação aos senhores pela sua propriedade. A escravidão não conseguio até hoje crear o ódio de raça, e, quando o senhor é justo, o escravo compensa-lhe com excesso o que delle recebe como attenuação de captiveiro" (BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL DO BRASIL, 1880, p.12).

O fim da escravidão, assinada pela princesa Isabel, em 13 de maio de 1888, não trouxe a tão esperada transformação econômica e social para os homens de cor. A submissão e a deferência continuaram sendo marcas permanentes nas relações entre

[9] O documento está disponível em: http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/174443 - sítio da biblioteca do Senado Federal.

negros e brancos. É compreensível que um grupo que esteve envolto em exploração e em desumanização durante séculos encontrasse dificuldades para se acomodar em sua nova categoria social, a de homem livre.

Nina Rodrigues (1982) diz que “pomos à margem as discussões insolúveis sobre a natureza e espécie da inferioridade da raça negra.” De fato, ele diz que “não é a realidade da inferioridade social dos negros que está em discussão. Ninguém lembrou ainda de contestá-la.” (RODRIGUES, 1982, p. 262). Há uma constatação, por parte do autor, de que a raça negra não desenvolveu capacidades físicas e morais para a sua adaptação à civilização das raças superiores. Tal fato coloca à margem qualquer debate que possa apresentar um deslocamento amplo e irrestrito para as pessoas de cor.

Thomas E. Skidmore (2012) escreveu que “A cor da pele, a textura do cabelo e os traços faciais, além de outras características físicas visíveis, eram os elementos determinantes da categoria racial em que uma pessoa seria inserida. O patrimônio e a posição social aparentes da pessoa observada, indicados por seus trajes ou por seu círculo social, também afetavam a reação do observador” (SKIDMORE, 2012, p. 81).

Mesmo sabendo-se de que já havia, antes do fim da escravidão, um grande número de negros libertos que desempenharam um papel importante em todo esse processo, especialmente os mulatos mais claros, como artistas, político e escritores, a situação dos homens de cor, em geral, sofreu poucas alterações substanciais. Um fator que serviu como agravante para essa situação foi a chegada ao Brasil das teorias racistas que já faziam sucesso na Europa e nos Estados Unidos desde meados do século XIX.

As escolas de pensamentos racistas que já despontavam no velho continente chegaram ao Brasil nos anos que se seguiram ao fim da escravidão e encontraram solo fértil para a sua propagação. A elite brasileira, nesse contexto, aceitou perfeitamente a ideia da superioridade ariana, que “traduzida” para o português seria superioridade

branca, sobre os demais grupos.

Mesmo um mulato como Nina Rodrigues (1862-1906), professor de Medicina da Universidade de Bahia, que acabou se tornando um dos maiores defensores da inferioridade do povo africano, sofreu fortes influências das teorias racistas que atravessavam o oceano. Foi utilizando o darwinismo social e aplicando-o na antropologia criminal que Nina Rodrigues conseguiu grande destaque com as suas reflexões sobre a raça e a sociedade brasileira.

Durante o período recortado nesta tese, 1889 a 1912, a tese do branqueamento da população foi muito aguda entre a elite brasileira. Nela, a superioridade branca continuava sendo posta como uma certeza absoluta. No entanto, o produto final da mistura entre brancos e negros não produziria um ser degenerado em sua totalidade. Ou seja, o mestiço, até então condenado por não ser coisa alguma, nem branco, nem negro, seria, a partir da tese de João Batista de Lacerda, diretor do Museu Nacional à época, uma contribuição para o processo de branqueamento e, em consequência, para a melhoria da nossa sociedade.

Skidmore (2012) nos apresenta outros nomes que também investiram na questão do branqueamento. O autor apresenta Pierre Denis como sendo um estrangeiro que acabou influenciando muito os pensadores brasileiros. Denis defendeu o branqueamento como sendo central para o desenvolvimento do país. Após descrever a raça negra com os piores adjetivos (indolentes e moralmente inferiores), Denis em seu livro, *O Brasil no Século XX*, publicado em Portugal em 1909, foi categórico ao afirmar que era decisivo para o progresso da nação tornar a população mais branca.

Roger Bastide (1969) diz que foi preciso esperar a supressão da escravatura para se verificar se o negro teria a capacidade de se integrar à nação. Visto como um ser meramente preparado para o trabalho, ainda se desconfiava se seria possível o negro ser

um homem portador de uma cultura. Sobre esse veredicto, Nina Rodrigues é categórico ao dizer que não. Dizia Rodrigues: "o negro brasileiro pertence a um outro mundo, permanece impermeável às idéias modernas" (*apud* BASTIDE, 1969, p. 5).

O racismo, portanto, ganhou forma com o fim da escravidão e, principalmente, com o novo cenário que a República desenhou. O grupo dominante, notadamente a elite[10] branca do país, se apropriou de uma série de estudos, nacionais e internacionais, para justificar e, sobretudo, acomodar as suas pretensões, já que os novos tempos geraram uma significativa alteração do *status quo* que os legitimavam sem muita dificuldade. Nesse sentindo, a inferiorização do negro passou a conferir ao homem branco valores simbólicos e reais que os colocava na condição de cidadão pleno no desenvolvimento da nova sociedade. Em contraposição, a antítese foi construída concomitantemente, ou seja, o anticidadão também foi criado (MOORE, 2007).

Criaram-se então mecanismos de inclusão e exclusão que passou a definir quem estaria apto ou inapto a figurar no novo cenário. Da mesma forma, as estruturas das relações sociais foram atingidas diretamente com esse processo. O esporte, neste caso, não ficou de fora desse processo. Peter Gay diz que "nada parece mais natural do que a facilidade com que os seres humanos afirmam sua superioridade sobre um outro coletivo." (GAY, 1988, p.76)

Em seguida, diz o autor: "O século XIX apresentou o que se chamava de explicações científicas para odiar e desprezar os estrangeiros. O que acabou por dominar tais explicações para a agressividade foi o argumento da raça" (*Ibidem*, p. 77). No Brasil, o argumento de Gay se amolda perfeitamente. As teorias que desembarcaram

[10] Nesse trabalho utilizaremos constantemente a expressão elite branca para darmos conta do perfil geral daqueles que dominavam o cenário econômico e social da época, bem como simbolizavam o grande modelo de modernização desejado pelo Estado. No entanto, não defendemos a ideia de homogeneização do grupo, haja vista a complexidade comum a qualquer grupo social. De qualquer modo a expressão, ou mesmo a palavra elite, tem força simbólica e real significativa para o período e, por essa razão, a estamos utilizando.

por aqui nas últimas décadas do século XIX foram largamente utilizadas para justificar todo o processo de agressão e exclusão pelos quais passaram os “homens de cor”. A partir dessa proposta, tentaremos verificar se as instituições que se desenvolveram naquele período, inclusive as esportivas, foram também “contaminadas” com essas questões. Assim, torna-se difícil pensar a sociedade brasileira, sobretudo nesse período, sem mergulhar nos debates sobre fim da escravidão e, em seguida, sobre raça. Tentaremos demonstrar que o campo esportivo que emergiu nesse contexto, em larga escala, esteve submerso no processo e, do mesmo modo, o quanto as relações raciais foram determinantes para isso. Essas relações geraram custos e benefícios explícitos em todos os segmentos e para todos os atores sociais. A cor da pele vedava o acesso a tudo aquilo que fosse significativo para o homem branco, especialmente quando o “objeto de desejo” estava envolvido na atmosfera do projeto de modernidade. Moore diz que “o racismo veda o acesso a tudo isso, limitando para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros, também em função de seu fenótipo” (MOORE, 2007, p. 284). Noutras palavras, isso significa dizer que o racismo privilegiou e beneficiou os interesses dos grupos dominantes e, sobremaneira, prejudicou a população negra do país.

Nesse processo dois pontos são importantes para o entendimento do grande painel em que está incluído o futebol. O primeiro trata da construção de valores e imagens reconhecidas como ideais pelos e a partir dos jornais da época. Ou seja, os principais periódicos investiam maciçamente em apresentar e firmar os valores da população branca como sendo superiores aos dos negros. Na verdade, para as elites, era certa a ideia de que seriam os brancos os reais representantes dos novos tempos. Com isso, em alguns casos, a comunidade negra passou a confirmar a falta de virtudes de alguns grupos de negros e passaram a se esforçar para se aproximarem ao máximo

possível das práticas das elites brancas[11], com isso buscavam uma adequação ao modelo proposto pelo grupo dominante.

O segundo ponto trata de uma possível "falta de consciência" dos grupos estigmatizados em compreender que os discursos elogiosos eram feitos de forma endógena, ou seja, o grupo que elogiava era o mesmo que recebiam os elogios. Eram os grupos dos estabelecidos que atribuíam aos seus próprios membros uma série de autoelogios que acabavam se figurando como verdades no cenário social que se desenvolvia. Com isso, em torno desse discurso era construída uma barreira importante aos indesejados, já que, para os *outsiders* (palavra que poderia ser substituída por negros ou pobres), o discurso era sempre no sentido de asfixiar qualquer tentativa de acomodação ou progressão social que pudesse colocar em xeque o domínio do grupo dominante. Logo na introdução da sua obra, Elias e Scontson (2000), escrevem que "O grupo estabelecido sente-se compelido a repelir aquilo que vivencia como uma ameaça à sua superioridade de poder (em termos de sua coesão e seu monopólio dos cargos oficiais e das atividades de lazer) e a sua superioridade humana, o seu carisma coletivo, através de um contra-ataque, de uma rejeição e humilhação contínuas do outro grupo" (ELIAS; SCONTSON, 2000, p. 45). Desse aspecto, devemos destacar o controle dos meios de comunicação por parte das elites. Tal fato é determinante para entendermos o processo como um todo. Afinal, o discurso proferido acaba desempenhando um papel fundamental na produção cognitiva do racismo, tornando-o uma espécie de método para o aprendizado[12]. Assim sendo, concluímos que o racismo não vem de uma condição inata, mas sim é aprendido através dos mais diversos meios.

[11]Um ótimo trabalho que apresenta esse debate pode ser conferido em: GIACOMINI, Sonia Maria. A Alma da Festa – família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro - O Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

[12] Para entender melhor sobre a importância do discurso no processo de racismo consultar: VAN DIJK, Teun A. Discurso Y racismo. Publicado em David Goldberg & John Solomos (Eds.), The Blackwell to Racial and Ethnic Studies. Oxford: Blackwell, 2001.

Enfim, antes de nos debruçarmos, especificamente, sobre o futebol e o racismo, consideramos importante fazer esse levantamento rápido sobre o grande painel em que esse esporte está inserido. Sem esse panorama geral poderíamos cair em armadilhas comuns na bibliografia sobre o tema. Afinal, a transformação do escravo em homem livre não ocorreu de forma simples e linear.

Devemos lembrar que os direitos políticos e sociais continuaram distantes para os homens de cor. O que se imaginava ser uma mudança significativa e total do estatuto social, o fim da escravidão acabou se mostrando reduzido para o que efetivamente era necessário para o grupo. Ou seja, a liberdade adquirida não significou efetivamente uma mudança substancial daquilo que era vivenciado na escravidão. Ser livre não tornava o homem de cor um novo cidadão. Para isso, precisamos compreender os múltiplos e complexos significados da palavra liberdade, como apontam Flávio dos Santos Gomes e Olívia Maria Gomes da Cunha (2007).

Neste trabalho, não nos preocupa elencar heróis ou vilões do futebol. Nossa intenção será ampliar as possibilidades de entendimento. Tentar articular as experiências de duas importantes cidades brasileiras e, através disso, constatar o que elas tinham em comum e o que as diferenciavam. Ao contrário das histórias que retratam o negro no futebol, não buscamos defini-los como os revoltosos que ascenderam e viraram heróis (como em Mario Filho, 2003), mas sim tentaremos apresentá-los imersos num cenário mais amplo de experiências que acabaram se desdobrando também dentro do futebol.

Certamente, outros aspectos foram importantes para o desenvolvimento esportivo no Brasil. Como apontado anteriormente, devemos nos debruçar um pouco

mais sobre o tema para, somente depois, avançarmos na pesquisa. A seguir iremos entender um pouco mais sobre a modernidade ou, de forma mais adequada, sobre o projeto de modernização do país, outro importante objeto de nossa investigação.

A modernidade

Analisar a modernidade no Brasil é uma tarefa complexa, sobretudo, por se tratar de um país em que as marcas e poder do campo ficaram presentes por muitas décadas, de forma emblemática, na economia e na política brasileira. De forma apressada, a modernidade acabou se atrelando quase que exclusivamente ao processo de modernização das cidades e, nesse contexto, houve uma limitação na compreensão do conceito.

Assim, devemos afirmar logo de inicio que a modernidade sempre será um discurso e, desse modo, ela será vivenciada dentro de projetos de modernização distintos e, sobretudo, possíveis em cada uma das cidades. Não é admissível, nesse sentido, pensar em uma única fórmula ou modelo para modernidade brasileira. Acreditamos que devemos assumir que a modernidade nas cidades foi gestada dentro de suas possibilidades reais e simbólicas.

O que conseguimos destacar efetivamente, daquele momento, são discursos de modernidade que acabaram figurando como sendo a sua própria existência. Ou seja, num período marcado ainda pelas questões do campo e com sinais claros da força desse grupo, emergiu um discurso sobre a modernidade como parte essencial da nova política de Estado que, mesmo com tudo isso, em nada tinha a ver com a real situação dos seus dirigentes que, em sua grande maioria, eram senhores do campo, envolvidos principalmente com café.

A República, nesse contexto, deu ênfase ao projeto de modernização iniciado no império, fundamentalmente nas capitais, mesmo diante de um incipiente desenvolvimento tecnológico e científico. Tal fato acabou gerando uma grande dificuldade em se definir o que realmente era ser moderno. Essa ambivalência marcou o período, assim como as ações dos seus agentes sociais. Não era possível separar de

forma objetiva, e sem brechas para questionamentos, quem era moderno de quem não era. Vale ressaltar que mesmo na Europa a modernidade não pode ser vista como um modelo para todas as cidades e países.

De qualquer forma, mesmo com toda a ambiguidade, o projeto de modernização foi posto em prática e gerou uma nova dinâmica nas cidades que até então não fora experimentada. Mesmo que consigamos apontar ainda no Império movimentos claros para modernizar as cidades, com a extensão das ferrovias (saiu de 15 km, em 1854 para 9.321 km em 1888) e construção de indústrias (foram abertas, até 1849, 67 unidades e, de 1850 a 1889, outras 569), foi na República que essas transformações se exponenciaram a números nunca antes vistos e, para além dos avanços numéricos, significaram uma nova mudança no *modus vivendi* da cidade e de sua população.

Naquele momento, na passagem do século XIX para o XX, as transformações ocorrem por todos os lados. Os transportes, a energia elétrica, o comércio e, o que especificamente interessa para a nossa tese, as novas formas de divertimento redesenharam a cidade e, a partir daí, há uma nova atmosfera que passa a captar e gerar novas sensibilidades e experiências.

O futebol faz parte do conjunto de práticas que preencheram aquele tempo. Não da República propriamente dita, mas sim do projeto de modernização radicalizado a partir dela. É o esporte moderno “trazido” da Europa e reconhecido como mais um, entre tantos, símbolo da modernização da sociedade. Praticar um esporte, como o futebol, significava muito mais do que apenas estar envolvido com uma prática de lazer. No entanto, este não era um privilégio do futebol, outros esportes também ocuparam posição de destaque nesse processo (remo, ciclismo e automobilismo), do mesmo modo que havia modalidades que figuravam como antítese ao que se reconhecia como

moderno (turfe, capoeira, touradas).[13]

Diante desse quadro em que desenhamos a associação entre o futebol e a modernidade parece simples, objetiva e bem resolvida. Tendo clareza de que o esporte moderno fez parte de uma estrutura maior de transformação do país, os escritos sobre a história do futebol brasileiro acabaram apontando, como contextualizado anteriormente, para o modelo de modernidade/modernização visto no Rio de Janeiro e em São Paulo como sendo as referências para todo o Brasil, ou, em larga escala, como sendo as experiências que moldaram as transformações nos outros estados.

Há uma espécie de miopia acerca da autonomia dos grupos sociais que estão fora da capital federal. Em consequência, foi criada uma compreensão homogênea do processo de inserção e desenvolvimento do futebol fora do eixo Rio-São Paulo. Interesses, questões, significados e, sobretudo, o modo particular que cada uma das cidades operou sobre as transformações, em especial, com a dinâmica do futebol parecem não existir se atentarmos para o que já foi produzido sobre o tema.

Como já dito, o primeiro dado relevante é que a modernidade, ou mais adequadamente o projeto de modernidade, foi vivenciado de formas distintas pelo país. Ainda que consigamos encontrar similaridade no processo, visto, por exemplo, na presença marcante do futebol nos estados, ou mesmo para os significados que grupos sociais distintos (elites e camadas populares) construíram a partir desse esporte, não podemos sugerir que o processo foi único e equânime.

O projeto de modernidade que se espalhou pelo Brasil encontrou nas mais diversas cidades condições distintas para o desenvolvimento do processo. Assim, é ingênuo pensar que os desdobramentos foram os mesmos pelo país. A capital, Rio de

[13] Para entender melhor a representatividade dos esportes na sociedade ver Melo (2001, 2010a). Lembrando que algumas modalidades consideradas, em um Estado, sinônimo de modernidade, em outras poderiam representar o atraso, o velho, o ultrapassado. A tourada é um bom exemplo dessa dinâmica. Enquanto no Rio de Janeiro, na primeira década do século XX, essa prática não representava nada de moderno, noutras regiões ainda alcançava essa representatividade.

Janeiro, por exemplo, teve como principal diferencial o volume de investimentos financeiros para pôr em prática o seu projeto. Esse dado, por si só, já desorganiza uma análise monolítica sobre o processo.

O futebol brasileiro, se assim o podemos definir, apresentou singularidades e diferenças significativas por todo o Brasil. Não temos como emoldurar um processo tão dinâmico e complexo e, principalmente, revelar esse conjunto de práticas tornará possível saber mais sobre o Brasil e, principalmente, sobre uma de suas maiores representações simbólicas.

Entendendo a Modernidade

Quando pensamos em modernidade no Brasil, rapidamente pensamos no processo de reestruturação das cidades. No Rio de Janeiro, esse aspecto tomou forma com a reforma de Pereira Passos[14] (1902-1906). Assim, é sintomático pensarmos no alargamento e construção de ruas, construção de grandes prédios, afastamento do centro das camadas populares, desenvolvimento dos meios de transportes, expansão da produção e consumo de energia, industrialização, higienização e saneamento da cidade e, em grande medida, a presença cada vez maior de estrangeiros como sendo os únicos movimentos que preenchem a modernização de uma cidade.

Sim, todos estes aspectos estiveram presentes no processo de modernização do país, no entanto, alguns outros fenômenos que compuseram esse mosaico não são tão óbvios como os apresentados acima e acabaram, dessa forma, obscurecendo a compreensão geral sobre o acontecimento. Questões de identidade, de poder, controle e descontrole, assim como, inclusão e exclusão formaram um *background* importante em que as transformações acima estiveram mergulhadas.

Com o novo sistema de governo implementado e como, a rigor, os seus valores simbólicos e materiais ainda estavam se constituindo, deve se tornar compreensível a afirmação de que a nossa modernização contou com vários elementos do passado na composição do grande painel no qual a cidade passou a se desenvolver. Um bom exemplo que será explorado mais detidamente nesta tese é encontrado nas relações sociais ancoradas nas questões da cor. Acreditamos, nesse caso, ser um claro desdobramento do passado escravocrata, associado às novas demandas do novo tempo.

[14] Francisco Pereira Passos nasceu em 29 de agosto de 1836 e morreu em 12 de março de 1913, formado em engenharia foi responsável pelo projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro, durante o seu mandato como prefeito da cidade do Rio de Janeiro (1902-1906).

A visão uniforme que temos sobre a modernidade acabou gerando uma vista curta sobre a complexidade do processo.

Precisamos visualizar rapidamente um quadro geral do império para entender os antecedentes da intensificação do projeto de modernização brasileira. Durante o período imperial já notamos mudanças nas grandes cidades. As primeiras estradas, ferrovias e indústrias foram geradas nesse tempo. No entanto, o cenário político era muito complexo e apresentava enormes demandas que, de certa forma, desaceleraram os avanços iniciados. O período compreendido entre a primeira República e o final do período regencial foi voltado, basicamente, para um esforço em manter a unidade do país. Era grande o número de revoltas separatistas, especialmente na regência, e a tensão política acabou se tornando a principal preocupação do poder central.

A abdicação de Pedro I levou os políticos liberais para centro da política brasileira. No entanto, o "tiro" que acertou o imperador, ricocheteou e atingiu os próprios liberais. Conhecido como os anos da regência (1831-1840), o "sucesso" dos liberais foi marcado por uma série de conflitos e dificuldades. O resultado principal desse processo foi que a política brasileira não seria mais a mesma. Agora, liberais e conservadores, num jogo complexo e dinâmico, criaram um cenário político que possibilitou a emergência de Pedro II, ao mesmo tempo, iniciaram um processo de reinvenção das elites brasileiras. As elites locais, a partir de então, figuravam entre os interessados pelo poder.

O esforço dos políticos conservadores, que retornaram ao poder depois de uma rápida passagem dos liberais, proporcionou ao imperador, nos anos de 1840, um gradativo aumento da sua força política. A partir de então, um embate violento entre conservadores e liberais se desenvolveu em São Paulo e Minas Gerais, possibilitando a Pedro II emergir como grande moderador do conflito. Por fim, o Imperador chamou os

liberais de volta ao governo e, desse modo, conseguiu minimizar as forças da oposição por um bom tempo. A desenvoltura e os bons resultados da arbitragem do Imperador foram fundamentais para a legitimidade da Monarquia. Porém, mais tarde, nos últimos quinze anos do império, o poder moderador acabou se tornando frágil e limitado frente aos distintos grupos e demandas que emergiram da e como oposição (militares, igreja, povo e elites locais).

De todos esses grupos que emergiram na oposição, um nos interessa em especial, são as elites locais. Desde o império, esse grupo circula entre os privilegiados. Mesmo que num primeiro momento o poder político não fosse a fonte do poder desse grupo, sem dúvida, o poder econômico os tornava "diferentes" na sociedade. Naquele contexto, experimentar a condição de cidadão exigia muito mais do que ser ou não ser um homem livre.

A cidadania plena acomodava um pequeno grupo da população (até os nossos dias podemos recuperar esse debate, mas essa é outra história), em sua maioria, mesmo com a possibilidade de ascensão social, já visível naquele momento, os grupos populares não conseguiam, grosso modo, melhorar as suas representações diante da sociedade. Um bom exemplo está na liberdade alcançada pelos escravos. Mesmo livres, em nenhum instante tal fato representou uma mudança significativa sobre como eram vistos os negros no Brasil.

É justamente nesse processo que ocorre a conexão entre a representação de cidadania, a posição dos negros, a modernidade e as elites econômicas. Grosso modo, enxergamos um jogo de discursos polissêmicos. Ou seja, ao mesmo tempo em que verificamos um discurso de nação e unidade que liga todos os brasileiros, temos um discurso que categoriza e classifica os diversos grupos sociais.

Na República, e na radicalização do processo de modernização que se desenvolve a partir dela, logo nos seus primeiros anos, visualizamos uma das principais marcas daquele período: a ambiguidade. A cidade moderna nasce exatamente diante do processo de dissolução das grandes estruturas que asseguravam às elites brancas o seu lugar social e, em decorrência, os seus privilégios. Da mesma forma, nasce da ideia de inclusão total para os novos agentes sociais que emergiram.

Nesse sentido, balizamos nossos argumentos partindo da afirmação de Marchall Berman quando diz que "ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; [...] É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador" (BERMAN, 2007, p. 21). Berman, insiste o autor, conclui que a modernidade anula as fronteiras. "Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia" (*Ibidem*, p. 24).

Viver nas novas cidades significava mergulhar em um novo conjunto de ideias e práticas adequadas ao novo tempo. Desse modo, a urbe que surge desse processo, marcado pelo perfil apontado por Berman, se torna um lugar privilegiado para as relações e, sobretudo, para as tensões sociais. Nesse contexto, o lazer e, em especial, as práticas esportivas institucionalizadas, não ficaram à margem das transformações e acabaram totalmente envolvidas pelo ideário do novo tempo.

No campo esportivo, as transformações são emblemáticas. No processo de captação e resignificação das marcas do novo tempo, o esporte passa por uma mudança completa que, ao fim e ao cabo, se tornará irreversível e, fundamentalmente, uma marca visual e estética da nova era. Como a passagem do século foi um momento em que

muitos clubes esportivos começaram a se constituir, neles, a nova dinâmica da modernidade já se colocava de imediato. Foi um momento propício para um novo formato de relações; nelas, para além dos interesses em comum, foram levados em consideração os novos códigos (estéticos, corporais, etc.) que emergiam com a cidade.

A ideia de esporte do século XIX sofre uma completa reestruturação. Agora, no novo tempo, o atleta assume um lugar de destaque e passa a representar um novo perfil de corpo, velocidade e força. Uma comparação entre o turfe e o remo pode nos ajudar a visualizar melhor isso. O turfe tinha no cavalo o seu principal símbolo. Era o cavalo, e não o jóquei, que conquistava as provas e recebia todas as glórias da vitória. Já no remo, grande representante do novo momento, o remador é a grande estrela. Nesse caso, o corpo e o perfil do atleta dimensionavam o novo tempo. Sua força, sua robustez e, sobretudo, sua coragem figuram entre as principais marcas do homem moderno.

Voltando a Berman (2007), podemos dizer que foram as instituições, a partir dos grupos que controlavam o cenário esportivo e, também, em especial, os principais meios de comunicação, que definiram, ou ao menos tentaram, quais seriam os grandes modelos e referências para o novo arquétipo da imagem esportiva que surgia. E, concomitantemente, em oposição, definiram quais seriam os grupos e ações que deveriam ser combatidos e excluídos do processo. Logo, se por um lado, o cenário esportivo se expandia nessa nova configuração, por outro, ele fragmentava a sociedade em aptos e inaptos.

A sociedade brasileira, naquele momento, viu emergir uma nova e forte categoria social: a burguesia. Com ela, o esporte tomou um novo rumo. Para além de conservar traços de identidades e, com eles, fortalecerem econômica e socialmente seus grupos, eles conseguiram criar um nicho econômico que até então não era explorado

pela grande maioria dos esportes[15]. O esporte virou uma mercadoria e o povo deveria pagar para tê-lo. Mesmo que os modelos e os lugares dentro da atividade esportiva já estivessem bem direcionados (pelo menos durante esse período inicial), todos poderiam consumir o espetáculo, inclusive os excluídos. Uma lógica contraditória, se levarmos em conta que aqueles que excluímos são os mesmo que nos fazem ascender economicamente, mas, enfim, é muito eficiente.

O impulso polissêmico da modernidade se volta contra aqueles que desejavam, a princípio, construir um lugar ideal para o "*nós*" e, em oposição, um não-lugar para "*eles*". Sobre esse último grupo (populares/excluídos), a partir da perspectiva das elites, sabemos que, mesmo reconhecidos como um alvo importante de consumidores, não estariam aptos a participarem de todas as esferas do processo, sobretudo como atletas e dirigentes. No entanto, todas essas formas burguesas de operar com o novo acabaram se deparando com uma dinâmica e complexidade social tão intensa que doravante não conseguiriam controlar o processo da forma que desejaram.

Assim, a modernidade deve ser entendida como um espaço de luta pela apropriação de bens simbólicos e materiais que pudessem manter, colocar ou recolocar um indivíduo dentro da sociedade com legitimidade e adequação ao novo tempo. Ainda que, para isso, fossem criadas estratégias que a princípio parecessem inclusivas e, sobretudo, não tivessem clareza e controle sobre os seus resultados.

Pierre Bourdieu diz que

> as lutas pela apropriação dos bens econômicos ou culturais são, inseparavelmente, lutas simbólicas pela apropriação desses sinais distintivos como são os bens ou as práticas classificados e classificadores ou pela conservação ou subversão dos princípios de classificação dessas propriedades distintivas. (BOURDIEU, 2007, p. 233)

[15] O turfe já apresentava no século XIX uma estrutura econômica bem desenvolvida. No entanto, com o futebol esse sistema alcança proporções bem maiores.

O futebol, nesse sentido, passa a ser também um bem distintivo. Ou seja, o que está em jogo não é somente a prática do esporte, mas sim, a qualidade das pessoas que têm a capacidade de se apropriar desse objeto e, com ele, se tornar um agente social completo. A melhor confirmação desse pertencimento está no discurso construído, notadamente na imprensa, que define os valores positivos, ou não, dos agentes que estão expostos no evento esportivo. O futebol, entretanto, rapidamente expande esse debate. Ao mesmo tempo em que as elites encontram respostas às suas demandas, sejam econômicas ou sociais, as camadas populares também o fazem, ao seu modo, mesmo com toda a dificuldade.

Mesmo com toda essa dinâmica e participação efetiva das camadas populares, havia o reconhecimento de um modelo ideal da prática do futebol que, sem dúvida, excluía os hábitos populares. O modelo, nesse caso, estava intimamente relacionado aos grupos dirigentes, ou podemos dizer as elites brancas das cidades. Havia, por parte desse grupo, a pretensão de monopolizar a definição legítima da forma e da imagem ideal do futebol e, com isso, estabelecer um senso comum de distinção.

A modernidade é imprecisa por excelência. Enquanto, para alguns, o futebol foi uma forma de sentir e viver a modernidade (as elites), para outros, era uma nova escolha possível para mudanças sociais e econômicas (camadas populares) que não necessitava de grandes preocupações ou demandava grandes esforços, a não ser lidar bem com a bola.

À medida que a nova burguesia foi construindo uma cidade em que a vasta população encontrava/criava brechas para a sua inserção, os grupos dominantes criavam novas fronteiras para a manutenção do controle sobre a prática esportiva. Em alguns esportes o processo de exclusão ocorreu de forma quase que “natural”, sobretudo pelo alto custo que deveria ser empregado para prática de algumas modalidades. O remo, o

ciclismo e o automobilismo são bons exemplos de práticas caras que possuíam esses tipos de impeditivos “naturais”. Nesses casos, a participação das camadas populares, fossem negros ou brancos, era limitada a espectadores.

Porém, os condicionantes materiais não foram os únicos a impedirem que as camadas populares abraçassem as práticas esportivas, no sentido de se tornarem atletas reconhecidos. Aqueles que operavam com o conceito de modernidade, em especial a grande imprensa, construíram um ordenamento moral que, associado ao mundo esportivo, se tornou imperativo para a configuração do atleta e, da mesma forma, serviu para barrar os indesejados. O modo de viver e agir, o trabalho, o vestuário e, principalmente, a cor da pele traziam em si valores morais que serviam como passaporte/impeditivo aos esportes e à sua aura moderna.

Obviamente, nesse caso, os modelos morais construídos partiram dos pressupostos e das definições das elites brancas das cidades. Com isso, nas idiossincrasias estabelecidas, nada ou muito pouco de positivo foi reconhecido aos grupos apresentados como subalternos. Os trabalhadores braçais, os marinheiros, os serventes e engraxates, aqueles que, por ventura, não sabiam ler nem escrever ou no emprego que exerciam tinham a possibilidade do recebimento de gorjetas, não seriam vistos ou reconhecidos como modernos e, no caso do futebol, não poderiam ser inscritos como jogadores. Enfim, não seriam cidadãos completos.

Os efeitos dessa “dominação” foram extremamente nocivos para uma parte significativa da população – os negros – que acabaram de sair de um processo em que sequer existiam na sua condição humana, visto que eram considerados meras mercadorias, para outro em que não os reconheciam como cidadãos. Comumente apresentados pelos jornais e revistas de grande circulação como um grupo de desordeiros, homens sem moral e indignos, as suas reais possibilidades em se

estabelecerem como atletas, ou *sportman* como eram conhecidos, era reduzida. O discurso da imprensa atacava direta e objetivamente esse grupo. Esse panorama só vai sofrer alterações significativas quando o aspecto econômico assumir um lugar determinante no esporte. Naquele tempo, ainda não tínhamos uma economia esportiva desenvolvida ao ponto de gerar um reconhecimento das camadas populares como sendo uma parte importante de um clube de futebol. Tal fato vai passar por uma reestruturação quando os clubes começarem a reconhecer e a buscar os lucros com o futebol e, aí, dentro desse novo contexto, não importará mais de onde vem o dinheiro, contanto que ele entre no clube.

As instituições, incluindo as esportivas (clubes, associações e ligas) fazem parte da composição do que chamamos de modernidade. No entanto, não podemos deixar de entendê-las entrelaçadas com a vida cotidiana. Não é possível pensar um tempo em que somente as instituições, ou melhor, um olhar exclusivo sobre elas, desse conta de explicar toda a história de um tempo.

Anthony Giddens (2002) diz que “a vida social moderna é caracterizada por profundos processos de reorganização de tempo e do espaço, associados à expansão de mecanismos de desencaixe – mecanismos que deslocam as relações sociais de seus lugares específicos, recombinando-os através de grandes distâncias no tempo e no espaço” (GIDDENS, 2002, p. 10). Essa reorganização, apontada por Giddens, atua de forma decisiva no processo de construção da nova cidade e dos seus valores, tanto para as instituições como para a vida cotidiana do homem comum.

Outro dado importante descrito pelo autor se refere à importância dos meios de comunicação dentro do novo cenário. Os jornais e revistas da época foram decisivos para a construção das novas identidades e, da mesma forma, para a organização das relações sociais. Os periódicos, na vida social moderna, se tornaram as grandes vitrines

do novo tempo e, com isso, a ideia de pertencimento surge a cabo dos significados que vão se desenhando neles. O material projetado como modelo, quase exclusivamente, se refere às classes dirigentes. Aos pobres, restavam poucas brechas para que pudessem compor esse material, ou mesmo, como aponta Giddens, "seriam quase que completamente excluídos da possibilidade de escolher estilos de vida [...] A modernidade, não se deve esquecer, produz diferença, exclusão e marginalização" (*Ibidem*, 2002, p. 13).

Nesse sentido, podemos fazer uma conexão direta com a temática apresentada anteriormente, o racismo. Há uma complementaridade fundamental entre o projeto de modernização e a construção do racismo na experiência brasileira. Enquanto um define quem está apto ou não aos novos tempos, o outro se torna uma ferramenta possível e eficaz para tratamento com o "outro inconveniente". Nessa conexão, a moral assume um papel central. Há um projeto reflexivo sobre o "eu" e o "outro" que, acima de tudo, separa não somente os indivíduos, mas, fundamentalmente, os "recursos morais necessários para viver uma existência plena e satisfatória" (Ibidem, 2002, p. 16)

A modernidade produz formas sociais distintas, os *estabelecidos* e os *outsiders* (ELIAS; SCONTSON, 2000). No campo esportivo, esse quadro não é diferente. São construídos conceitos e imagens de atleta em cujas bases reflexivas estão os novos valores da modernidade. Desse modo, como dito anteriormente, os periódicos assumem um papel relevante no processo de mediação. Não é possível pensar a modernidade sem esse processo de mediação e os valores que ela apresenta, cobrando, de certa forma, da sociedade.

O homem e a sua vida cotidiana, incluindo o tempo do lazer, sofrem mudanças significativas. O público e o privado passam a se confundir e, principalmente, passam a estar ligados às conexões sociais e aos seus novos valores, representações e, sobretudo,

reconhecimentos. O futebol é mais um, entre tantos outros, que passam a dialogar com a reflexividade da modernidade[16].

As transformações que ocorrem na passagem do século atuam diretamente na reconfiguração dos valores simbólicos. Em alguns casos, como no cenário esportivo, conseguimos visualizar uma radicalização do projeto de modernidade. No futebol, por exemplo, notamos claramente o acirramento das tensões entre os grupos sociais no recrudescimento dos estatutos. Tais medidas tinham por finalidade preservar as elites, do mesmo modo que excluir completamente as camadas populares. Para isso, as medidas foram sofrendo mudanças ou assumindo novas estratégias para que o objetivo final continuasse sendo preservado: a separação.

As escolhas das cidades são determinantes para compreendermos esse processo. Na verdade, as grandes cidades, especialmente as capitais, são lugares que potencializam as trocas, os embates e, principalmente, as contradições. Neste estudo, acatamos o entendimento de Nestor Canclini (2006) quanto a definir as grandes cidades como sendo lugares de hibridação.

Canclini entende por hibridação "processos socioculturais nos quais as estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (CANCLINI, 2006, p. XIX). É com essa perspectiva que procuramos analisar as cidades escolhidas. Porto Alegre e Salvador são cidades híbridas por excelência. Ainda que reconheçamos diferenças entre elas, especialmente ao que se refere ao volume e especificidades de pessoas e capitais circulantes em cada uma das cidades, esse dado não anula a sua condição de cidade híbrida. Verificamos, com certa facilidade, que nas duas escolhas houve, naquele período, mudanças substanciais ocasionadas pelo novo tempo e, sobremaneira, pelas novas questões que foram se

[16] Para entender melhor sobre a Reflexividade da Modernidade, ver GIDDENS (2002).

redesenhando. O futebol, no caso, consegue nos colocar frente a frente com essas questões.

Afinal, analisaremos um esporte no qual os dois grupos (grosso modo, elites e camadas populares) se inserem profundamente. Cada qual buscando atender aos seus interesses e necessidades, bem como sendo exigidos, diante das demandas e complexidades, a se reinventarem como grupo e como agentes esportivos a cada instante, para manterem seus privilégios, no caso das elites, ou angariar benefícios, como no caso das camadas populares. O futebol foi o esporte que exponenciou esse cenário.

Canclini, assim como Giddens, acredita que a modernidade foi um processo excludente. Convergimos para essa compreensão e, desse modo, tentaremos apresentar o futebol como parte desse processo. Canclini afirma que "as oligarquias liberais do século XIX e início do XX teriam feito de conta que constituíam Estados, mas apenas organizaram algumas áreas da sociedade para promover um desenvolvimento subordinado e inconsistente" (*Ibidem*, 2006, p. 25). Devemos associar essa reflexão ao fato de que, na cidade moderna, o consumo, seja de bens materiais ou simbólicos, se tornou fundamental para a instauração da diferença e da igualdade.

Vale ressaltar, neste momento, que tivemos no Brasil uma modernidade muito peculiar. Não podemos pensá-la nas mesmas condições, tampouco sobre os mesmos argumentos, quando trabalhamos com cidades tão diferentes. Partimos, nesse sentido, não de um modelo de modernidade, mas sim de projetos possíveis de modernização distintos por todo o Brasil. Na verdade, mesmo no velho mundo, a modernidade foi vivenciada de forma diferenciada entre as regiões. Seria ingênuo pensar que a modernidade de Paris ou Londres tenha sido a mesma experimentada em *Chamonix* (pequena cidade francesa) ou *Windsor* (pequena cidade inglesa).

Enfim, sendo a modernidade um dos temas centrais desta tese, decidimos apresentar de forma detalhada o conceito e as principais ideias acerca dessa que foi uma das principais fontes de transformações das cidades brasileiras. Precisávamos compreender melhor esse cenário para, em seguida, inserimos o futebol nele. De nada, ou bem pouco, adiantariam as páginas que seguem sem uma visão mais profunda sobre o grande painel em que as cidades estão inseridas. Porto Alegre e Salvador foram as cidades escolhidas para que pudéssemos fazer um grande, embora ainda limitado, laboratório sobre o Brasil. Não pretendemos explicar o futebol brasileiro, tampouco o Brasil, mas pretendemos sair dos grandes modelos explicativos para possibilitarmos uma ampliação e, sobretudo, um envolvimento maior com o tema. Assim, quem sabe, o futebol será mais bem compreendido.

O futebol não é só um jogo

Depois de apresentarmos os dois grandes objetos – racismo e modernidade – que irão guiar esta tese, vamos nos ater à forma como eles estiveram envolvidos com o futebol e com as cidades escolhidas. Como já apresentamos, o cenário esportivo esteve envolvido diretamente com o ideal civilizador e modernizador, assim como, com as distensões entre os grupos sociais vivenciadas no país.

De um modo geral, esse cenário esteve presente em todas as grandes cidades brasileiras. A formação dos clubes, ligas e estatutos, da mesma forma que a organização dos campeonatos, sempre levou em conta os ajustes e desajustes que os novos tempos exigiam. Muitos desses, como aponta Canclini, foram "úteis às classes dominantes para preservar sua hegemonia, e às vezes para não ter que se preocupar em justificá-la, para ser simplesmente classes dominantes" (CANCLINI, 2006, p. 69).

Veremos, no entanto, que em alguns casos, mesmo com todo esse esforço, as camadas populares conquistaram um lugar de preponderância e, de certa forma, domínio do futebol por certo tempo, como é o caso de Salvador. Noutras cidades, esse processo demorou a acontecer e, por diversos motivos, continuou não sendo determinante para o avanço do futebol, como é o caso de Porto Alegre.

Ou seja, não iremos falar de adoção mimética de modelos oriundos da capital federal, Rio de Janeiro, ou da capital econômica, São Paulo, mas sim de cidades que vão se ajustando conforme as suas demandas, sobretudo as internas, e, principalmente, vão assumindo formas bem particulares de agir frente a elas.

O futebol foi responsável por agitações sociais bem amplas. No espaço público e no espaço privado, esse esporte, desde o seu inicio, esteve envolvido com questões que

estavam para além das quatro linhas. Nele, puderam ser vistos conflitos de classe e etnias, bem como projetos que desejavam apresentar as cidades como sendo um organismo próprio, em desenvolvimento e completamente reajustado ao novo tempo. Malgrado a intenção, o que fica visível é a constituição de um discurso marcado pelo maniqueísmo e, principalmente, por uma inclusão abstrata e uma exclusão concreta de grande parte da população.

As ideias e ações acabaram gerando a percepção de que o novo, o moderno e o limpo eram incompatíveis com as camadas populares e, no caso esportivo em particular, com os clubes mais pobres. Dessa forma, esse novo tempo pertenceria, pelo menos para as elites, ao homem branco que dispusesse de poder econômico suficiente para participar e contribuir efetivamente para a nova imagem que tanto desejavam e, principalmente, que os colocava como os grandes representantes do novo tempo.

Formas idealizadas de mundo, de cidades, de pessoas e de esporte foram se moldando nesse período. Essas representações estarão presentes no futebol. Clubes assumiram a posição de modelos dentro do cenário esportivo e em cada uma das cidades havia um modelo a ser seguido e perseguido. Em contrapartida, existiam aqueles que não deveriam seguir no esporte e que somente a sua presença já bastava para manchar a imagem de esporte moderno e de avanço. No futebol, um bom exemplo é o Fluminense Futebol Clube, do Rio de Janeiro, o mais conhecido dentre as referências. Eles se reconhecem, e são reconhecidos, como sendo o principal representante do novo tempo. Para isso, foram duros em seu posicionamento quanto à presença de negros em seus quadros.

Por se estabelecerem como modelos, os grandes clubes sempre foram tomados como os grandes personagens do futebol brasileiro. Tal fato destinou aos clubes formados pelas camadas populares um lugar de completos coadjuvantes. Há um

inconveniente claro nessa situação, afinal não podemos conceber que os populares foram passivos diante do cenário que emergia, tampouco que reproduziram *ipsis litteris* o que desejavam as elites.

Para avançar sobre isso, vamos mergulhar mais profundamente nas histórias daquele tempo. Muito mais do que descrever as partidas de futebol, vamos conectá-las à sociedade, às suas novas demandas, experiências e múltiplos diálogos.

No primeiro capítulo, iremos descrever as experiências dos negros nas cidades e no esporte. Para compreender melhor sobre a vida desse grupo e, principalmente, como eles se inseriram nas novas cidades, optamos por iniciar por um detalhamento do cenário esportivo concomitante a uma descrição mais detalhada das ações que visavam excluir ou menosprezar a participação desse grupo na sociedade. Na segunda parte, com uma perspectiva mais social e menos esportiva, tentaremos apontar para o que significava ser negro nas duas cidades. Com isso, desejamos entender o que aconteceu com os negros recém libertos e de que forma eles chegaram ao futebol. Como foi essa chegada? Como eram representados na sociedade? Essas são algumas questões importantes que devemos entender antes de entrarmos em campo. Com isso, buscamos subsídios para comprovar a tese de que o racismo foi uma ferramenta importante, utilizada pelos grupos dirigentes, majoritariamente formados por brancos, no processo inicial de construção do cenário esportivo brasileiro. E, ainda nesse ponto, tentaremos também esclarecer que as ações tomadas frente à população negra dessas cidades não podem ser vistas, apenas, como uma forma simples de acomodação de um modelo de racismo importado de outras capitais, mas sim, como resultado de interesses dos mais diversos, com os quais as elites já se ocupavam.

No segundo capítulo, o tema central será o projeto de modernização das cidades. Como já apresentamos o que seria o nosso entendimento sobre a modernidade, é

chegada a hora de esmiuçar o processo em cada uma das cidades e, a partir disso, apresentarmos as suas diferenças e semelhanças. Em seguida, iremos inserir o futebol nesse cenário. Com isso, tentaremos verificar se o futebol, nas cidades escolhidas, fez parte de uma compreensão clara de modernização ou se essa seria uma visão contemporânea sobre o objeto. Tentaremos demonstrar, *pari passu*, se o desenvolvimento urbano e a sua relação com futebol esteve sempre atrelado ao projeto de modernização.

Enfim, são muitas as leituras possíveis sobre o futebol. Nesta, que o leitor vai começar, tentaremos dar um diagnóstico mais amplo sobre o que era e o que significava esse esporte para a sociedade e para o homem da cidade. O caráter polissêmico do esporte será levado em consideração, da mesma forma que apresentaremos as singularidades encontradas nas duas cidades. No entanto, deve ficar claro que não entramos neste jogo com a pretensão de escrever uma verdade incontestável sobre essa história, mas sim, comprometidos com a verossimilhança e com o objetivo de ampliar o olhar sobre o esporte mais representativo do país.

1. Futebol e a questão negra

Condenados ao esquecimento: futebol e suas tramas

No dia 07 de junho de 1903, o Dário de Notícia[17] baiano descrevia uma partida de futebol disputada entre brasileiros e ingleses. Diz a nota que a concorrência foi grande e que, acima de tudo, foi uma partida amigável disputada pelas equipes. Chamados de senhores, o capitão das equipes foram o Sr. A. Tarquínio, pela equipe de brasileiros, e o Sr. T. E. Terry-Morrell, pela equipe de ingleses. A disputa ocorreu no Campo dos Mártires, às 4 horas e 30 minutos de uma tarde de domingo e o resultado foi um empate em zero a zero.

Para os padrões da época, a transcrição da partida e, sobretudo, da relação entre as equipes, que mesmo a partida terminada sem vitória bradaram vivas aos seus adversários, não se difere das que liam cariocas e paulistas sobre o eventos esportivos de suas cidades. Cadeiras reservadas para as excelentíssimas famílias, banda de música da polícia abrilhantando a festa, bem como a presença de autoridades públicas, no caso o Sr. Dr. Intendente Municipal.

Nada, como de costume, se falou sobre a presença das camadas populares nessa partida. Fossem brancos ou negros, os populares não foram descritos no evento, assim como em todas as reportagens pesquisadas ao longo dos primeiros anos do futebol em Salvador.

Assim como noutras capitais, o futebol na capital baiana tem o seu marco inicial e seu personagem fundador. Nos livros, vimos o nome de José Ferreira Júnior (Zuza

[17] Jornal fundando em 13 de março de 1875, por Manuel da Silva Lopes Cardoso, é um dos periódicos mais populares da capital baiana.

Ferreira) como sendo o responsável pela introdução do esporte na cidade e o ano de 1901 como sendo o marco inicial da trajetória futebolística. No entanto, também comum nesse tipo de literatura, há um questionamento sobre essa paternidade. Henrique Sena dos Santos, em trabalho publicado em 2011, na Revista Esporte e Sociedade (ano 5, n. 16), diz que o jornalista Ricardo Azevedo afirma que o futebol, antes da chegada de Zuza, já era praticado na Faculdade de Medicina.

Independente de quem efetivamente introduziu o futebol naquela cidade, nos interessa traduzir desse evento os moldes como ele se gestou. E, sobre isso, já temos claros indícios de que foram os mesmos de outras capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Não pela cópia de um modelo, mas, sobretudo pela forma como a própria elite baiana, e tantas outras, tratou o esporte e as suas representações (simbólicas e reais). Se levarmos em conta a concomitância dos fatos, já que estamos apenas em 1903 e nem a cidade do Rio de Janeiro, tampouco a de São Paulo possuem o seu futebol estruturado, podemos supor que o processo ocorrido em Salvador deve ter se desenvolvido com um bom grau de independência[18] e que o modelo esportivo que acomodou o futebol pode ter sofrido influências de outros esportes, como o turfe e o remo.

É importante, nesse sentido, lembrar que, quando o futebol é introduzido nas capitais, vários outros esportes já estão estruturados e em pleno desenvolvimento, especialmente o turfe e o remo. Assim, nos é compreensível que o modelo empregado no futebol se aproxime daqueles nos quais os outros esportes já estavam operando. Ou seja, o futebol não traz uma estrutura nova para o esporte, ele apenas, dentro do seu processo de desenvolvimento, abre novas possibilidades que até então eram

[18] Para efeitos de comparação, no Rio de Janeiro o extinto Rio Foot-ball Club foi fundando em 18 de julho de 1902 e o Fluminense, principal clube do Rio de Janeiro, reconhecido como modelo, foi criado em 21 de julho 1902. Outros grandes clubes cariocas ainda se dedicavam quase que exclusivamente ao Remo (Vasco, Flamengo e Botafogo). Em São Paulo não foi diferente. Tínhamos o Clube Athlético Paulistano, o Clube Atlético Votorantim (extinto), em 1900. Em seguida, Associação Atlética das Palmeiras (1902), o Paulista Esporte Clube (1903), o Sport Club Sorocabano (1903) e o Sport Club Americano (1903). Enfim, notadamente, um cenário ainda em gestação.

improváveis para pobres e pretos, como: participação efetiva das camadas populares como atletas, ascensão social a partir de um esporte, participação e destaque de negros em uma modalidade com grande representação entre a população rica das cidades e, principalmente, uma ampliação geográfica do cenário esportivo, já que pela sua facilidade o futebol poderia ser praticado por todo o Estado.

Importante para avaliarmos esse processo e, sobretudo, a forma como o futebol foi gestado em salvador, é a definição, já em 1903, dos lugares específicos em que o jogo poderia ser praticado. Aroldo Maia (1944), memorialista do futebol em Salvador, escreve que:

> resolvendo o pedido feito pela Secretaria da Policia sobre pontos onde possa ser efetuado jogo de futebol sem prejuízo da propriedade particular, conforme reclamações levantadas, a Intendência Municipal designou-se os seguintes pontos para realizar-se aquela diversão: Campo dos Mártires, no distrito de Nazaré; Quinta da Barra, no distrito da vitória; Fonte do Boi, no distrito de Brotas; Largo do Barbalho, no distrito de Santo Antônio; e largo do Papagaio, no distrito da Penha (MAIA, 1944, p. 32).

Para além de um primeiro passo para organizar a prática, nota-se, da mesma forma, as primeiras ações para se definir que tipo de futebol poderia ser praticado na cidade. Visto que as camadas populares, ao se aproximarem do esporte, o praticavam pelas ruas, causando, como relatado em diversas reportagens, arruaças e prejuízos a particulares. O número de reclamações, já em 1903, é grande sobre o futebol de rua.

Vale ressaltar que essa primeira definição de espaços está sendo feita num período verdadeiramente rápido, já que o futebol ainda está dando os seus primeiros passos em Salvador, como demonstra a reportagem de 30 de junho de 1903, publicada no Diário de Notícias:

> Efetuou-se, anteontem, como estava anunciado, essa magnífica diversão, no Campo dos Mártires.
> Como poucos entre nós conhecem essa espécie de Sport, verdadeiramente inglês, damos abaixo algumas notas.

> A palavra football origina-se de duas palavras inglesas: foot, que quer dizer pé e Ball, que quer dizer balão...
> [...] Há duas espécies de football: o football association e o football rugby.
> [...] O association é jogado num terreno retangular, cujas dimensões devem ser de 90 a 180 metros, para o comprimento, e de 45 a 90 metros, para a largura, entre o mínimo e o máximo."[19]

Ou seja, mesmo sendo uma prática nova, as elites já se movimentavam para definir o formato ideal de jogo. Outro dado importante sobre essas fontes iniciais está na percepção de que nenhuma reportagem daquele período faz menção ao cenário futebolístico do Rio de Janeiro e de São Paulo. Havia sim, um incentivo para a prática do futebol por questões inerentes à própria modalidade, como visto na matéria de 31 de outubro de 1903, do Diário de Notícias, que diz que "de todos os jogos escolares para meninos, aquele que mais se recomenda por não precisar de aparatoso material, pela facilidade com que é aprendido, pelo entusiasmo que desperta, é, incontestavelmente, o de *foot-ball*: lê-se *fut-bol*".

Destacamos que, apesar de não fazer referências especificas sobre o futebol praticado noutros estados, em uma coluna do mesmo jornal destinada a trazer notícias de fora, em especial da capital federal, verificamos várias reportagens sobre boatos de uma revolução no Rio de Janeiro, sobre projetos de uma reforma aduaneira em São Paulo, bem como de um tratado assinado com o Acre e uma reportagem acerca da renúncia do Dr. Barbosa Lima (deputado rio-grandense). Ou seja, mesmo não explicitando nada sobre o cenário esportivo, percebemos um contato bem próximo com questões das mais diversas ocorridas no país. Enfim, Salvador não está vivendo distante das questões nacionais.

No outro extremo do país, na cidade de Porto Alegre[20], o futebol também iniciava sua trajetória nesse momento. Foi no ano de 1903 que seus dois primeiros

[19] Diário de Notícias, Salvador, Ano XXIX, Terça-feira, 30 de junho de 1903, Número 85, página 03. Biblioteca Nacional.

clubes de futebol foram criados. O Fuss-Ball Club e o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, fundados no dia 15 de setembro de 1903, cujas matrizes culturais eram basicamente as alemãs. Nesse contexto, apesar de Janice Mazo (2005) apontar para a Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora como sendo a primeira instituição dedicada à prática do futebol, em 31 de dezembro de 1872, na cidade de Porto Alegre, nos parece que foi somente em 1903 que uma estrutura voltada para o futebol foi realmente estabelecida. Destacamos que foi somente em 06 de março de 1904 que os dois clubes se enfrentaram em uma partida "oficial" de futebol.

Em Porto Alegre, pelo menos até o ano de 1903, outros esportes figuravam como os protagonistas do campo esportivo. O turfe, por exemplo, estava tão desenvolvido e, principalmente, corrompido que se noticiava, em 1897, que a imprensa tinha iniciado uma campanha contra os escândalos ocorridos na modalidade. Em registro do Correio do Povo, do dia 12 de janeiro de 1897, em matéria intitulada *Regeneração dos Prados*, podemos ver que as coisas não andavam boas para o turfe, a saber:

> não afrouxem as autoridades na campanha em que se acham empenhadas, e os prados passarão a ser o que devem ser – estabelecimentos destinados a diversão que ter por fim principal fomentar o aperfeiçoamento da raça cavalar no Estado, e não antros de jogatina indecente, onde se fazem todas as bandalheiras imagináveis.[21]

Os torneios de velocípedes também chamavam atenção na capital gaúcha. Houve, no dia 10 de janeiro de 1897, um desafio entre dois grupos de "ciclistas", os da União Velocipédica, que inaugurariam seu velódromo no dia 28 de janeiro, e os da

[20] Vale ressaltar que outros clubes no Estado do Rio Grande do Sul já praticavam o futebol. A descrição das Associações esportivas de Porto Alegre-RS foi publicada no Atlas do Esporte por: MAZO, Janice. As Associações Esportivas em Porto Alegre - RS, 1867-1941. In: Janice Zarpellon Mazo. (Org.). Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005, v. 1, p.87-101.

[21] Correio do Povo, Porto Alegre, Ano II, Terça-feira, 08 de janeiro de 1897, Número 8, página 01. Biblioteca Nacional

Radfahrer Verein Blitz. O evento chamou a atenção da população e, em seguida, pelo sucesso, entrou no calendário de atividades esportivas da cidade.

O cenário esportivo da cidade gaúcha estava em plena agitação. Tanto que, passados alguns anos, na virada do ano de 1905 para 1906, o Correio do Povo publica uma grande reportagem dizendo que o:

> ano que ontem findou, nos círculos do *Sport*, cremos que ninguém se pode queixar, pois nesse lapso de tempo, mais do que em nenhum outro, cresceu, aumentou e brilhou a intemerata legião sportiva porto-alegrense [...].
> Não há dúvida que todas elas vão em franco progresso, e muito cooperam para o desenvolvimento do Sport em Porto Alegre[22].

Voltando a 1903 e viajando novamente para Salvador, notamos que o futebol vai estreitando cada vez mais as relações entre o esporte e as classes altas da cidade, ao ponto em que, em novembro daquele ano, numa partida disputada entre os sócios do Sport Club Bahiano, realizada no dia 14 de novembro, foi feito um pedido de desculpas públicas às famílias que já costumavam assistir aos jogos por não terem conseguido banda de música para tocar no evento. Formado por rapazes do comércio, o Sport Club Bahiano disputava constantes partidas entre os seus membros aos finais de semana, com dois times, uns trajando uniformes verdes e outros, uniformes brancos.

Outra informação importante sobre o estreitamento das relações do futebol e as classes economicamente mais abastadas estava no grande envolvimento dos estudantes de Medicina da Universidade da Bahia com o esporte. Fossem os estudantes oriundos do estado de São Paulo, que acabaram formando uma colônia paulista de estudantes em Salvador, fossem mesmo os estudantes baianos, constantemente eles disputavam partidas de futebol com certo destaque na imprensa local. Notadamente, as elites de Salvador estavam cada vez mais envolvidas com o futebol.

---

[22] Correio do Povo, Porto Alegre, Ano II, Quarta-feira, 30 de dezembro de 1905, Número 58, página 01. Biblioteca Nacional

No entanto, não foram somente as elites que se aproximaram do novo esporte, o futebol, já naquele tempo, estava entrando para a ordem do dia em todo o estado e para todos os grupos sociais. Não por acaso, o periódico Diário de Notícias passa a apresentar o futebol em uma coluna intitulada *Festas Populares* e, agora com mais regularidade, trazia não somente a formação de novos clubes, mas também um maior detalhamento dos grupos envolvidos com o jogo. No dia 02 e abril de 1904, noticiava o Diário de Notícia, um grupo de moços realizará um match de foot-ball, no campo dos Mártires, tendo convidado para assistirem ao mesmo um grande número de distintas famílias. A reportagem continuava dando conta de apontar quem seriam os atletas dos dois times e, do mesmo modo, quais seriam as atrações do jogo.

Com a popularidade do esporte, o número de clubes que passaram a se dedicar ao futebol crescia em grande velocidade. Esse aumento se dava pela fundação de novas agremiações dedicadas a esse esporte, ou mesmo pela inserção do futebol em seus quadros de modalidades já estabelecidos. Em 1904 foram: o Sport-Club Lberdade, Sport-Club Santa Cruz, Sport-Club Pax, Assosciação Sportiva Duque de Caxias, Club Ipiranga, Club Paraguassu, Sport-Club Tamandaré, Sport-Club Itapagipe e tantos outros. Parece-nos que o futebol causou certo frenesi no cenário esportivo baiano que acabou resultando na formação de cada vez mais clubes, bem como na necessidade de buscar uma estruturação maior para o jogo.

Uma das consequências desse processo foi o aumento cada vez maior do aparato de segurança solicitado para as partidas, chegando ao ponto do Dr. Chefe da Segurança Pública de Salvador, em ofício de 30 de julho de 1904, solicitar ao Dr. Victorio Falcão, Intendente Municipal, providências no sentido de ser destinado um local específico para o divertimento do jogo de *foot-ball*, em virtude de ter recebido inúmeras queixas contra os inconvenientes causados pelo jogo.

As coisas cresciam a tal ponto que, em 08 de abril de 1905, a Liga Bahiana de Sport Terrestre[23] resolve organizar um campeonato de futebol. O intento esportivo era reunir os principais clubes da capital, disputando 20 partidas no mês de setembro daquele ano e, ao final, o campeão receberia uma "riquíssima taça de prata, oferecida pela liga".

O desenvolvimento do futebol vinha sendo visto como positivo para a capital baiana, pelo menos era isso que indicavam os jornais. Em 22 de maio de 1905, uma reportagem do Jornal de Notícias publica que "das festas esportivas que se têm realizado nesta capital, onde um punhado de moços vai fazendo renascer o gosto por essas diversões, tão úteis ao desenvolvimento físico quanto agradáveis aos centros civilizados, nenhuma tão animada e entusiástica como a 4ª partida de *foot-ball*". Para além do avanço, já era afirmado também o caráter "chic" do evento esportivo, ao passo que qualquer manifestação diferente da esperada pelos grupos dirigentes deveriam ser criticadas e combatidas.

Na última partida, disputada entre os Clubes Internacional e Victória, no dia 10 de setembro de 1905, o Internacional sagrou-se campeão sendo ovacionado pela grande plateia que fora ao Campo dos Mártires assistir ao pleito. Na premiação, um grande número de instituições foi prestigiar o evento. Dentre elas: Associações do Empregados, da Federação dos Clubs de Regatas, da Sociedade Euterpe, do Club Caixeiral, do Club de Regatas Itapagipe, do Club Internacional de Cricket, do Club São Salvador, do Club Bahiano e do Sport Club Vitória. Foi, como noticiou o Diário de Notícias, no dia 17 de novembro de 1905, uma imponente festa, regada a champanhe e com muitos brindes, inclusive à imprensa.

[23] A Liga Bahiana de Sports Terrestres foi fundada pelas elites locais, em 15 de novembro de 1904, com o intuito de organizar a prática esportiva na cidade. Vale ressaltar que houve a participação de jovens paulistas, possivelmente estudantes da Faculdade de Medicina, nesse processo.

É importante, neste sentido, entender a participação da imprensa nas comemorações, do mesmo modo que conseguir avaliar o lugar preponderante que ela tem na constituição de um modelo de jogo. Assim como nos dias de hoje, as matérias jornalísticas cumprem um papel fundamental na definição e, sobretudo, na qualificação das formas de jogar, torcer e se portar nos eventos esportivos. A sua reprovação e/ou aprovação colocam as ações e os indivíduos em posições de destaque ou crítica, conforme o modelo adotado.

Foi na imprensa, por exemplo, com os comerciantes da cidade, que se difundiram as regras do jogo citadas acima, bem como se definiu o material esportivo que deveria ser usado para uma partida de futebol. O interesse era tanto que, desde o ano de 1903, os jornais publicavam em detalhes as regras do jogo, enquanto o material esportivo vendido para a prática se esgotava rapidamente nas lojas, conforme afirma o memorialista Aroldo Maia (1944, p. 8).

Um fato chama a atenção até esse momento. Tanto em Salvador, quanto em Porto Alegre, até o ano de 1905, não encontramos nenhuma referência à presença das camadas populares nas partidas de futebol. Salvo, na descrição de várias reclamações, no caso de Salvador, feitas por conta das partidas disputadas fora dos locais adequados à prática. Então, onde estão negros e pobres dessas cidades? Será que eles não querem participar do novo esporte?

Vale, nesse sentido, uma vista rápida pelo estatuto de alguns clubes da capital baiana. Vejamos o que traz o Estatuto do Esporte Clube Vitória:

> São membros do Club todos os cidadãos maiores de 18 anos, de qualquer estado e nacionalidade, de **bom comportamento**, que não pertençam a outro Club Sportivo desta Capital e que sendo **proposto por um ou mais sócios forem aceitos pela diretoria**. (SANTOS, 2012, p. 55) [*grifos nossos*]

Mais importante e explícito é o que determina o estatuto do Sport Club Bahia, fundado em 1906. Há no documento um parágrafo único que categoricamente define que "em hipótese alguma poderá fazer parte do Club pessoas de cor"[24] (*Ibidem*). Mais do que isso, o estatuto determina que, para a admissão ao club, a proposta deveria ser aceita por uma comissão de sindicância e que, na proposta, deverá constar, além do nome e endereço, a **profissão honrosa** do proposto.

Ou seja, assim como no Rio de Janeiro e em São Paulo, a entrada de novos sócios era determinada por uma comissão de sindicância, formada também por sócios. Salvador, nesse aspecto, não se difere das outras capitais. Importante nesse caso é a manutenção de poderes absolutos à comissão de sindicância. Em Salvador, possivelmente também em Porto Alegre[25], mesmo no Rio de Janeiro e em São Paulo, a comissão decidia quem entrava e quem saía dos clubes. Haveria para isso uma série de requisitos que deveriam ser cumpridos pelo solicitante que almejava fazer parte dos quadros da agremiação; dentre elas, a que mais servia como fonte de exclusão era necessidade de indicar a profissão que exercia. Nesse caso, somente as profissões reconhecidas como "honrosas" eram aceitas pela comissão. Notadamente, os trabalhadores braçais, em especial os negros, não eram reconhecidos como honrados para ocuparem a posição de sócios nesses "distintos clubes".

A organização do futebol em ligas, demonstração clara de desenvolvimento, começou por São Paulo, em 1901, depois na Bahia, em 1904, No Rio de Janeiro, em 1905/06 (apesar das tratativas terem iniciado em 1904) e em Porto Alegre somente

[24] Uma cópia digital do Estatuto foi cedida pelo pesquisador Henrique Sena e agora faz parte do meu acervo pessoal.
[25] Não encontramos estatutos dos clubes de Porto Alegre para esse período. No entanto, acreditamos que o formato tenha sido o mesmo, uma vez que o caráter elitista dos clubes da capital gaúcha, como veremos na tese, não apresenta nenhuma abertura para as camadas populares.

ocorreu em 1910[26]. Essas datas e a forma como foram criadas as ligas revelam um dado importante sobre o cenário esportivo nacional: primeiro, podemos afirmar que não há, a partir de uma análise mais apurada, um simples processo de reprodução do que estava sendo feito nas principais capitais do país, Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse caso, vale destacar que Salvador tem a sua Liga de Futebol criada antes do Rio de Janeiro. Mesmo sabendo que, nesse caso, os estudantes paulistas participaram ativamente do processo, não podemos afirmar de forma categórica que foi reproduzido algum "modelo", mas sim, apostamos na hipótese de que houve uma interlocução entre os agentes criadores e que o formato criado tenha assumido um caráter híbrido.

No caso de Porto Alegre, isso é ainda mais emblemático. Por não termos encontrado referências de interlocuções com outros Estados no processo de criação dos clubes e ligas e pela tradição, sobretudo dos imigrantes, com a estrutura esportiva, nos permitimos apostar num processo bem mais autônomo.

Sobre a presença dos negros no futebol e nos clubes das duas cidades, Salvador e Porto Alegre, também acreditamos que não houve interferência externa, mas sim uma compreensão da elite interna (ou grupo dirigente) das cidades que já deliberava quais seriam os moldes esportivos com o qual as cidades, que se reorganizavam, iriam se estruturar. Nesse caso, tanto numa quanto noutra, os negros não eram bem-vindos.

Em Porto Alegre, contraditoriamente, em 1º de fevereiro de 1906, é publicada uma crítica à situação do negro em São Paulo. Diz a crítica:

> Sob o Título – Gente de Cor – um nosso colega transcreveu judiciosas considerações de um jornal da capital federal profligando o edital que exclui do alistamento da guarda civil de São Paulo aqueles que não forem brancos.
> Enquanto, porém, ela não chega (a lei das compensações) e não produz os seus efeitos, é bom deixarmos consignado, aqui à

[26] Detalhamento das ligas: São Paulo – Liga Paulista de Foot-ball (1901), Bahia – Liga Bahiana de Sports Terrestres (1904), Rio de Janeiro – Liga Metropolitana de Football (1906 - Alguns livros apontam para 1905) – Porto Alegre – Liga Porto Alegrense de Foot ball (1910).

> margem, a profunda indignação que a notícia do tal edito nos causou, a nós e também a muita gente boa[27].

Em seguida, no dia 23 de junho, no mesmo jornal, seria a vez de um diplomata brasileiro ser criticado após a publicação de uma carta no Jornal do Comércio, no Rio de Janeiro, cujo título era o "*Perigo Negro*". Nela, o diplomata carioca aponta o negro como sendo o novo perigo da sociedade.[28]

A contradição parte da premissa básica de que a situação do negro em Porto Alegre não era boa. Mais do que isso, veremos à frente que uma das ações do Estado para lidar com esse grupo foi excluí-lo geograficamente, permitindo assim a construção de uma cidade "limpa" dos indesejáveis.

Em Salvador, em junho de 1906, apesar das várias demonstrações de que o futebol é um esporte "chic", expressa fundamentalmente pela imprensa, já percebemos que o cenário comporta também outras formas de torcer e agir. O Jornal de Notícias publica que

> No match de foot-ball, ontem realizado, houve diversos espectadores que estiveram dignos de censura.
> Os referidos grupos desrespeitaram um dos clubes que jogavam, chegando até ao abuso de atirarem para dentro do campo pedras, chinelas, bengalas, etc., que não é compatível com os créditos desta capital.
> Isso é péssimo efeito e será para lamentar que entre nós o foot-ball não possa continuar, ou que se realizem as partidas do campeonato em campo particular.[29]

Não conseguimos aferir quem foram os responsáveis pelos atos agressivos. No entanto, a matéria deixa claro que as manifestações poderiam fugir do controle, ou pelo menos do que se era esperado como conduta ideal para o cenário esportivo, afinal estamos falando de um jogo "chic", bem como de que se fosse necessário, para evitar o

[27] Correio do Povo, 01 de fevereiro de 1906, Amo XI, Porto Alegre, quinta-feira. N 27, pág. 1.
[28] A crítica ao diplomata foi publicada no Correio do Povo, 23 de junho de 1906, Amo XI, Porto Alegre, quinta-feira. N 145, pág. 1.
[29] Jornal de Notícias, Salvador, Ano XXVI, Nr 7.579, sábado, 20 de maio de 1905, pág. 1.

contato com os mal-educados, os jogos de futebol seriam disputados em campos particulares. Uma solução típica de grupos que vem no isolamento uma alternativa eficiente para manter os seus valores intactos e suas práticas livres desse tipo de constrangimento.

Em 1907, comentando a popularização do futebol em Porto Alegre, o Correio do Povo trás a seguinte matéria:

> De certo tempo a essa parte, está em moda, nesta capital o jogo da Bola.
> Falamos da bola, propriamente dita, esse jogo que anda nos galarins da fama, e que se exercita com as mãos, com os pés, com a cabeça, com todos os membros, sem meter os pés pelas mãos [...]
> Afora as pistas aristocráticas e privativas das sociedades dadas ao Sport, há as pistas particulares, postas a disposição do público e em que cada um pode jogar a sua bolinha, à sua e à vontade dos parceiros [...]
> [...] É, afinal de contas, esse um Sport em que os sportmen têm que revelar diversas qualidades, todas apreciáveis: força, agilidade, habilidade, certeza, segurança e resistência.
> É, portanto, o jogo da bola um Sport para moços, isto é, quem não reunir as qualidades acima, que não se meta, portanto.

Na matéria é perceptível a divisão do futebol. Um seria o modelo, o exemplo a ser seguido, o praticado pelos moços com qualidades. O outro, seria o antimodelo, seria aquele que fugiria dos moldes relatados pelos jornais e revistas da época em que não encontraríamos as qualidades e os personagens desejados.

Em Porto Alegre, assim como em Salvador, era bem comum partidas disputadas entre sócios do clube. Em 1906, o Club Caixeral de Porto Alegre realizou um torneio em que 9 equipes disputaram entre si medalhas de ouro e prata, para o primeiro e segundo lugar, respectivamente. A série de jogos foi disputada em animadíssimas partidas e, ao final, um copo de cerveja foi oferecido aos vencedores, que brindaram efusivamente.

Para os jogos entre equipes de cidades diferentes haveria sempre um destaque maior dado pela imprensa. Nos dias 7, 8 e 9 de setembro de 1906, o Correio do Povo registra a visita do Sport-Club, da cidade do Rio Grande, a capital gaúcha. Reconhecido

como o responsável para introdução do futebol na capital, era um orgulho para os porto-alegrenses receber a visita do pioneiro do futebol naquela região.

No mesmo ano, também em Porto Alegre, uma onda de melhoramentos começa acontecer nos campos de futebol. No Club Julio de Castilhos, por ocasião de torneio noturno, seria instalada luz de acetileno, em substituição da de querosene. Agora, mesmo durante a noite, as partidas poderiam ser disputadas com maior qualidade, tanto para jogadores como para os espectadores. Sobre este último, os números não paravam de crescer. Numa partida disputada entre o Fuss Ball Club e o Grêmio de Foot-ball Porto Alegrense, compareceram um número superior a duas mil pessoas. Para os padrões da época, um número considerável.

Em Salvador, nesse mesmo período, o jogo também já havia alcançado uma popularidade. Em matéria registrada em 22 de fevereiro de 1906, no Diário de Notícias, diz que está se aproximando a época em que se tem de realizar, entre nós, o segundo campeonato de football, o apreciadíssimo jogo tão cultuado na Europa e nos países mais adiantados da América. Entre todos os jogos que compõem o Sport é, em geral, o mais atraente, mais animador e mais útil que se conhece. Do mesmo modo, assim como aconteceu em Porto Alegre, os jogadores, dirigentes e jornalistas começam a solicitar do poder público reforma em seus campos de futebol.

Na mesma matéria do dia 22 de fevereiro, há um pedido ao Sr. Senador Tantu, intendente interino, para que atentasse para o deplorável estado do Campo dos Mártires. Diante da importância que o jogo vinha tomando e, sobretudo, pela grande presença de mulheres nos jogos, o pleito foi tomando vulto até que, na sessão do Conselho Municipal de 11 de maio de 1906, o edil Antonio Machado, apresentou um projeto concedendo à Liga Bahiana de Esportes Terrestres 5.000$00 para a mesma construir, no

Campo dos Mártires, uma arquibancada, pois não era possível que o belo sexo continuasse debaixo de sol e chuva assistindo a jogos de futebol[30].

Nesse caso, pela primeira vez, a reportagem faz uma referência ao Rio de janeiro, dizendo que o Sr. Tantu deveria mirar-se no exemplo do governo federal e da municipalidade do Rio de Janeiro, que tudo tem feito em prol do desenvolvimento do Sport, um dos meios mais eficazes para o desenvolvimento da nossa raça, outrora tão vigorosa e sadia, hoje fraca e quase perdida.

Duas questões chamam a atenção no pleito. A primeira está em colocar o Rio de Janeiro como modelo de investimento no esporte. Numa pesquisa mais apurada, não percebemos tal investimento nesse momento. Na verdade, nesse período, o Rio de Janeiro ainda não tem nenhum grande investimento público no futebol. Então, nesse sentido, me parece que há muito mais uma retórica para convencimento do que efetivamente informações sobre investimentos no Rio. O Fluminense, por exemplo, em 1905 já possui arquibancadas, no entanto, a mesma foi construída com recursos do presidente à época, Eduardo Guinle.

A segunda questão está no discurso de desenvolvimento da raça. Mais uma vez há uma clara hierarquização dos grupos que estão envolvidos com o jogo. Afinal, a construção da arquibancada era para suprir as necessidades das jovens e bem nascidas mulheres de salvador, bem como, a reforma era para o Campo dos Mártires, espaço reservado aos “grandes” clubes da cidade.

A população negra e seus clubes não foram alvos das mudanças. Invariavelmente, as transformações, o apoio financeiro e, principalmente, os discursos elogiosos atingiam sempre os “grandes” clubes e a população branca que neles estavam. Henrique Sena dos Santos (2012), em seu trabalho, nos diz que várias equipes de

[30] Jornal Gazeta do Povo, Salvador, 11 de junho de 1906.

Salvador proibiam a participação de negros e populares, do mesmo modo que clubes constituídos por populares, como o Fluminense (da Bahia), tiveram seu pleito de entrada na Liga negado por diversas vezes seguidas.

Sobre o caráter racista do futebol baiano, o memorialista Aroldo Maia nos fornece dados importantes, a saber:

> Com menos de 100 anos de abolição de escravatura era natural que o negro ainda fosse olhado com certo rancor e reservas, pois a Liga Bahiana de Sports Terrestres, para ser atual, não aceitava que seus clubes filiados tivessem jogadores de cor. Ser negro era mácula indelével naqueles tempos de muito saudosismo dos baronatos e sinhasinhas. Além disso, a presença de elementos femininos que provinha das altas rodas era uma espécie de one pás para a raça negra do futebol. Jogo inglês era jogo de branco. E sem qualquer seiva de preconceito, temos de reconhecer que a discriminação racial foi, até certo ponto, benéfica ao futebol. Porque o Amparo material e moral que esse esporte precisou receber para se firmar teria que vir dos brancos, da alta sociedade de então, toda ela composta de homens descendentes de portugueses, teria de vir dos ingleses aqui residentes, que foram os grandes incentivadores. E todos sabem que os ingleses são racistas, que a grande segregação racial nos Estados Unidos está no Sul onde o elemento britânico copiou inteiramente os modelos de suas origens.
> Os homens de cor compareciam aos campos de futebol torciam por seus clubes prediletos, mas chamavam a Liga Bahiana de Desportos Terrestres de Liga dos Brancos, e os clubes a elas filiados de Clube dos Brancos, porque lhe era negado o direito de praticarem o futebol oficialmente (MAIA, 1944).

Mesmo não podendo tomar como verdade absoluta as palavras de Maia, assim como em todas as fontes analisadas, a citação nos apresenta um cenário muito provável. Dois pontos nos ajudam a concluir o caráter de verossimilhança do cenário apresentado. Primeiro, a ausência completa até o ano de 1907 de reportagens que apresentem o futebol popular baiano. Segundo, a leitura de outros documentos e reportagens que, mesmo fora do cenário esportivo, comprovam a dificuldade em que viviam os negros de Salvador.

Na verdade, o cenário também é válido para Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. O racismo, esse é um dos pontos centrais desta tese, é sintomático no Brasil.

Nesse sentido, concluímos que não foi necessária a importação de experiências, bem como a necessidade de imitar um Estado mais desenvolvido para que o racismo acontecesse. Bastaram as elites/grupo dirigentes definirem quais seriam os aptos e inaptos nas cidades que eles construíam.

Com todo esse avanço e, principalmente, com o surgimento cada vez maior de clubes por todo o Estado, a Liga Bahiana começava, em 1906, a discutir projetos para novos estatutos. Ficava notório no transcorrer daquele ano um progresso nas organizações dos campeonatos, clubes e ligas. No entanto, uma reportagem de 28 de abril de 1906, no Diário de Notícias, nos apresenta outro lado do esporte que, até então, não frequentava as páginas dos jornais, mas, sobretudo, nos ajuda a acrescentar outra perspectiva sobre o esporte que, neste caso, tem como foco a violência e não mais a contemplação do espetáculo limpo e pacífico visto comumente. Vejamos:

> Um correspondente de Nova Iorque para uma revista médica inglesa, diz que as estatísticas dos acidentes e lesões ocasionadas pelo jogo do foot-ball foram colecionadas pelo Jornal da Associação Médica Americana e apresentam um número surpreendente de acidentes graves.
> Durante o ano de 1903 as mortes motivadas por este jogo foram em número de 25, e mais de 500 o de graves ferimentos.
> Além de 25 mortes, deram-se 11 casos de lesão da espinha dorsal, seguida de paralisia, que pela maior parte se tornou permanente, e, entretanto, pior do que a morte.
> As torceduras, contusões e ferimentos na cabeça não estão incluídos na lista, posto que os relatórios mostrem que muitas dessas lesões, a princípio consideradas ligeiras, acabaram por assumir um caráter sério.
> Houve 343 fraturas, muitas delas dos ossos da perna e do antebraço.
> Houve 91 casos de fratura da clavícula, 19 do fêmur e 4 do crânio.
> Conquanto não seja possível avaliar com exatidão o número de lesões permanente causadas por estes desastres, é evidente que ele não pode ser muito baixo, atendendo a que muitas das fraturas eram compostas, e que 19 eram do fêmur.
> Pode-se afirmar sem exageros que 50 mortes pelo menos ou inabilitações totais permanentes, resultaram do jogo do *foot-ball* em 1903.[31]

[31] Jornal Gazeta do Povo, Salvador, sexta-feira, 28 de junho de 1906, Ano XXXII, número 921, pág. 2.

Não conseguimos aferir a que região especifica a reportagem fazia referência, tampouco se os números levavam em conta somente as ligas principais. No entanto, de qualquer modo, é visto com nitidez um cenário violento e que, fundamentalmente, representa também uma parte importante do cenário esportivo.

Entretanto, é compreensível que matérias como essa, ou quaisquer outras que tivessem como foco a violência, não seriam reproduzidas pelos jornais, a não ser que o agente responsável pelo ato violento fosse um personagem não pertencente aos grupos dirigentes, pois colocaria em xeque todo o cenário romântico do futebol que estava sendo construído. Como eram sempre as elites/grupo dirigentes os representados nas matérias jornalísticas nos parece razoável, por parte deste grupo, esconder os problemas do cenário em questão.

Depois dessa reportagem, as coisas voltaram à normalidade. Os registros esportivos na imprensa voltam a destacar a presença das belas famílias, dos grandes jogadores e equipe, bem como a beleza do espetáculo. A partir de 1906, a diretoria da liga assume a produção do espetáculo e resolve, ela mesma, oficiar as instituições do Estado, a Intendência Municipal e a chefia de polícia, para que o espetáculo fosse montado de forma completa, com banda e segurança. Sobre o primeiro jogo do campeonato de 1906, ocorrido no domingo, dia 6 de maio, o Correio de Notícias diz que a partida foi realizada “com extraordinária pompa e enorme concorrência”.

No entanto, as partidas iam acontecendo e o espetáculo ia sofrendo seus primeiros reveses. Na sexta partida do campeonato, ocorrida no dia 10 de junho, parece ter ocorrido um incidente que extrapolou os limites do aceitável, já que foi a primeira vez que o jornal apresenta uma reclamação pública ocorrida em um evento da liga. Diz a nota:

> É de lamentar que uma malta de desocupados perturbem belas partidas, a que o público concorre tão cheio de curiosa

> satisfação, prejudicando os movimentos dos jogadores, fazendo-se escutar ofensas quando perdem o *shoot* e dando triste ideia dos nossos foros de civilizados.
> Convém notar que o internacional é composto de ingleses, que dever ter de nossa parte, como hóspedes que são, todas as distinções.
> Achamos que a polícia bem que podia fazer sanar esta inconveniência que vai tornando um péssimo costume.[32]

Claramente, o discurso rotula a forma como estava sendo feita a torcida, bem como os que faziam tal manifestação. Havia uma espécie de separação entre aqueles que representavam o modelo ideal de agir e, em oposição, aqueles que corrompiam o modelo e acabavam colocando em xeque a própria prática esportiva.

O problema foi tão grave que o *Club Internacional* após a partida com o *Victória* se pronunciou junto a liga a fim de sair da competição. Em Seguida, em solidariedade, no dia 15 de junho de 1906, em assembleia o Sport Club Bahiano se manifesta solidário ao Club Internacional e, após reunião de diretoria, por unanimidade, decide também sair da liga, caso o Internacional mantenha a decisão.

A informação mais importante desse episódio é vista também em uma manifestação de apoio ao Club Internacional. Nessa, o Sr. Manoel de Oliveira, possivelmente, não fica claro na fonte, integrante da Liga Bahiana, apresenta um ofício público indicando quem seriam os responsáveis pelas atitudes que levaram o Internacional a manifestar o interesse em sair da Liga e, sobretudo, de que mal seria sanado pelas Instituições Publicas. Vejamos:

> A Liga Bahiana dos Sports Terrestres, profundamente penalizada com a resolução tomada por esse Club, a qual lhe é comunicada pelo vosso ofício de 12 do corrente, vos vem declarar que faz seus os sentimentos de que vos achais possuídos. **Por terdes sido injustamente molestados por populares de mais baixa esfera social,** no domingo último, no Campo dos Mártires, pedindo-vos, entretanto, a reconsideração desse ato pelos motivos que vai aludir:

[32] Jornal Diário de Notícias, Salvador, segunda-feira, 11 de junho de 1906, Ano XXXII, número 957, página 1.

> A falta de compreensão precisa dos mais simples deveres de educação nesses **deserdados da sorte e da sociedade**; a carência de um policiamento eficaz no Campo dos Mártires em dias de partida, inconveniente este, que vai ser sanado em vista das ordens terminantes dadas a este respeito pelo Sr. Dr. Chefe de Polícia; **a ignorância do nosso povo, pouco habituado ainda a esses jogos que ele aplaude ou censura, conforme a sua acanhada percepção e suas irrefreáveis simpatias foram as causas determinantes do lamentável fato que nos levaram a tomar o extremo alvitre de nos desligardes do meios sportivo bahiano**, no qual, entretanto, tendes encontrado sempre a mais dedicada e solícita amizade, o mais correto e leal coleguismo.
> Refreadas ou corrigidas essas faltas terá desaparecido o motivo, todo involuntário para esta Liga, da vossa retirada.[33] (grifo nosso)

Como havia dito anteriormente, qualquer manifestação diferente da considerada moralmente aceita e adequada aos novos padrões de convivência seriam reprovadas. No entanto, através do ofício percebemos a acusação direta de quem é o culpado pelos atos, o povo mal educado e ignorante. Não há como provar se foram ou não os populares que se manifestaram durante a partida, porém, vale nesse sentido entender o processo que rotula as ações inadequadas a um grupo social específico.

Depois de todo o debate acerca do fato ocorrido, o Internacional decidiu continuar na Liga, contanto que os jogos fossem disputados em campo particular. Ou seja, nos parece que o problema seria resolvido se somente os iguais, digo a elite soteropolitana, comparecessem aos jogos.

No entanto, uma matéria do dia 20 de julho de 1906, do Diário de Notícias, revela que o controle desejado e a exclusividade na prática do jogo já estavam fora de comando e, neste sentido, a única solução seria apelar para as autoridades públicas. Vejamos o que traz a reportagem, intitulada: “O ‘Foot Ball’... nas ruas – Desordens, Desastres, etc.:

[33] Jornal Diário de Notícias, Salvador, sexta-feira, 15 de junho de 1906, Ano XXXII, número 960, pág. 1.

> Já ontem levamos ao conhecimento das autoridades policiais, mormente ao do Sr. Chefe de Polícia, **fatos** que nos pareceram simplesmente escandalosos, se não fossem de todo ponto **deponentes e vergonhosos para a nossa tão grande apregoada civilização**.
> Enquanto os clubes regulares de foot-ball escolhem lugares próprios para seus exercícios, os capadócios, **os moleques e os vadios de toda espécie abusam desse Sport**, jogando onde querem e como entendem, em qualquer praça ou rua da capital, sem que, por isso, a polícia os chame à ordem ou ao menos procure evitar as desordens e os **desastres morais** e materiais que resultam de tão condenável prática.
> Desastres morais, dissemos, e com razão, porque, conforme estamos cansados de testemunhar, até os meninos de escola tomam parte no jogo [...]
> Crianças, que regulam de 7 a 13 anos, abandonam os livros nos degraus da igreja S. Pedro dos Clérigos ou no passeio do jardim daquela praça e metem-se no brinquedo, do qual não raro têm provindo desajuizados, lutas corporais, palavradas e às vezes ferimentos [...]
> Quanto a nós, havemos de falar contra esses *Sports* condenáveis, até que se dêem providências no sentido de acabar com eles.[34]

Mais uma vez, o periódico de Salvador aponta para duas questões importantes. A primeira se refere à popularidade e expansão do jogo. Afinal, como visto, em todos os cantos era possível encontrar alguém praticando o jogo, independente de qualquer estrutura formal montada para isso. O segundo, a meu ver o mais importante, é a constituição de uma forma inferior de jogar futebol. Ou seja, quando não praticado nos devidos moldes definido pela elite, ou pelo grupo de dirigentes que organizavam os clubes e ligas, havia um comprometimento moral da prática por parte daqueles que corrompiam o jogo com as suas novas formas de jogar.

Malgrado a situação de aparente descontrole, o campeonato de 1906 seguiu e, como visto, as reportagens voltaram a concentrar os seus conteúdos nas práticas elogiosas e, principalmente na presença de espectadores adequados ao esporte. Foi assim em 29 de julho de 1906, quando por ocasião da partida disputada entre Santos

[34] Jornal Diário de Notícias, Salvador, sexta-feira, 20 de julho de 1906, Ano XXXII, número 988, pág. 2. Vale destacar que nos dias 31 de agosto e no dia 07 de novembro, o mesmo jornal publica mais duas reportagens que tratam do mesmo tema. Ou seja, o desenfreado e insuportável *foot-ball* dos garotos.

Dumont e São Salvador, no Campo dos Mártires, para mais de 3 mil pessoas, foi destacada a presença de gentis, alegres e graciosas jovens patrícias, cada qual trajando lindas vestes com as cores dos clubes de que são adeptas.[35]

O campeonato de 1906 terminou com o título de campeão ficando com o Club de Natação e Regatas São Salvador. A comemoração foi feita no dia 26 de setembro de 1906 em uma das salas da Sociedade Euterpe com a presença dos dirigentes de diversos clubes da Liga.

Enfim, os dirigentes seguiam divulgando o espetáculo que promoviam e reclamando de tudo aquilo que não tinham controle. Diferentemente do dinamismo visto em Salvador, em Porto Alegre, o futebol ainda não se apresentava de maneira tão robusta. Apesar de seguir conquistando um maior número de praticantes e, sobretudo, manter seu vínculo com as elites locais, em um jornal de grande circulação no período, O Correio do Povo, percebemos que ainda há uma falta de organização mais vigorosa para o futebol.

O *Fuss-Ball Club Porto Alegre* continua sendo um dos clubes de maior destaque na imprensa. Como exemplo desse destaque temos em 04 de agosto de 1907 a notícia, dada com grande entusiasmo, de um "match interno de *Foot-ball*, no ground do *Fuss-ball*"[36]. A descrição demonstra que os dirigentes do clube não pouparam esforços para apresentar um bom espetáculo e, principalmente, os melhores times que possuíam.

A nossa constatação do cenário futebolístico porto alegrense é confirmada em matéria publicada no Correio do Povo, no dia 18 de agosto, que diz:

> O belo Sport de foot-ball, segundo diziam, havia adormecido um pouco, nestes últimos tempos, devido a ter-se retirado do ground grande número dos nossos melhores jogadores.

[35] Jornal Diário de Notícias, Salvador, segunda-feira, 30 de julho de 1906, Ano XXXII, número 996, página 3.
[36] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Domingo, 04 de agosto de 1907, Ano XII, número 184, página 2.

> Eis, porém, que os valentes foot-ballens que se achavam na reserva, tornaram às lides, e estão dispostos a, dentro em breve, fazer o jogo predileto dos ingleses ocupar um lugar saliente entre os nossos divertimentos sportivos.
> Já tivemos o prazer de ver, domingo último, quanto é grande o entusiasmo que reina por esse gênero de Sport.
> Cerca de mil pessoas afluíram ao vasto ground do Fuss-Ball Club Porto Alegre, onde foram assistir ao match interno, disputado por essa distinta associação.
> E não só se notava a presença dos nossos melhores sportsmen, como também a de senhoras e senhoritas, que ostentavam lindíssimas toilettes, dando motivo a que a festa de revestisse de grande brilhantismo[37].

Havia, diante do exposto, um movimento por parte de alguns clubes, em especial o *Fuss-Ball,* em revitalizar o cenário futebolístico. Para isso, novas partidas foram marcas e até mesmo simples treinos se tornaram um evento que merecia divulgação e cuidados com a apresentação.

Praticamente em todos os dias encontramos reportagens sobre futebol no Correio do Povo. Fundação de novos clubes, treinos e jogos eram os temas mais comuns retratados. Não havia ainda nada sobre a participação de populares, em especial de negros, no cenário esportivo. Tal fato é compreensível já que o que efetivamente era divulgado pelos jornais eram os jogos disputados nos clubes privados. Ou seja, naqueles que os populares possivelmente não tinham acesso. Vale ressaltar que, no Rio Grande do Sul, a cidade que mais estava desenvolvida no Futebol era Pelotas, que já possuía apenas 12 equipes voltadas para esse esporte. Em Porto Alegre, até setembro de 1907, era visto um número ainda menor, eram 4 clubes dedicados ao futebol, que seriam O Foot-Ball Porto-Alegrense, o 15 de Novembro, o Internacional e o Fuss-Ball Club Porto Alegre.

Em 22 de setembro de 1907, o Correio do Povo, apresenta de maneira bem extensa o movimento esportivo em Porto Alegre. Nele, além de apresentar os avanços e problemas, convoca a população a se dedicar mais ao esporte, já que é perceptível que

[37] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Domingo, 18 de agosto de 1907, Ano XII, número 184, página 2.

apenas os estrangeiros, principalmente os germânicos, se dedicam de forma sistemática a movimentar os corpos, e tornar o cenário esportivo da capital mais robusto. Dizia à reportagem que "em nome do Correio do Povo" lançavam a ideia de criar "um projeto, que deixaremos ao cuidado e ao ardor dos nossos círculos sportivos da capital transformá-los em realidade esplendente na ocasião oportuna. Vamos aos fatos: trata-se de levar a efeito um grande festival do Sport em geral no próximo dia 15 de novembro, grande data nacional, e em honra da República.". No último trecho da matéria é ressaltado que "educar o povo e ensiná-lo a amar as instituições vigentes torna-se primordial dever daqueles que nos governam"

Enfim, assim como acontecia em Salvador, mesmo que em proporções diferentes, toda a sociedade deveria ser educada para as novas práticas. Havia claramente uma tentativa de expandir o esporte, mas, sobretudo, havia um interesse claro de que o processo fosse regulado pelos grupos dirigentes e que a condição moral do esporte, aferida por eles, fosse mantida. Vale lembrar que em nenhum momento, até agora, presenciamos referências explicitas ao que acontecia no cenário esportivo das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, sobretudo numa perspectiva de serem tomados como exemplos em suas deliberações. No entanto, devemos ressaltar que isso não significa que eles não tinham conhecimento do que acontecia noutras cidades, apenas que os fatos não foram destacados pela imprensa local.

Fato é que em novembro de 1907, em Porto Alegre, o movimento esportivo lançado pelo jornal Correio do Povo[38], começa a se estruturar e, principalmente, a mobilizar diversas sociedades esportivas. Tendo o seu ápice nas festividades de 15 de novembro, vários grupos esportivos cobriram de "medalhas os feitos dos seus valentes

[38] Não trato aqui do campo esportivo das cidades, visto que estes já estavam estruturas desde o século XIX, refiro-me apenas ao projeto lançado pelo jornal Correio do Povo.

sportmens". No caso especifico das sociedades de futebol, relatam os jornais, prepararam o seu pessoal para disputas internas e externas.

Também em novembro, como parte de um conjunto de práticas que visaram divulgar e comemorar o esporte em Porto Alegre, foi lançado o primeiro número da *Revista Esportiva*, publicada por um grupo de *Sportmens*. A revista não tinha dia certo para aparecer, e somente seria publicada quando houvesse grandes desafios, como os que aconteceram nos eventos comemorativos daquele mês.

O *Fuss-Ball Club* e o *Grêmio Foot Ball* continuam tendo destaque em Porto Alegre, suas equipes representam os avanços no futebol, assim como ajudam a expandir cada vez mais o alcance da modalidade. Em partida disputada entre as duas equipes em dezembro de 1907, os registros jornalísticos não deixam dúvidas, estavam tratando do que há de melhor quando o assunto é o futebol. Mulheres e senhoritas, ostentavam lindíssimas *toilettes* assistindo o jogo, a banda de música se apresentou completando o espetáculo e, ao final dele, os sócios das duas agremiações dirigiram-se para o salão da Ruder-Verin Blitz, onde o presidente do Fuss Ball, "em belas frases, fez entregar, ao Sr. Geiger 1 Captain do Grêmio Porto-Alegrense, do prêmio que consistia em um chifre, elegantemente trabalhado. Por essa ocasião, foi servida cerveja, havendo diversas saudações"[39].

Enquanto em Porto Alegre parece persistir o "bom jogo", em Salvador os garotos desocupados continuam jogando seu futebol em qualquer lugar, quebrando vidros dos lampiões e incomodando o trânsito público. Em certa ocasião, o "Sr General comandante do Distrito, por pouco, seria atropelado pela bola que esse vadios não deixam"[40]. Até mesmo o Campo dos Mártires, reduto do "bom futebol", teria virado

[39] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, domingo, 05 de dezembro de 1907, Ano XII, número 290, página 3.
[40] Jornal Diário de Noticias, Salvador, sexta-feira, 11 de julho de 1907, Ano XXXII, número 1251, pág. 3.

ponto de jogos de cartas, a dinheiro, tomando parte neles vagabundos declarados e menores que gazeiam as escolas.

Em 12 de julho de 1907, reuniram-se em sessão os clubes Tamandaré, Gragoatá, Vermelho e Olinda, a fim de criar uma liga para a realização de campeonatos de jogos esportivos terrestres. Aceita a ideia, foi criada a *Liga Itapagipana dos Sports Terrestres*, definido seus diretores e os representantes dos clubes. Não conseguimos aferir a motivação da criação de mais uma liga. No entanto, nos parece que havia na Liga principal uma enorme dificuldade para os clubes que não apresentassem estruturas, morais e materiais, condizentes com as de seus fundadores para acomodar esses grupos. Fizeram parte dessa liga: *Sport Club Gragoatá, Foot Ball Club Tamandaré, Bahia Foot Ball, Victoria Foot Ball Club, Foot Ball Club Itapagipe e Foot Ball Club Vermelho*.

O futebol em Salvador dava saltos numéricos significativos em quantidades de clubes. No entanto, diferentemente de Porto Alegre, que apresentava um futebol mais privado, na medida em que as partidas eram disputadas quase que exclusivamente dentro dos clubes e, por isso, com acesso na maioria das vezes apenas de sócios, na capital baiana até 1910 os jogos foram disputados em campos públicos. Talvez, por isso, o contato significativamente maior das camadas populares com o jogo tenha tornado o futebol em Salvador tão movimentado. Ou seja, em na capital baiana, o mesmo jogo que atendia aos interesses das elites, atendia também aos interesses dos populares e, desse modo, as apropriações, aproximações e, sobretudo, os significados da prática acabou gestando um cenário mais complexo e dinâmico.

Tão complexo e tão independente que durante uma visita de um time argentino ao Rio de Janeiro e São Paulo, o Diário de Notícias, de Salvador, diz que “na Bahia, onde também o *Sport* é cultivado com entusiasmo, tornava-se necessária também a visita dos valentes *footballers* argentinos, a fim de que medissem as suas forças com os

nossos não menos valentes e já conhecidos *sportmen*." Ou seja, havia um discurso claro de equiparar o cenário futebolístico baiano com os das demais capitais, revelando com isso, por um lado, a necessidade de divulgar a qualidade interna do seu futebol e, por outro, e talvez mais importante, a tomada como referências dos padrões de qualidades do futebol do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Em Porto Alegre, naquele período, ainda não havia um discurso tão eufórico sobre a capacidade e qualidade do seu futebol. Ao contrário, em 1908 ainda é visível aferir sobre esse esporte uma estrutura pequena e também marcada por poucos clubes que buscavam se manter fechados ao público externo, mesmo sendo o futebol naquele momento um esporte popular, como demonstra uma reportagem de 24 de junho de 1908, publicada no Correio do Povo, que diz que o futebol:

> este belo gênero de divertimento, que há pouco tempo ainda não era muito apreciado nesta capital, hoje é um dos que mais caíram no gosto da mocidade.
> Dia-a-dia, ele progride consideravelmente, e isso devido aos esforços empregado pelos seus ardorosos aficionados.
> Os matchs que, de vez em quando se efetuam nos elegantes grounds, são concorridíssimos, não regateando os espectadores francos aplausos aos briosos jogadores que nele tomam parte.[41]

Em agosto de 1908, mais uma vez, *o Fuss-Ball Club* e o *Grêmio Foot-ball* demonstram sua força no futebol em Porto Alegre. As duas equipes se enfrentariam em beneficio da Santa Casa de Misericórdia, cujo custo para assistir a partida foi de 1$000 para cada cavalheiro, estando suas famílias, mulheres e filhos, isentos de qualquer contribuição. As notícias sobre a partida não poupavam de elogios às duas equipes. Mais do que isso, na verdade, deixavam claro que o futebol avançava na cidade graças, em grande parte, aos esforços, principalmente, destas duas equipes.

[41] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Domingo, 24 de Junho de 1908, Ano XIII, número 144, pág. 2.

Foram convidados para a partida: O Dr. Carlos Barbosa, presidente do Estado, Montaury Leitão, intendente municipal, Vasco Bandeira, chefe de polícia, coronel Carlos Pinto, comandante geral da brigada militar, bem como todo oficial civil e militar. Para os altos funcionários foram construídos "elegante pavilhão em um dos cantos do ground". No dia 12 de agosto é noticiado que a partida disputada pelos dois maiores representantes do futebol de Porto Alegre foi um verdadeiro sucesso.

Apesar do sucesso, sobretudo dos jogos disputados entre "grandes" equipes, o futebol na cidade gaúcha ainda passa por sérias dificuldades financeiras para se manter, ou melhor, para ampliar a sua inserção na capital. A justificativa apresentada pela imprensa para esse cenário está na falta de investimento público no esporte, apontando para um quadro completamente diferente visto em São Paulo, no Rio de Janeiro e na Bahia.

Num primeiro momento, parece surpreendente a Bahia ter sido citada como modelo ao lado das duas grandes capitais, Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, como estamos verificando, o cenário baiano, de certa forma validado por essa referência, não deixava nada a desejar aos dois primeiros.

Em Porto Alegre, salvo o tiro e o hípico, o esporte em geral não conta com o auxilio dos poderes públicos [42]. Enquanto a ajuda não acontece, o *Fuss-Ball* e o *Grêmio* seguem fazendo a sua parte na divulgação e na promoção de partidas de futebol. Para as comemorações do dia 15 de novembro de 1908, a equipe do Grêmio preparou um *match* original entre solteiros e casados. O jogo, como apontam os jornais, despertou grande interesse aos aficionados pelo esporte, pois "o team dos casados ardentemente deseja bater-se com certos solteirões"[43]. Não conseguimos aferir a motivação do grande

[42] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Domingo, 30 de agosto de 1908, Ano XIII, número 202, pág. 4.

[43] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Domingo, 15 de outubro de 1908, Ano XIII, número 241, pág. 3.

interesse, mas por se tratar de um esporte onde as mulheres acompanhavam seus maridos, tal movimentação pode ter sido causada por ciúmes ou algo parecido. Enfim, independente da motivação que acirraram os ânimos, o jogo terminou com a vitória dos solteiros por um placar de seis a dois e nenhuma confusão foi registrada na partida.

Ainda em fevereiro de 1909, o Fuss-Ball comemora o feito da conquista do campeonato do ano anterior. As pompas ainda são tantas que um famoso fotógrafo tirou o retrato da equipe para o salão de honra do clube, mas antes, a imagem seria exposta em uma das vitrinas de uma conhecida casa comercial da Rua dos Andradas, no centro de Porto Alegre. As comemorações não pararam por aí, os festejos invadiram quase que por todo o mês de fevereiro.

Com todo o sucesso da temporada de 1908, os amantes do futebol em Porto Alegre já se movimentavam para as "nobres lides daquele Sport" no novo ano. A inauguração da nova temporada aconteceu, como era de se esperar, na sede do *Fuss-Ball* Club, no dia 07 de março de 1909. Vale destacar que nesse mesmo mês um novo clube de futebol surge na cidade, o grêmio dos *Filhotes do Fuss-Ball Club Porto Alegre* (havia também os filhotes do Grêmio – todos componentes pertencentes às diversas escolas alemãs da região).

No dia 04 de abril, um novo grupo de jovens, empregados no comércio, e residentes no segundo distrito, funda uma nova sociedade com a intenção de praticar o futebol. Já com a matrícula de 40 sócios, a nova equipe ainda não tinha definido o seu nome. Foi somente em 14 de abril que a equipe divulga seu nome nos jornais, *Sport-Club Internacional*. Por todo o mês, a equipe foi se organizando para o quanto antes pudesse começar a disputar as lides esportivas.

Parece que logo cedo o Internacional definira o seu lugar no futebol gaúcho, já que o primeiro desafio do time foi feito ao primeiro time do Grêmio, mesmo sendo esse

último uma das melhores equipes da cidade. Assim, mesmo que naquela época as rivalidades ainda não existissem entre as duas equipes, é bastante interessante saber que o primeiro desafio seria lançado para a equipe que se tornaria seu arquirrival pelo resto da sua história. Enfim, coisa da vida.

Mesmo tendo um caráter de desafio, as reportagens sobre o jogo deixavam claro que deveriam sempre existir os mais francos laços de cordialidade, pois somente dessa forma o *foot-ball* iria ocupar um dos lugares mais "salientes em nosso meio esportivo".[44]

O futebol, a partir de 1909, toma um novo fôlego e começa a figurar definitivamente como um esporte importante para a capital gaúcha. Em 13 de abril de 1909, o Correio do Povo publica que apesar de novo, o futebol ia aumentando seu número de adeptos. Diz, também, que todos lembravam a temporada de 1908 e que podia assegurar que o futebol tinha se tornado o esporte da moda e a diversão preferida da elite[45]. O fato mais importante, entre todas as noticias, era a de que os dirigentes dos clubes tinham dado início às negociações para fundação de uma Liga de *Foot-Ball*.

No entanto, até mesmo a proposta da criação de uma Liga ficou em segundo plano nos jornais. Pois, o assunto que dominou as rodas esportivas era o desafio lançado pelo novato Internacional desejando enfrentar o primeiro time do já veterano Grêmio. Mesmo tendo perdido a partida por dez a zero, o Internacional manteve a animação e o empenho na divulgação do novo esporte. No entanto, o clássico da região ainda continuava sendo os jogos entre o Grêmio e o *Fuss-Ball.*

---

[44] Meses depois da sua fundação, ocorre uma dissidência do *Sport Club Internacional* e é um fundado o *Sport Club Porto Alegre*. Outros clubes são fundados no mesmo ano, a saber: *Militar Foot-Ball Club, Sport Club Nacional, Grêmio Foot-Ball 7 de Setembro, Filhotes do Sport Club Nacional, Sport Club 20 de Setembro, Futebol Club Brazil*, dentre outos.

[45] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Domingo, 13 de abril de 1909, Ano XIV, número 87, página 3.

As coisas pareciam engrenar em Porto Alegre, haja vista o crescente movimento de jogadores que haviam se distanciado do futebol e, com toda a nova euforia dentro do esporte, voltaram a "cultivar novamente o *sport* bretão". Vários grupos de jovens, empregados no comércio, estudantes e obreiros, seguiam formando clubes. O movimento era tão grande que alguns jogares chegavam a ter o seu retorno anunciado na imprensa, como foi o caso do *goal-keeper* Crusicksank que acabava de retornar ao futebol ingressando no Grêmio. A nota dizia que o Mister Crusicksank jogou, por vários anos, na Inglaterra, fazendo parte do London Team Eletric, considerado como um dos primeiros dessa nação europeia[46].

Realmente havia um movimento no sentido de expandir o futebol por toda a região sul, ao ponto do *foot-baller* José Poppe, pertencente ao Sport-Club Nacional, passar alguns meses em S. Francisco de Assis fazendo propaganda, através de palestras e de torneios, do esporte bretão. O resultado final acabou sendo positivo, já que foi fundado, após a intervenção de Poppe, o Sport Club Assiense.[47]

Outro dado que revela também o crescimento da dinâmica no esporte é o número crescente de troca de clubes por parte dos jogadores, como aconteceu com o jogador Tagnin, que saiu do *Fuss Ball* e entrou para o quadro de jogadores do Internacional. Entretanto, o dado mais relevante das transformações no futebol de Porto Alegre trata dos melhoramentos dos campos de futebol e, sobretudo, dos valores que passaram a ser cobrado para os espectadores.

O Sport-Club Rio Grande foi um dos clubes que aproveitou o momento e inaugurou o seu "alteroso pavilhão, e outros melhoramentos". Em uma reportagem de julho de 1910 verificamos em detalhes a transformação:

---

[46] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Domingo, 12 de agosto de 1909, Ano XIV, Nr 191, pág. 6.
[47] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Domingo, 17 de fevereiro de 1910, Ano XV, número 39, pág. 3.

> Muito em breve, o Sport-Club disporá de praça para o jogo de tennis e para a patinação, a fim de proporcionar distrações mais variadas para aos seus associados... ....como é natural, os sócios não pagarão entrada, nem para si, nem para as suas famílias, que recebera cartão de ingresso permanente. Serão consideradas família do sócio a esposa, filho e filhas, estes menores de 16 anos, irmãs e mães, etc. outras pessoas ficam sujeitas ao pagamento da entrada, mesmo senhoras e crianças.
> As entradas variam de preço, conforme a importância das festas que forem feitas. Para o próximo domingo, regularão os seguintes preços:
> Geral Entrada lateral (sol) porta perto dos trilhos da estrada de ferro, 200 réis.
> Geral Entrada principal (frente), 500 réis
> Entrada Especial. No recinto reservado dos sócios, 1$000 réis.[48]

O Ano de 1910 é importante para o futebol de Porto Alegre, foi naquele ano que foi fundada a Liga Porto Alegrense. Com o desenvolvimento, a estrutura que cercava o futebol passava a ficar mais robusta e com isso se tornava imperativo uma organização maior, fosse para a melhoria do esporte, fosse para manter afastados os indesejados. O processo vai se tornando ainda mais complicado, visto que o número de clubes passa a crescer em grandes proporções e sem controle por parte das elites, o que já era esperado.[49] O processo também toma corpo com a criação da Liga dos Filhotes, dirigida aos times infantis que eram formados pelos clubes.

Notamos que a partir de 1909, ou seja, inicio do processo de plena expansão do futebol, as notas de formação dos clubes passam a indicar que os integrantes dos mesmos eram considerados bons elementos. Tal fato, emblemático para época, retrata bem o inicio de uma segmentação do futebol gaúcho que, nitidamente, passa a entender ser necessário informar o caráter dos integrantes dos clubes em formação.

Em Salvador, o processo de popularização do esporte ocorre também a partir da fundação da Liga de futebol, ainda em 1904. Entretanto, o movimento se estabelece

---

[48] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Domingo, 7 de julho de 1910, Ano XV, número 158, página 4.
[49] Alguns clubes fundados entre agosto e dezembro de 1910: Ypiranga foot-Ball Club, Parthenon Foot-Ball Club, Club Fuss-Ball Juventude Operária, Riachuelo Foot-Ball Club, Foot Ball club 20 de Setembro, etc.

com maior força a partir de 1906. Como dito anteriormente, esse movimento se dá inicialmente nas ruas, com o futebol dos chamados vadios, e somente depois na formação de clubes populares[50].

Sobre o futebol em Salvador vale um adendo sobre um dos mais importantes trabalhos sobre o futebol naquela cidade, escrito por Aroldo Maia, em 1944. Maia foi fundador, junto com o seu irmão Alexandre Maia Filho, do Yankee Foot-Ball Club, em 1914. Esse clube, reconhecido pelo seu caráter elitista e excludente, deixou claro em seu estatuto que aqueles que exercessem profissões "humilhantes" que lhe permitissem o recebimento de gorjetas, os guardas civis, os analfabetos e, fundamentalmente, "aqueles que a juízo da diretoria estejam abaixo do nível moral do amadorismo" não deveria compor os seus quadros. Ou seja, o lugar de fala de Aroldo Maia é uma importante informação para aqueles que se debruçam sobre o futebol em Salvador.

Voltemos agora para o ano de 1910. Enquanto em Porto Alegre, naquele ano, ainda se organizava a Liga de Futebol, em Salvador o desenvolvimento já apresentava sinais claros da sua magnitude comportando, por exemplo, um número cada vez maior de clubes e de questões estruturais para o cenário futebolístico como um todo. Foi naquela década que as agremiações de Salvador passaram a ter preocupações mais claras sobre as estruturas esportivas (suas sedes e campos). Henrique Sena dos Santos (2012, p. 64) aponta para o ano de 1916 como sendo crucial para essa mudança, mais precisamente a partir da fundação do Clube Bahiano de Tênis. Assim como o Yankee, o Bahiano de Tênis representava um grupo bem específico da sociedade, as elites. De certa forma, este último clube conseguiu, acima de qualquer outro, representar as elites em sua maior expressão, se tornando referência de luxo e distinção.

[50] Através do material visto na imprensa da época, acreditamos que esse tenha sido o caminho mais provável para o desenvolvimento do futebol em salvador, já que a divulgação da popularização do futebol de rua antecedeu em alguns anos a divulgação da formação dos primeiros clubes populares.

Santos afirma ainda que foi a partir de 1910 que clubes médios começaram a ter vez na Liga Bahiana. Entretanto, para os clubes mais pobres e, em especial, para os jogadores negros, a situação parece ter tido poucos avanços. Vale, sobre isso, a transcrição de um trecho da obra de Aroldo Maia, segue:

> Com menos de cem anos de abolição de escravatura era natural que o negro ainda fosse olhado com certo rancor e reservas, pois a Liga Bahiana de Sports Terrestres, para ser atual, não aceitava que seus clubes filiados tivessem jogadores de cor. Ser negro era macula indelével naqueles tempos de muito saudosismo dos baronatos e sinhasinhas. Além disso, a presença de elementos femininos que provinha das altas rodas era uma espécie de *one pas* para a raça negra no futebol [...]
> Apesar deste nefário preconceito, os homens de cor não deixaram de ter suas preferências pelos clubes dos brancos. Bendita docilidade e compreensão do nosso irmão negro, que mesmo renegado e relegado ainda encontrou alento para admirar seu algoz [...]
> Os homens de cor compareciam aos campos de futebol torcias por seus clubes prediletos, mas chamavam a Liga Bahiana de Desportos Terrestres de Liga dos Brancos, e os clubes a elas filiados de Clubes dos Brancos, porque lhe era negado o direito de praticarem o futebol oficialmente (SANTOS, 2012, p.88).

Se tratando de um trecho retirado da obra de um memorialista e, nesse caso, sendo ele um dos fundadores de um clube elitista, adotamos bastante cuidado na avaliação da fonte. No entanto, nos parece verossímil que a presença do negro ainda era considerada uma aberração dentro dos “grandes clubes”, do mesmo modo que, já era possível aferir que a presença dos mesmos no futebol, na perspectiva das elites, já estava mais que consolidada. Assim, restava a esse grupo levantar barreiras para que eles não alcançassem os seus clubes.

O cenário futebolístico estava cada vez mais complicado para as elites baianas, já que o número de clubes crescia de maneira inversamente proporcional a estrutura já desgastada dos seus campos. Ou seja, um número cada vez maior de equipes passou a usar os mesmos campos e, em contrapartida, não houve um investimento para na renovação/reforma dos espaços esportivos.

Tal fato fica claro quando o 7º campeonato da Liga Bahiana inicia na capital, em 07 de maio de 1911. Os problemas já incomodavam bastante, visto que em matéria do dia 05 de maio, O Jornal de Noticias traz uma reportagem deixando claro que "estão por merecer especial cuidado da Liga Bahiana a gramagem e o nivelamento do Field, de maneira que não fiquem gramas, barracos e baixos, dificultando a passagem da bola... ...A construção das arquibancadas projetadas pela Linha Circular também ainda não teve começo..."[51]

O problema só se agravava. Em 08 de julho de 1911, os jornais já revelam o quanto "a reserva que fizeram os *clubs* de bons jogadores para o campeonato...[52]". Na verdade, o processo de popularização já vinha causando um desgaste profundo na relação dos clubes das elites e a Liga, já que naquele momento clubes de menor expressão começavam a conquistar mais espaço no cenário esportivo. Outro dado importante que ajudou a afastar as elites do futebol de Salvador, sobretudo o público formado pelas famílias ricas da cidade, foi o aumento da distância entre a cidade e o campo do Rio Vermelho, que dependendo de onde se partia a viagem se tornava bem longínqua.

O ápice das divergências nos parece surgir depois da solicitação feita pelo Sr. Mário Paraguassu com o intuito de anular a partida do 2º team, jogada entre S. Salvador e Victoria, visto que este último tinha em sua equipe o Sr. Mário Barbosa que não estava inscrito na Liga como sócio do clube, mas como sócio de um clube já extinto, o S. Paulo Club. Por fim, a solicitação não foi aceita e, em consequência, o Sr. Paraguassu renunciou ao cargo de 2º secretário da Liga e o Sr. Francisco Freire anunciou que pediria demissão do cargo de representante do Bahia.

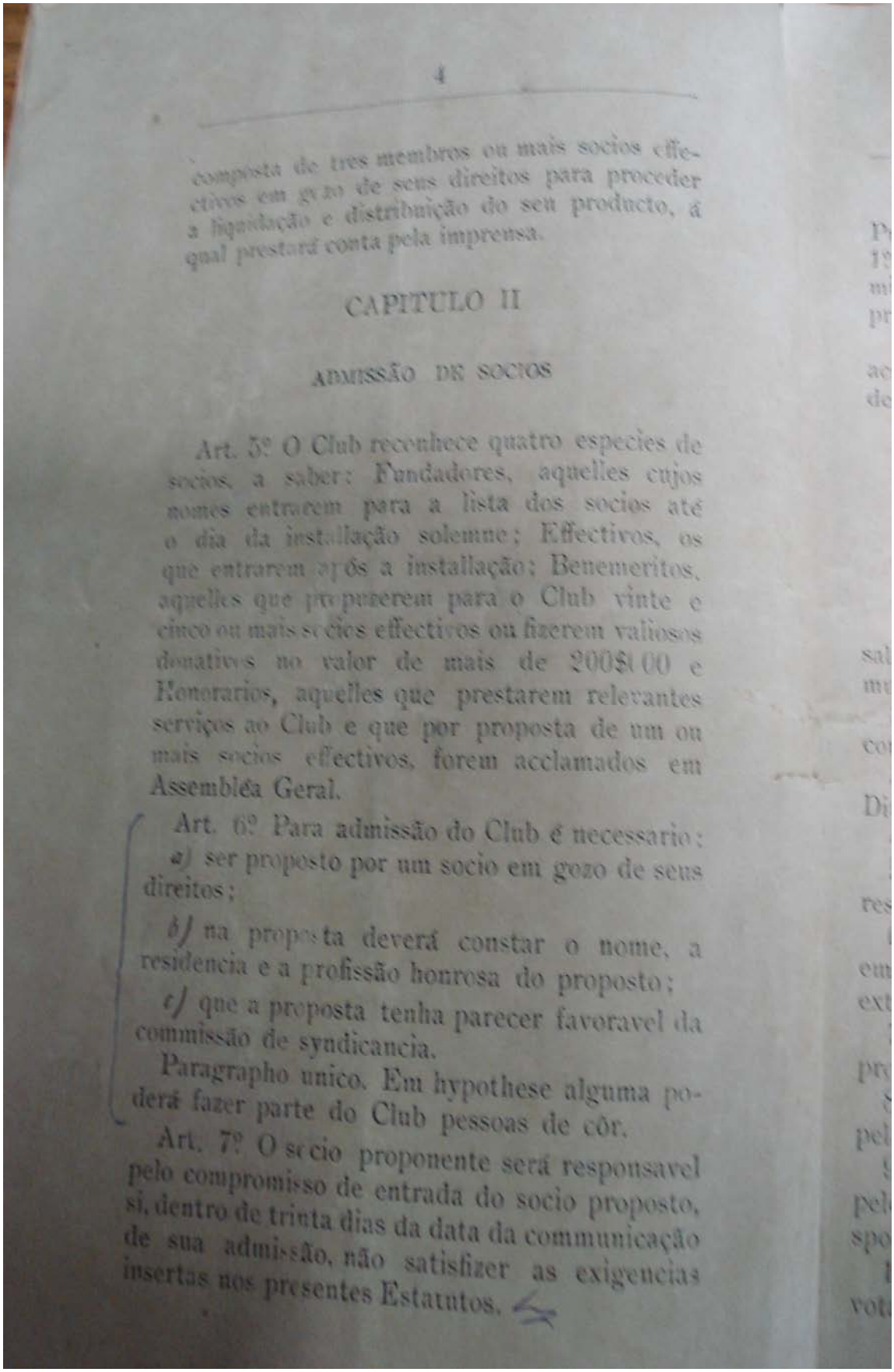
[51] Jornal de Notícias, Bahia, ano 32, Nr 9.344. Sábado, 05 de maio de 1911. pág 8.
[52] Jornal de Notícias, Bahia, ano 32, Nr 9.395. Sábado, 08 de julho de 1911. pág 9.

Os ânimos estavam acirrados e, por isso, o presidente da Liga oficiou ao Dr. Chefe de Polícia da Segurança Púlbica a necessidade do comparecimento policial nos próximos jogos. Sobre o assunto, o presidente escreve ainda que:

> O foot-ball na Bahia vai caindo, infelizmente, numa degeneração espantosa. E nem era de esperar outra coisa de quem, como a maior parte do povo bahiano – encara o Sport por um prisma bem diverso do que ele é na realidade, e o arrasta, quase sempre, ao sabor da sua opinião, para um campo das paixões e de simpatias intransigentes, que por isso tornam verdadeiramente detestáveis. Os espectadores são, por assim dizer, o motivo principal do desânimo que, de há muito, vimos notando entre os espectadores, afinal, podemos garanti-lo, o único motivo da sua derrocada [...]
> O que tento frisar, bem nitidamente, aos que assim procedem, é que, devido à impertinência dos seus apartes e das suas opiniões – que ninguém pediu e que são dispensáveis – houve grande dificuldade de encontrar quem aceitasse o cargo, já agora arriscadíssimo, de juiz da partida de amanhã.
> De dois ingleses sabemos nós que responderam categoricamente rejeitando esse encargo, e que nem guardados por um esquadrão de cavalaria lá poriam os pés.
> O Sport, não há dúvida nenhuma, vai de vento em popa, vertiginosamente subindo para o cume do processo... moribundo![53]

Em 1911, apesar de todo o imbróglio, a conquista do Sport Club Bahia, do campeonato dos 1º *teams*, foi seguida de grande festa. A diretoria do clube vencedor mandou cunhar artísticas medalhas de ouro e prata, a fim de galardoar os campões daquele ano. Vale lembrar que o Sport Club Bahia é um dos clubes que categoricamente, expresso em estatuto, proibia a entrada de pessoas de cor em seus quadros. Foi em 1911, ou seja, no ano da conquista, na reformulação do estatuto, aprovado em 09 de março daquele ano, que essa cláusula estava disposta (pág 4, Art 6º, parágrafo único – segue imagem).

[53] Jornal de Notícias, Bahia, ano 32, Nr 9.406. Sábado, 22 de julho de 1911. pág 2.



composta de tres membros ou mais socios effectivos em gozo de seus direitos para proceder a liquidação e distribuição do seu producto, á qual prestará conta pela imprensa.

CAPITULO II

ADMISSÃO DE SOCIOS

Art. 5º O Club reconhece quatro especies de socios, a saber: Fundadores, aquelles cujos nomes entrarem para a lista dos socios até o dia da installação solemne; Effectivos, os que entrarem após a installação; Beneméritos, aquelles que propuzerem para o Club vinte e cinco ou mais socios effectivos ou fizerem valiosos donativos no valor de mais de 200$000 e Honorarios, aquelles que prestarem relevantes serviços ao Club e que por proposta de um ou mais socios effectivos, forem acclamados em Assembléa Geral.

Art. 6º Para admissão do Club é necessario:

a) ser proposto por um socio em gozo de seus direitos;

b) na proposta deverá constar o nome, a residencia e a profissão honrosa do proposto;

c) que a proposta tenha parecer favoravel da commissão de syndicancia.

Paragrapho unico. Em hypothese alguma poderá fazer parte do Club pessoas de côr.

Art. 7º O socio proponente será responsavel pelo compromisso de entrada do socio proposto, si, dentro de trinta dias da data da communicação de sua admissão, não satisfizer as exigencias insertas nos presentes Estatutos.

Figura 1 – Pág 4, Art 6º, parágrafo único do estatuto do Sport Club Bahia.

Mesmo tendo como campeão um clube com marcas claras de racismo e formado pela elite de Salvador, a Liga Bahiana, em 1911, já estava transformada. Dois pontos nos ajudam a entender essa transformação. O primeiro foi perceber que a partir de 1910 se tornou visível um número maior de clubes medianos entrando na liga, bem como a saída constante de dirigentes, que pertenciam aos clubes de elites, através de pedidos de demissão. Esse fluxo de dirigentes era resultado das diversas divergências que passaram a rondar a Liga. O segundo aponta para a falta de estrutura do futebol que passou a incomodar decisiva e quase que exclusivamente os grandes clubes. Sobre esse aspecto, ressaltamos que a presença de clubes médios e pequenos que não faziam, ou pareciam não fazer, tanta questão dessa estrutura foi à responsável pela manutenção dos jogos na capital baiana, isso tudo apesar das críticas à estrutura do jogo continuar sendo atacada.

Em Porto Alegre, depois da formação da Liga Porto Alegrense, o cenário foi bem parecido. No entanto, continuamos em 1911, a não encontrar dados sobre a presença de negros no futebol. Acreditamos que esse "esquecimento", ou melhor, essa preterição, seria resultado de uma privatização maior do futebol naquela cidade, já que os jogos eram disputados nos campos privados dos clubes, e, sobretudo, de uma preocupação da imprensa em não retratar jogos ou práticas daqueles que não estavam de acordo com o perfil desejado para o esporte.

Apesar disso, após a constituição da Liga, notamos um movimento que se organiza para além dos "grandes clubes". Como exemplo, verificamos a intenção dos Clubes Colombo, Filhos do Mar, Progresso e Rio Branco (clubes que funcionam nos arrabaldes dos navegantes e em São João) em se reunirem para fundar uma nova Liga, a Federação Metropolitana dos Sport Athleticos[54].

[54] Formavam a Liga principal os clubes: Grêmio F.B.P. Alegrense, S.C. Internacional, Fuss Ball Club, S.C. Nacional, F.M. Frisch Auf e o Grêmio F.B. 7 de Setembro.

Esse fenômeno nos coloca frente a uma questão importante acerca da formação das Ligas e, consequentemente, o estabelecimento de padrões para aqueles que deveriam ou não participar destas instituições. Se por um lado, a constituição das ligas funciona como fonte de segregação e acomodação de certos valores (reais e simbólicos), nos parece, também, que ela serve como fonte de estímulo para a organização de um número maior de clubes e, da mesma forma, da constituição de novas ligas, já que a primeira instituída, quase sempre sob o poder das elites, não lhes permitiam a entrada. Como dito anteriormente, para a prática do futebol era necessário formar equipes com bons elementos e que, além disso, os envolvidos estivessem devidamente disciplinados.

O modelo de permanência de valores para a prática do esporte pôde ser visto quando o Frisch Auf resolveu sair da Liga e, consequentemente, a sua vaga deveria ser ocupada por outra equipe. Diante dos candidatos, O Centro Esportivo Operário foi o que recebeu mais apoio, visto que o Centro era uma "associação bem constituída, possuindo estatutos devidamente elaborados, sede social e tudo quanto é necessário ao jogo de *foot-ball*. A sua diretoria é composta de um grupo de entusiastas *sportsmen*"[55].

Sobre as posturas que deveriam ser tomadas numa partida de futebol, foi somente em junho de 1911 que percebemos algumas poucas repreensões a um grupo de espectadores que, talvez, por não saberem apreciar devidamente o Sport, rompiam de vez em quando, com vaias para um ou outro jogador, quando, por acaso, faltavam nos *schoots*[56].

A reportagem não faz referência a um grupo social especifico. No entanto, a prática parecia já sofrer com interferências de novos padrões de torcedores e formas de torcer que, efetivamente, não eram desejáveis para o futebol naquela cidade. Outro dado

[55] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, ano XVI, Quarta-feira, 22 de fevereiro, Nr. 53. P. 2. Apesar do nome o Centro Esportivo Operário não era uma equipe formada por trabalhadores. A descrição dos jornais revelam um grupo de jovens de "boas famílias" como sendo os seus fundadores.
[56] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, ano XVI, Quarta-feira, 06 de junho, Nr. 144. P. 2.

importante, visto no ano de 1911, aponta para a falta de conexão entre o futebol de Porto Alegre e o futebol de outros países da região do prata. Perdendo, neste sentido, em importância para o futebol das cidades de Rio Grande e Pelotas. Esse quadro nos revela o quanto dentro de um mesmo Estado às dinâmicas vivenciadas sobre um mesmo tema poderia ser substancialmente diferentes entre si. Segue a descrição do material:

> Há tempo, o Sr. Martin Guyllain, residente em Buenos Aires, enviou uma carta ao encarregado da seção sportiva.
> Essa missiva, escrita em idioma espanhol, anunciava uma excursão do team Estudiantes à esta capital.
> O Sr. Martin Guyllain fazia ver que, com a visita do team portenho, muitos lucrariam os nossos sportsmen, vendo o desenvolver de um jogo delicado e emocionante, como soe ser o football em toda a sua arte.
> Infelizmente, as palavras gentis do entusiasta sportsmen não foram tomadas em consideração em primeiro lugar pela Liga de Foot-ball; e, em segundo, por qualquer um dos seus clubs confederados.
> Mais de uma vez, está provado que os nosso clubs não querem progredir.
> Os sportsmen do Rio Grande e o de Pelotas, que são em número inferior aos de Porto Alegre já mandaram vir teams estrangeiros.
> Aqui possuímos uns 1.000 foot-ballers, que constituem um sem números de agremiações. Porém, para o seu próprio interesse não são capazes de dar um passo fora do comum.[57]

A reportagem também problematiza as influências no futebol da região sul do país, pelo menos na sua chegada e nos seus primeiros anos do seu desenvolvimento. A cidade de Porto Alegre, nos parece, sofreu muito mais influências internas, notadamente da cidade de Rio Grande, do que de outros estados ou países.

Três curiosidades muito peculiares no futebol em Porto Alegre. A primeira se refere à jogada mais aplaudida entre os espectadores, o chute nas alturas. Durante o mês de agosto de 1911, duas longas reportagens criticavam os atletas pelas ações, mas, no entanto, o público insistia em aplaudir e em apreciar esse tipo de jogada. Os críticos insistiam em dizer que esse tipo de chute em nada ajudava a equipe tampouco ao

[57] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, ano XVI, Domingo, 20 de agosto de 1911, Nr. 210. P. 12.

desenrolar do jogo[58]. A segunda, também em 1911, seria a produção de um guia do *Foot-Ball* no Rio Grande do Sul, produzido por Antenor Lemos, conhecido *sportman*, talvez, o primeiro do país. O manual buscava fazer um balanço do futebol no Estado, apresentando todas as equipes através dos seus dados biográficos e ilustrações. A terceira está na iniciativa dos clubes F.B.C. Rio Grandense, F.B.C. Teimoso, S.C. Colombo e o S.C. Rio Branco de montarem uma liga de futebol apenas para jogadores nacionais e que tenha aprendido a jogar futebol nesse Estado. Ou seja, chama atenção a clausula que exigia a comprovação de que se tivesse aprendido a jogar futebol no Estado. Enfim, apenas três curiosidades vistas em Porto Alegre.

Em Salvador, mais do que uma curiosidade, temos com o término do ano de 1911 e o inicio da temporada de 1912, um grande momento de ruptura. Na verdade, acreditamos que seja o ponto mais simbólico da história do futebol brasileiro, já que foi em 1912 que os clubes da elite soteropolitana abandonaram a principal Liga e os clubes pequenos e médios assumiram de maneira direta o futebol "público" na capital baiana[59]. Em nenhuma outra capital, pelo menos não há qualquer pesquisa que aponte para esse cenário, clubes das elites, reconhecidos como "grandes clubes", tenham "desistido" do futebol, mesmo que temporariamente, por conta da ação de clubes pequenos e médios ou pela estrutura em que o futebol se encontrava.

Para o Campeonato baiano daquele ano estavam inscritos para a disputa os clubes Victoria, S. Salvador, Santos Dumont, Bahia e Rio Vermelho. Nada incomum até aquele momento. Entretanto, no decorrer do campeonato verificamos que os jogos já não mais despertavam interesse e dedicação dos jogadores dos grandes clubes. Tal fato, fica explicito em uma matéria do dia 9 de julho de 1912, que traz a seguinte critica:

---

[58] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, ano XVI, 03 e 30 de agosto de 1911.

[59] Os considerados "grandes clubes" passaram a praticar o futebol apenas dentro de suas instalações, ou seja, de forma privada, não mais nos campos de rua, que tinham o caráter público como principal marca.

> O encontro dos velhos clubs S. Salvador e Victoria, anteontem, no ground do Rio Vermelho, não teve o interesse que devera despertar um match de campeonato.
> Basta dizer que, às 3 horas, quando devia ser dado o kick de 2º teams, ainda não havia, em campo, metade de uma equipe.
> E não sabemos como a Liga consente que se esperem jogadores até a hora em que eles queiram entrar no Field, quando as convenções do jogo tal não autorizam.[60]

Outra importante ação, em 1912, foi à iniciativa do Fluminense Foot-Ball Club em fundar na capital uma liga para, com definiu o periódico, os pequenos clubes S. Bento, Bahiano e *White Foot-Ball Club*. Essa medida, para além de demonstrar uma organização dos chamados pequenos clubes, ela acaba gerando novas possibilidades para o cenário esportivo, no sentido de apresentar uma nova instituição para a filiação dos clubes, acabando com a exclusividade da principal Liga.

Em agosto de 1912, uma matéria deixa claro o cenário do futebol em Salvador. Vejamos:

> Amanhã deveria ser jogado, no *ground* do Rio Vermelho, 0 11 match para o campeonato de 1912.
> Não se realizará, porém, devido a ter o Sport Club Bahia, a quem cabia jogar contra o Rio Vermelho, abandonado a Liga Bahiana.
> A retirada brusca do Bahia dessa associação vem bem confirmar, infelizmente, o pouco caso que fazem os nossos sportsmen de fatos como os que se deram no Rio Vermelho, num dos domingos últimos, e de que resultou a questão daquele club, um dos concorrentes aos campeonatos deste ano.
> O fato, a que não quisemos aludir na ocasião, a fim de não ecoar fora da capital, depondo dos nossos hábitos, foi grave. Por isso, a atitude do Bahia, que se viu forçado a abandonar o campo, mereceu o apoio dos que ligam importância ao cultivo do sport entre nós.[61]

Verificamos mais uma vez o quanto os grandes clubes estão desanimados com o formato do "novo futebol". A atitude do Clube Bahia seria apenas mais uma reação diante da aproximação entre clubes que expressavam valores simbólicos e reais de

[60] Jornal de Noticiais, Bahia, número 9.687. Terça-feira, 09 de julho de 1912, pág. 2.
[61] Jornal de Noticiais, Bahia, número 9.709. Sábado, 03 de agosto de 1912, pág. 2.

grupos sociais bem distantes dos dele. Assim, acabaria se tornando compreensível a saída de um clube que expressava peremptoriamente a sua aversão aos negros e aos seus valores.

Enquanto isso, a iniciativa do Fluminense em criar uma nova Liga foi tomando força com a chegada de mais clubes, como o Phebo, Olympic, Germânia e S. Bento. Para além da ruptura, vemos também nesse ano de 1912 o aparecimento com certa regularidade e destaque de partidas disputadas entre clubes de fora da "grande" Liga. Partidas como as disputadas entre os clubes União e Aurora, Veloz e Lutador e Herval e Democrata começam a aparecer em um cenário jornalístico que até então estava fechado aos pequenos clubes[62].

Em 1912, o Vitória e o São Salvador também deixaram a Liga Principal. Com isso, o cenário muda completamente, visto que o interesse por parte das elites pelo futebol tinha chegado ao seu ponto mais baixo. Afinal, o cenário que estava sendo forjado com a presença de clubes menores estava causando um desconforto irreversível e, acima de tudo, gerando uma evasão dos sócios dos clubes de elites para outro esporte.

Em geral, as elites passaram a buscar esportes em que as camadas populares não tivessem um acesso tão amplo e, principalmente, não causassem tanto desconforto. O que a princípio pode parecer o fim do futebol em Salvador, já que não havia mais interesse por parte da elite, fez gestar um novo futebol bem mais dinâmico e, sobretudo, democrático, haja vista os diversos campeonatos que passaram a ser disputados nas mais diversas localidades. As elites, também, não abandonaram o futebol por completo, assim como acontecia em Porto Alegre, apenas passaram a jogar entre os iguais e em

[62] Henrique Sena, em sua dissertação, diz que o Fluminense, em 1907, fundou uma Liga com o propósito de acomodar os clubes modestos, a Liga Nacional Sportiva. Para isso, o autor usou como fonte o trabalho de Aroldo Maia. No entanto, em nossas pesquisas, não foi achado nenhum indicio da criação dessa Liga no ano indicado. Somente em 1911, como descrito acima, é que os jornais tratam da fundação de uma Liga de futebol com esse propósito. Não estamos com isso apontando para uma falha no trabalho do estimado pesquisador, apenas, neste caso, estamos tomando o cuidado em apresentar o que as fontes primárias nos possibilitaram aferir.

seus campos particulares dentro de seus clubes. Esse cenário de exclusividade chegou ao seu ápice com a criação, em 1916, do Bahiano de Tênis, clube que representou durante muito tempo o grande modelo para o cenário esportivo das elites.

A participação, cada vez maior, de clubes populares no futebol de Salvador acabou proporcionando uma vitória expressiva das camadas populares no cenário futebolístico. Mesmo que temporariamente, já que a partir de 1919[63] as elites começam um movimento para retomar o poder no futebol, foram os populares que mantiveram vivo o futebol, naquele período, em Salvador.

O estudo sobre os primeiros anos do futebol na capital baiana nos possibilitou reconhecer um processo bem particular. Ou seja, mesmo com todos os problemas financeiros da capital e, sobretudo, por ainda não ter definido o seu projeto de modernidade (neste caso tratamos de modernização urbana, já que o esporte em si já é um desdobramento de uma concepção de modernidade), que só aconteceria a partir de 1912, o futebol se estabeleceu como grande esporte e, fundamentalmente, na relação com as camadas populares gerou um resultado, até então inédito no Brasil, que seria a saída das elites do cenário futebolístico da capital.

Em Porto Alegre, por exemplo, a mudança começa a acontecer a partir da fundação da Liga. Entretanto, ainda em 1912, na imprensa ainda repercutia ações e feitos dos grandes clubes. Notamos, é claro, que a forma de torcer ia sofrendo modificações. Porém, não foi possível identificar quais eram os responsáveis por essas transformações. Acreditamos, nesse sentido, que a popularização do futebol, seguida de uma diminuição do seu caráter privado, marca emblemática do futebol em Porto Alegre, gerou uma hibridez maior no cenário esportivo. Nos parece que outros espectadores,

[63] Para saber mais sobre o retorno das elites ao futebol em Salvador ver em: Dissertação de Mestrado de Henrique Sena.

acreditamos serem os populares, começaram a se interessar mais pelo esporte e, sobretudo, acompanhar mais de perto, ao seu modo, as partidas.

No inicio da temporada de 1912 na capital gaúcha, o periódico a Federação relata que:

> Como tem acontecido em anos anteriores, reúne-se no recinto do *ground* um grupo de habitués que se preocupa única e exclusivamente em vaiar e em apartear, indelicadamente, os insucessos deste ou daquele *team*.
> Domingo, início da presente temporada, este fato foi notado com intensidade e seria de bom aviso que fossem adotadas medidas enérgicas no sentido de impedir a reprodução de tão desagradáveis cenas, tanto mais quanto se deve considerar que as equipes que se empenham nas lutas de *foot-ball*, em campeonato, não são de jogadores profissionais.
> Demais a atitude do grupo que aparteia muito prejudica a ação dos jogadores, influindo, poderosamente, no seu ânimo, e prejudica, também, o desenrolar da luta sendo mais que tudo, uma indesculpável infração dos preceitos da boa educação.
> Também seria de toda a conveniência que se impedisse a invasão do campo do jogo pelo público, como ainda domingo último sucedeu.[64]

Fica claro que as coisas estavam mudando. Ao longo de mais de 12 anos, os jornais de Porto Alegre não se posicionaram de forma tão clara quanto à forma de torcer, tampouco demonstraram preocupação com os espectadores de uma partida de futebol. Mesmo não deixando claro a que classe social pertenciam o "grupo de habitués", causadores dos transtornos, podemos aferir pela reportagem que fazem parte de um grupo que não traziam os preceitos da boa educação.

Enfim, chegamos ao final dessa primeira parte e já podemos balizar duas conclusões preliminares. Como primeira, referente à posição dos negros no futebol, podemos apontamos para um cenário muito parecido, tanto em Salvador quanto em Porto Alegre, visto que em ambos os casos os negros sofreram com o processo de

[64] Jornal A Federação. Órgão do Partido Republicano. Porto Alegre, Domingo, 12 de maio de 1912, Nr 109, pág. 5.

exclusão e, sobretudo, desqualificação no e para o esporte. A princípio, como vimos os negros não estavam aptos a participar do cenário esportivo.

Nesse contexto, temos uma diferença significativa entre as cidades. Enquanto em Salvador, apesar do esforço em desqualificar e excluir, o futebol das elites, formado basicamente por brancos, desde bem cedo sofreu com as interferências do futebol popular, com uma presença marcante de negros, em Porto Alegre isso parece não ocorrer, visto a estabilidade do cenário futebolístico apresentado pela imprensa da época daquela cidade

Em geral, acreditamos que o panorama de Porto Alegre ocorreu devido ao seu caráter mais privado do futebol, talvez por isso não tenha sido possível avaliar qual foi o real nível de aproximação das camadas populares com o futebol das elites da capital gaúcha[65]. Lembrando que foi somente a partir da década de 1910 que começamos a perceber uma mudança no espetáculo produzido, fosse pela presença de novos torcedores, bem como a presença de novas práticas de torcer (vaiar, invadir campo, etc.). Neste sentido, o futebol de Salvador pode ser visto com muito mais vivacidade do que o de Porto Alegre.

A segunda, se refere a interferência ou importância das grandes capitais, Rio de Janeiro e São Paulo, no processo inicial do futebol de Salvador e Porto Alegre. Percebemos que as experiências vivenciadas nas duas capitais foram forjadas a partir de, fundamentalmente, demandas internas e, como demonstram as fontes jornalísticas, traziam poucas referências às capitais do sudeste. No entanto, o simples fato de citá-las,

[65] Fora do Circuito dos dois grandes clubes, o Grêmio e o Fuss-ball, encontramos apenas uma matéria sobre o futebol jogado nas ruas. Neste caso, não por brasileiros, mas por cidadãos italianos. Ocorria na Rua Riachuelo, quadra entre a Travessa Paissandu e a Rua Clara. Porém, o destaque da matéria foi a briga que houve após o jogo. Nesse sentido, mais uma vez, o modelo do jogo continuava sendo o mesmo (Jornal Correio do Povo, 18 de Junho de 1907). Outro indicio da existência de um futebol de rua em Porto Alegre, ainda que remoto, está registrado no dia 04 de julho de 1907 no Correio do Povo. Na reportagem são citadas as ruas Riachuelo, Floresta, Campo do Bonfim, Moinhos de Vento e Caminho novo como possuidoras de “pistas” para o jogo da Bola. Diz ainda que existia um futebol aristocrático e privativo encontrado nas sociedades dedicadas ao esporte.

já revela a criação de um parâmetro de qualidade que vinha de fora e, com isso, certo grau de interferência. No entanto, acreditamos que apesar das referências, elas não chegavam a determinar as ações das elites locais, mas sim, quem sabe, criar um parâmetro comparativo.

Na verdade, em vários aspectos, o futebol das capitais estudadas apresenta similaridades com o praticado nas outras cidades. No entanto, como apontado anteriormente, tanto em Salvador como em Porto Alegre, desde o século XIX já haviam práticas esportivas organizadas, assim parece compreensível que não havia necessidade de uma importação de parâmetros apenas para o futebol.

A imprensa local teve um papel determinante na tratativa com o negro nas duas cidades. Nesse sentido, acreditamos que para o racismo visto em Salvador e em Porto Alegre não foi necessário exemplo vindo de fora. As elites locais deram contam de estabelecer quem estava dentro e quem estava, ou deveria estar, fora do cenário esportivo.

Assim, mesmo o não dito, como no caso da imprensa de Porto Alegre que não trazia informações sobre a presença do negro no esporte, pôde revelar, da mesma maneira, o banimento, ou o esforço para afastar, essa parte da população da imagem das cidades que se constituíam e, em particular, do seu cenário futebolístico. Entretanto, com essa escassez de informações esportivas acerca dos negros, achamos necessário entender um pouco mais sobre a cidade de Porto Alegre e a sua relação com essa parte da população. Com isso, buscamos fora do esporte, propriamente dito, argumentos que nos balizassem na construção de um grande painel social da cidade. Com ele, se tornará mais inteligível, mesmo que fora do cenário esportivo, a sua ausência dos negros das páginas dos periódicos e do, no que mais nos interessa, do universo futebolístico.

Bem mais do que herdeiros da casa grande e da senzala

Durante muitos anos, mais de três séculos, o sistema escravista manteve o Brasil funcionando. Foi a custos da vida e da exploração de milhões de negros que o país caminhou para o seu desenvolvimento. Num rápido raio-x dos estados brasileiros fica visível que em todo território, guardadas as suas especificidades, houve uma forte exploração da população negra por parte das elites, fossem essas rurais ou urbanas.

Esse olhar um tanto monolítico pode homogeneizar a complexa situação da comunidade negra no país que, desde o século XIX, já formava um grande mosaico social em que estavam expressas diversas origens, culturas e experiências. Em alguns estados, por exemplo, a população livre dos homens de cor superava a dos escravos. Dentro do próprio sistema escravista havia distinções significativas que, ao fim e ao cabo, poderiam definir a posição do negro na sociedade e, fundamentalmente, a sua perspectiva de mudança social.

A população de cor era completamente dividida e, nesse sentido, é impossível conseguir traçar todas as experiências possíveis de um grupo tão grande, dinâmico e complexo. A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha dividiu a população de cor em nove categorias básicas (2012, p.38). Com elas, a autora conseguiu conceber um panorama geral sobre a população de cor no Brasil e, mesmo não tendo encerrado as possibilidades, tornou possível compreender melhor algumas das tramas sociais em que esse grupo esteve envolvido.

Em alguns casos conseguimos verificar contendas dentro do próprio grupo. Henry Koster, em 1816, “menciona que os africanos eram desprezados pelos negros crioulos, que não sentiam com estes nenhuma identidade de origem” (CUNHA, 2012, p.

39). Noutros casos conseguimos descobrir um alto grau de solidariedade que, mesmo diante de um cenário violento e discriminatório, conseguiram ajudar membros de um mesmo grupo étnico. As irmandades religiosas, apesar de compartimentadas, de negros e pardos foram importantes nesse aspecto. Mas, foi somente nas últimas três décadas do século XIX que conseguimos visualizar uma aproximação mais sistemática para tratar de um tema comum a toda comunidade negra, a escravidão.

Mesmo com a essa sistematização a condição dos homens de cor continuou temerária. Afinal, tudo, ou quase tudo, lhes era tolhido no seu processo de inserção social, especialmente pelo papel decisivo que a cor da pele ainda representava para a sociedade. A negociação e o conflito fizeram parte das relações entre a *Casa Grande* e a *Senzala*, no entanto, quando haviam ganhos, comumente, eles não chegavam a todos da mesma forma, tampouco gerava uma mudança substancial no status e na representação social do negro perante a sociedade. Enfim, no final das contas, eles continuavam "seres inferiores" na perspectiva das elites brancas.

Os acontecimentos oitocentistas construíram as bases da República brasileira e, naquele momento, poucas foram às vozes que se levantaram contra a escravidão. Naquele tempo, para a grande maioria da população, o sistema escravocrata era necessário e, ao fim e ao cabo, não havia nada de errado em sua essência. Afinal, foi com a exploração e com a manutenção do sistema escravista por tanto tempo que a elite brasileira deu os seus primeiros passos.

Nesse contexto, concluímos que a chegada da República acabou repousando suas bases numa formação social completamente hierarquizada. Especificamente neste aspecto, podemos dizer que não houve uma mudança substancial nas representações e relações sociais que se constituíram a partir do novo tempo político. As marcas hierarquizantes entre brancos e negros continuaram válidas e, acima de tudo,

conseguiram barrar os homens de cor, mesmo livres, da nova imagem de nação que se buscava.

Não era possível, mesmo sob o novo regime político, pensar o Brasil, ou melhor, a imagem que se construía dele, com a presença de negros e mulatos. A imagem que se desejava para um país moderno e civilizado não comportava as experiências destes homens que acabaram de "sair" do seu estado de atraso e incivilidade. Ainda que desde meados do século XIX os números de negros e mulatos livres viessem em uma ascendente significativa, a cor da pele continuava sendo um fator determinante para algumas esferas da sociedade. Assim, mesmo que passasse a existir certa dificuldade em distinguir o negro livre do escravo, usando somente a cor da pele como artifício, em ambos os casos, não lhes foram atribuído valores positivos que desprezassem o aspecto da cor, independente do seu status social.

A sociedade continuava marcada, em larga escala, por relações pessoais entre membros de um mesmo grupo social. Assim, os melhores lugares continuavam sendo ocupados pelas elites brancas que se cercavam de todo modo para manter a permanência do seu *status quo*. O esforço, para negros, nesse sentido, era demasiadamente grande para se inserirem efetivamente na ordem social, ainda que os ganhos pudessem significar mudanças bem limitadas.

Vale lembrar que ainda no império "o conceito de escravo, comum a estas sociedades, pressupõe, pelo menos na origem, uma espécie de morte social, um rompimento violento de todas as relações definidoras de inserção e personalidade social do individuo capturado ou reduzido à escravidão" (MATTOS, 1998, p.144). Em seguida, livres, não é possível imaginar que a mudança seria tão expressiva ao ponto de que pudéssemos chamá-los, ou considerá-los, cidadãos plenos.

A princípio, estas argumentações podem parecer encerrar o debate acerca da origem dos grandes males que cercavam a população negra no Brasil. No entanto, apesar de acreditarmos que o passado seja fundamental para a compreensão do grande painel em que está inserida a experiência negra, não podemos delegar ao passado toda essa responsabilidade.

Todas as ações discriminatórias, excludentes e hierarquizantes que sucederam a abolição são, também, escolhas do seu tempo. Acreditar que os grupos dirigentes e as elites em geral, grupos que de certa forma convergem por seus interesses sociais e econômicos, agiram somente levando em conta as suas experiências com o passado tende a renunciar a autonomia destes mesmos grupos em fazerem escolhas que pudessem levar a outros caminhos. Ou seja, aqueles que escolheram excluir e estigmatizar o fizeram, principalmente, por desejar manter a estrutura que há muito tempo os privilegiavam. Nesse sentido, temos que compreender o processo não somente como herança do passado, mas, sobretudo, como ações esclarecidas do presente.

O fim do cativeiro gerou, para além da liberdade, uma grande reestruturação nas relações sociais e de poder. No entanto, várias foram às tentativas de manter a liberdade dos homens de cor sobre a tutela dos seus antigos senhores. No fundo, houve um intenso esforço em conservar o controle sobre os negros por parte da elite branca. A ideia de que os negros tinham conquistado a cidadania com o fim da escravidão se mostrou rapidamente uma grande falácia, ou no mínimo assaz limitada.[66]

[66] No meados do século XIX, bem antes da abolição, já havia um grande número de alforrias. Estas ocorriam, basicamente, de duas maneiras: com a concessão por parte do dono do escravo ou com a compra feita pelo próprio escravo ou com ajuda de grupos/parentes próximos. Kátia Matoso (1979) diz que as alforrias gratuitas superaram as compradas em Salvador. No entanto, o que pode parecer um alto grau de benevolência aponta para um aspecto particular desse sistema. A liberdade gratuita, em larga escala, significou uma escravidão noutros moldes. O grau de dependência era mantido e, acima de tudo, a liberdade total estaria circunscrita a uma espécie de consórcio que deveria ser pago pelo escravo. Enfim, o processo de dominação continuava.

As agressões que antes eram direcionadas objetivamente aos escravos e fugitivos, naquele momento sofrem uma releitura e passam a atingir, agora dissimuladamente, os negros livres. A reprovação e a punição a vadiagem, por exemplo, passou a ser um dos panos de fundo para a elite branca chegar ao negro e colocá-lo no seu devido lugar. Os "vadios" se confundiam com os libertos e, assim, a repressão continuava tendo o mesmo alvo.

Salvador e Porto Alegre, assim como o Rio de Janeiro e São Paulo, construíram uma cidadania republicana essencialmente excludente que forjou representações e designações sociais que indicou um "outro" que não seria capaz de compartilhar dos aspectos simbólicos e reais do novo tempo. A herança da escravidão, bem como a necessidade de manter intactas as estruturas de poder e as suas bases de sustentação para aquele tempo foram decisivas para constituição das "novas" cidades e, principalmente, das novas, algumas vezes nem tão novas assim, relações pessoais. Um "outro inconveniente" (negro) continuava existindo e acabou sendo essencial para a construção do "eu" (branco) como modelo.

Em todas as duas cidades pesquisadas há uma clara hierarquização e classificação entre os indivíduos. O cenário esportivo, em especial o futebol, se constituiu como sendo um bom lugar para visualizarmos essas diferenças. Sandra Pesavento diz que "Tais formas de classificação, que instauram a percepção da diferença e a legitimam, são fruto de múltiplos fatores, que vão desde a biologia à estratificação social, mas que se efetivam no domínio do simbólico, que sacramenta os significados, funções, papéis e valores" (PESAVENTO, 2001, p.8). Com essa percepção podemos sugerir que a cidadania foi construída instituindo o seu contraditório, ou seja, para a construção do modelo era necessária a edificação do anti-modelo.

A imprensa, dominada pelas elites brancas, teve um papel central neste propósito. Pois, em grande parte, o que se publica nos periódicos não precisava fazer correspondência exata com a realidade, mas sim, deveria está de acordo com os interesses dos grupos que dirigiam as cidades.

Os discursos construídos assumem uma aparência de verdade e, portadoras de uma enorme eficácia, acabaram criando critérios de sociabilidade, percepções de certo e errado e, num olhar mais abrangente, criaram a representação geral do que seria a nova cidade e os seus novos e convenientes hábitos. Sobre isso, Pesavento diz que “os homens são capazes de viver no mundo da representação, porque esse realiza no plano do simbólico, onde se opera a magia dos significados” (2001, p9).

Basicamente, as estruturas sociais das duas cidades se definiram a partir da distinção entre brancos e negros. A diferença entre esses dois grupos é um dado decisivo para a compreensão do cenário social e, da mesma forma, do quadro geral das classificações que acabam marcando os sentidos destas diferenças. Identidade e alteridade foram forjadas com a intenção de manter o sistema de inclusão e exclusão bem definidos e operando a pleno vapor, também no cenário esportivo.

Assim, se torna complicado para a população de cor pensar no significado real de se tornar livre, igual e cidadão diante de uma cidade que lhes excluía e, igualmente, não lhes dava condições e prerrogativas para acessar plenamente os novos valores, reais e simbólicos, do seu tempo. A construção do “eu” pressupõe a existência do “outro”, nesse processo, de acordo com o que conseguimos verificar nas cidades, brancos e negros se tornaram as maiores expressões de modelo e anti-modelo possíveis nos espaços urbanos.

Aliás, deve ficar claro que as cidades não estavam divididas somente entre brancos e negros e que a alteridade não se encerrava apenas nessas duas categorias. Os

imigrantes, das mais diversas origens, também estavam inseridos no processo de identidade e alteridade. Com isso, podemos concluir que nem sempre o "*outro*" representava aspectos negativos ou eram rejeitados *a priori*. Eles poderiam ser tornar também um "objeto de desejo", um perfil ou uma condição a ser alcançada, bem como se tornarem referências para as transformações.

O reconhecimento de que nem toda alteridade é negativa é fundamental para conseguirmos visualizar a intencionalidade do discurso contra o negro. Nessa alteridade, especificamente, o "*outro*" é rejeitado, estigmatizado e se possível excluídos totalmente dos cenários que interessavam aos grupos dirigentes. Por isso, não pode ser possível acreditarmos numa condição natural de inferioridade do negro em relação ao branco. Tais questões devem ser entendidas a partir da produção sistemática de discursos que criam e validam o perfil dos negros como sendo inferiores.

Buscamos, mais uma vez, nas palavras de Sandra Pesavento uma importante análise que nos permite compreender o período e o personagem central dessa história, o negro:

> A cidade que se estrutura e constrói não o faz somente pela materialidade de suas construções e pela execução dos serviços públicos, intervindo no espaço. Há um processo concomitante de construção de personagens, com estereotipia fixada por imagens e palavras que lhes dá sentido preciso. Os chamados indesejáveis, perigosos, turbulentos, marginais, ou, pelo contrário, podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre ele se silencia e nega a presença. Esses excluídos, não cidadãos, formam os selvagens, ou bárbaros de dentro. (PESAVENTO, 2001, p. 12)

Como na passagem do século não é mais possível manter os negros enclausurados no perfil de escravos, mesmo que levianamente, o objetivo passa a ser classificá-los, estigmatizá-los e, quando possível, excluí-los utilizando outras ferramentas. Para isso, nenhum lugar serviu tanto a esse propósito quantos os periódicos publicados pelas elites brancas das capitais. Em alguns, o número de

reportagens que buscavam colocar os negros no seu "devido lugar" beiravam a totalidade. Noutros, a ausência, quase que completa, de reportagens que apresentassem de forma positiva a comunidade negra, ou mesmo colocasse suas ações sobre uma perspectiva positiva, era quase nula. Salvo, é claro, os periódicos próprios da comunidade negra, era muito difícil encontrar reportagens que dignificassem a população de cor.

A agressividade dirigida aos negros era um tema recorrente em periódicos das capitais pesquisadas. Tal fato deixava claro que, apesar da abolição, os lugares e ações sociais continuavam sendo estigmatizados. Em Porto Alegre, o periódico *O Exemplo*[67], fez inúmeras denúncias dessas circunstâncias. Vejamos uma interessante:

O acontecimento se deu em 23 de julho de 1904, quando O Sr. Manuel Bento Rodrigues, negro, proprietário e negociante, residente à Rua conselheiro Travassos, foi a Intendência Municipal pagar os impostos referentes à casa de que era proprietário à Rua do Parque. Ao receber o pagamento, o tesoureiro da intendência, o Sr. Castilho Maia, verificou que uma das cédulas era falsa e, de imediato, levou o Sr. Bento Rodrigues a polícia judiciária sob a acusação de que era um "passador de moeda falsa".

Sobre o episódio, a matéria do *O Exemplo*, traz indicações importantes. Primeiro, Bento Rodrigues era um comerciantes estabelecido e donos de moradias. Assim, não apresentava nenhuma motivação financeira para agir na ilegalidade portando apenas uma cédula, dentre tantas outras, falsa. Segundo, a acusação de Castilho Maia de que **o negro não podia ser senão um passador de moeda falsa** é, claramente, uma visão racista sobre o homem de cor. E, por fim, o texto termina com uma questão emblemática sobre a época: "bem desejaríamos saber se o procedimento do

[67] O Jornal *O Exemplo* foi criado em 5 de Outubro de 1902. Desde inicio se intitulou como um verdadeiro defensor do povo. Uma característica importante sobre o jornal é que ele era feito pela comunidade negra. No entanto, não foi possível identificar se haviam homens brancos na direção do Jornal, bem como entre os seus colunistas, o que me parece pouco provável.

escrupuloso funcionário seria intangível em se tratasse de um negociante qualquer como Bento Rodrigues, reconhecidamente honesto, porém, de cor branca".[68]

Não encontramos resposta sobre o questionamento. Mas, no mesmo jornal, obtivemos outra importante indicação de como os jornais comumente tratavam as pessoas de cor. Candinho, responsável pela matéria, detalha o processo que tanto lhe incomoda nos periódicos de Porto Alegre. Vejamos alguns trechos da longa reportagem:

> Ora, se a boa educação cabe em toda parte, como diz o ditado, não cabe com certeza nas colunas dos jornais que se apresentam como o painel onde se reflete o trato polido de quem se arroga ter o critério preciso para julgar que pela cor da pele não se pode avaliar nem classificar as qualidades dos indivíduos; pois parece que há a velada intenção de nos enxovalhar por termos escapado das garras ferozes do sanhudo cativeiro que, pelo martírio, glorificou aos nossos avós.
> Não me venham dizer que, com isto fomento o ódio de raças: alto lá! Se não me desculpa lançar mão dessas *frivolidades* para provar que sou igual *as outras pessoas*; porque não censurar esses senhores redatores que são todos *cheios de nós pelas costas*, que trabalham ao lado de rapazes nossos símiles, que não se encarapinham por *dá cá aquela palha*, por que sabem o quanto valem; porque não censurar esses senhores redatores, quando, sendo o nosso idioma tão rico de adjetivos para definir os sentimentos pessoais, alimentam no entretanto o preconceito de cores com este estilo rústico:
> *O crioulo* Manoel Carneiro dos Santos, aproveitando-se da ocasião em que Gregório Jorge, proprietário da casa de fazendas e miudezas, sita à Rua Voluntários da Pátria n. 193, achava-se no interior do prédio, penetrou em seu estabelecimento e furtou um par de calças. O larápio foi preso em flagrante pelo agente n. 75 que o levou ao posto de onde o major Louzada enviou ao coronel João Leite.
> Porque desde o começo da notícia, não disseram o larápio Manoel Carneiro?... Para saber-se da cor do indivíduo que cometeu a má ação? Não, porque no mesmo número do jornal, em fato idêntico, vinha a seguinte notícia, onde não se fica sabendo a cor dos larápios:
> Se crioulo quer dizer de cor preta, só há, para nós, uma vantagem nesta seleção, e é esta: saber-se pela cor da pele a tendência dos indivíduos para o crime; pois enquanto na primeira notícia se vê um crioulo, se conta na segunda dois ladrões incolores!
> Estão tão convencidos que o homem de cor só é *gente*, quando é *negro* de *estimação* que no mesmo número do jornal de que cortamos as citadas notícias, encontramos esta outra:

[68] Biblioteca Nacional (BN). Jornal *O Exemplo*, Porto Alegre – 24 de Julho de 1904, Ano II, Número 24, página 2, Coluna Notas Semanais – Título – O que é Justiça?

> Completou, ontem, 30 anos de bons serviços de empregado do ministério da fazenda o nosso amigo capitão Manoel Luiz de Magalhães, 1º escriturário da delegacia fiscal. Durante este longo tempo, o capital Magalhães que galgou brilhantes posições pela sua atividades inteligente e máximo zelo pelos serviços públicos, nem sequer tivera uma irregularidade que viesse nodoar a sua fé de ofício.
> Vamos lá!... Porque não disseram: <<... o nosso amigo o capitão mulato Manoel Luiz de Magalhães?...>>
> - Oh! Oh! Oh! Isto não: o capitão Magalhães é nosso amigo, além disto, é um homem conhecido, responder-me-ão gaguejando, com os olhos muito arregalados pela ideia do profundo ridículo em que cairiam com semelhante disparate.
> De maneira que se não fosse amigo e não tivesse uma posição saliente, não seria um homem e sim um mulato!
> Ora, há de concordar, senhor noticiarista, que é muito convencional a urbanidade estilística que dispensa a um público que reúne em si todas as cores. Tem as blandícias do gato a vossa consideração a nós outros.
> Mas enfim, esta tergiversação, *não é por mal*, está-lhe na massa do sangue, corre-lhe pelas veias o sangue liberticida de seus pais, e portanto como eles, entende a seu bel prazer de dar ou tirar os foros de gente, conforme a corrente de simpatia que lhe prenda a este ou àquele indivíduo de cor preta ou parda. Porém eu sou quem implica com isso, porque bem se poderia dizer sem *pisar* a ninguém: o larápio Manoel de cor preta e os larápios Henriques de cor branca.
> Digam, embora, que estou enciumado, não contesto: pois dói na alma ver-se esta *crioulada*, no estilo delicado do *Correio*, procurar pressurosa um jornal que dá a entender que não pertencemos ao gênero humano; e esse amor só tem parelha no da *china* <<enrabichada>>> que quanto mais apanha do seu <<home>>, mais carinhos tem para ele.
> Por tudo isso é que eu implico.
>
> **Candido**.
> Filho mais velho da Candinha.[69]

Caro leitor, apesar de longa, a transcrição da reportagem se mostrou imperiosa, pois revela à imagem dos negros encontrada nos jornais de Porto Alegre, que, de certa forma, é compartilhada pelos principais jornais da outra capital, Salvador. Como apontamos anteriormente, apesar da liberdade, a figura da população de cor continua apresentando sinais evidentes de classificações pejorativas.

[69] Jornal *O Exemplo*, Porto Alegre – 31 de Julho de 1904, Ano II, Número 25, página 1 e 2, Título – Implicância – Assinada por Antônio Cândido. (BN)

O Correio do Povo, citado na transcrição, é um Jornal de Grande Circulação de Porto Alegre. Esse periódico é visto pelos integrantes do *O Exemplo* (jornal produzido pela população negra) como imparcial nas questões políticas, mas, quando trata de "descendentes de africanos que tenha cor, já o correio deixa de ser neutro: não trata mais como as outras pessoas! Tem cor... não é gente, não pode ser – o individuo desordeiro, é sim – o crioulo desordeiro. Que saudades têm eles do cativeiro!".[70]

Devemos lembrar agora da mencionada ausência de reportagens do cenário esportivo em Porto Alegre. Buscando entender essa omissão achamos que as considerações vistas no periódico *O Exemplo* dão contar de explicá-la. Na verdade, como dito anteriormente o não dito faz parte de um processe claro de proscrição.

Uma questão importante que devemos retomar agora é o debate acerca da aproximação entre abolição e República. Numa leitura apressada, podem parecer que estão intimamente ligados: a abolição e a Proclamação da República. De imediato devemos deixar claro que a Abolição não é resultado de um esforço republicano, pelo menos, não somente.

Devemos romper com a ideia de que a abolição foi um movimento liderado pela oposição a monarquia, visto que muito monarquistas foram grandes abolicionistas. O próprio imperador, Pedro II, nunca foi um incentivador do sistema escravocrata. Muitas vezes se manteve neutro no debate para não fragilizar a sua posição diante dos grupos que disputavam o poder. Óbvio que a neutralidade foi uma posição que em nada ajudou a população negra. Entretanto, não podemos colocar o sistema escravista como sendo algo inerente ao sistema político monárquico, até porque, foi no império, com a participação direta de monarquistas importantes, que o sistema se desfez. Ademais, alguns republicanos eram a favor da escravidão, especialmente aqueles que estavam

[70] Jornal *O Exemplo*, Porto Alegre – 20 de Novembro de 1904, Ano II, Número 41, página 2, Título – Revista Correcional – Assinada por O inspetor, sem quadro. (BN)

envolvidos com o trabalho escravo em suas plantações. Também, neste caso, não era uma unanimidade. Enfim, a trama política era bem complexa e, sobretudo, não nos permite aproximações tão simplistas.

Léo Prado, colunista do Correio do Povo (Porto Alegre), escreveu sobre essa questão que:

> [...] Em verdade, e em que pese às idéias em voga, o 13 de Maio não se prende ao 15 de Novembro por outros elos mais fortes e atraentes que os que prendem e arrastam os acontecimentos em sua cadeia geral.
> Erro crasso, porém, é confundir em um mesmo elo os dois acontecimentos, de prodomos, de sequência e de solução tão diversas que em vários pontos asperamente se repelem e várias vezes duramente se defrontam.
> A tão só palavra de *liberdade* não basta para unir e caldear, em uma e a mesma, conquistas tão dissemelhantes.
> Para muitos, as chamadas liberdades políticas, isto é, as liberdades coletivas, as liberdades públicas, podem se harmonizar e coexistir com diversas formas de governo; ao passo que a liberdade individual, a liberdade por assim dizer restrita, que independe um ser de outro ser, esta não se coaduna absolutamente com a escravidão sobre qualquer rótulo que esta se queira dissimular. Um cidadão pode ser livre mesmo sob uma autocracia; o escravo é que não o pode ser, mesmo sob a mais licenciosa república [...]
> Mas, e é o principal: essas propagandas para os dois escopos, sempre se fizeram em separado, sempre se mostraram divergentes, às vezes se hostilizando até, e não raro buscando os seus fins com detrimento dos fins da outra.
> Não inventamos, nem estamos declamando em vão: ainda está na memória, ainda se conserva no conhecimento de todos que o centro de onde se irradiava a propaganda republicana era S. Paulo, que, ao mesmo tempo, era o mais temeroso baluarte do escravagismo.
> De forma, que se chega a esta conclusão iniludível: a propaganda abolicionista não foi concomitante com a republicana – antes, cada uma seguiu o curso natural das suas ideias; os propagandistas das diferentes causas, não foram sempre os mesmos, amigos e auxiliares – antes, mais de uma vez, em mais de um lugar se encontraram extremados e enfrentados: logo, os intuitos e os fatores da campanha não podendo ser idênticos e o seu resultado só acidentalmente coincidindo, não se pode, em boa fé, atribuir à glória de uma os esforços em prol de outra das causas....
>
> Léo Prado[71]

[71] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre – 20 de Maio de 1906, Coluna: Semanário. Página 02 – Assinada por Léo Prado. (BN).

Mais uma vez, não podemos desprezar a longa reportagem. Nela, conseguimos a confirmação de dois aspectos importantes. Primeiro, que não podemos relacionar de forma direta República e abolição, tampouco Monarquia e escravidão. Nesse caso, seria simplista e estaríamos cometendo um reducionismo perigoso sobre um momento histórico tão complexo. O segundo aspecto é que, já naquela época, especialmente por parte dos letrados, já havia a compreensão desse panorama. Havia um cenário muito intricado, tanto político quanto social, que estava na ordem do dia e frequentava constantemente os debates jornalísticos, políticos e sociais da época.

Sob esse cenário de grande complexidade e, sobretudo, mantendo o foco na necessidade de entender as experiências da comunidade negra na passagem do século XIX para o XX, escolhemos debater a data mais emblemática nesse debate, o dia 13 de maio.

Essa data, com todo o seu simbolismo e, fundamentalmente, apesar de todas as comemorações que ao longo do século XX marcaram o novo posicionamento do negro na sociedade, não subverteu de forma absoluta a imagem dos homens de cor perante a sociedade em geral. As agressões continuaram e, fundamentalmente, o processo de exclusão, de certa forma, recrudesceu, já que assumimos perigosamente sermos um país sem preconceitos. Nesse aspecto, temos que atentar para um fator determinante para uma pesquisa histórica, que é a necessidade de analisar criticamente as fontes, bem como tentar diversificar ao máximo possível as origens das mesmas, buscando com isso não a verdade absoluta, mas, sobremaneira, o maior grau de verossimilhança possível.

Lançado esse olhar, percebemos que se debruçássemos apenas sobre os jornais de grande circulação[72], de 1888 a 1912, chegaríamos à conclusão de que a abolição foi à

[72] Os jornais de grande circulação pesquisados foram: Correio do Povo (Porto Alegre), Correio Paulista (São Paulo), Jornal do Comércio (Rio de Janeiro) e Diário da Bahia (Salvador). Foram pesquisados todos os exemplares do mês de maio de 1888 a 1912. O mês foi escolhido propositadamente por ser

consagração e o triunfo da população de cor no país e, principalmente, a partir daquela data os negros se tornariam cidadãos equivalente aos brancos. Vejamos alguns exemplos: no dia 15 de maio de 1888, ainda no calor da emoção, o Correio Paulistano publica que "as lágrimas que correram foram lágrimas de bênçãos e redenção, a orvalharem a mão augusta que acaba de abrir de par em par as portas da posteridade, ao lavrar o decreto que declara que no Brasil só há homens **livre e iguais**"[73].

No Rio de Janeiro não foi diferente, desde as primeiras horas do dia 14 de maio de 1888 notava-se uma extraordinária animação. Prédios enfeitados, bandas de música tocavam pela Rua do Ouvidor, sociedades abolicionistas se reuniram com seus estandartes para comemorar. Todos se dirigiram para o senado entre entusiasmados vivas. E, assim, após a aprovação definitiva do projeto pelo senado a festa foi geral. Grosso modo, essa é a descrição da atmosfera do dia da abolição na capital federal vista a partir dos "grandes" jornais.

Possivelmente até o mais severo dos críticos que estivesse passando pelas ruas da capital se envolveria com as comemorações. Em Salvador, no mesmo dia, o *Diário da Bahia* publica que "o país inteiro colherá, não em época muito afastada, os serviços dos novos cidadãos; e longe de lamentar o aniquilamento de uma instituição maldita, sentirá apenas não tê-la extinguindo há mais tempo".

Ano a ano os jornais faziam referências elogiosas ao grande evento que se tornou a abolição. Nesse sentido, o dia treze de maio acabou se tornando um símbolo do processo que aparentemente igualava negros e brancos. Pelo menos assim queriam registrar e fazer crível alguns dos principais jornais das capitais pesquisadas. Em 1908, no vigésimo aniversário da abolição, O *Correio do povo*, de Porto Alegre, continuava

---

comemorativo da Abolição. Desse modo, com o aumento do número de reportagens que tratavam sobre tema conseguimos construir um olhar mais adequado sobre o discurso e as limitações que poderiam nos levar esses periódicos. Todos disponíveis na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro).

[73] Correio Paulistano, São Paulo, 15 de Maio de 1888. Ano XXXIV, Número 9.511. BN

afirmando ser "indizível a satisfação que rememorarmos esta **data, que representa o igualamento de todos os filhos desta pátria**".[74]

Para conseguirmos avançar sobre a perspectiva apresentada por essas grandes publicações nos debruçamos sobre os periódicos produzimos pela população negra[75]. Apesar de reduzidos e apresentarem lacunas nos arquivos, eles são determinantes para não obliterarmos bons vestígios sobre como essa parte da população foi tratada no pós escravidão. Assim, depois de verificarmos como se desenvolveu a "participação" dos negros no futebol das duas cidades, teremos um panorama da sociedade mais amplo para análise que, consequentemente, tornará mais inteligível e compreensível o processo de exclusão no esporte exposto acima.

Se a expectativa com a abolição era tornar o negro um cidadão e, em última análise, torná-lo um igual, podemos concluir que o processo não alcançou o seu objetivo, uma vez que o negro virou um *fulano de tal*. Ou seja, bastava "ser de cor" que a palavra crioulo, preto ou mulato antecedia o nome do individuo e, com isso, sua identidade, suas qualidades ou deméritos, passavam a carregar um peso discriminatório rotulado na cor.

Folheando os jornais da época a comprovação fica fácil de ser aferida. No dia 01 de agosto de 1904, o Sr. Honório da Silva, morador de Porto Alegre, teve sua casa roubada por Henrique de tal e Henrique Hamann. O branco, vítima ou culpado, é da silva, é Hamann. O Preto, da mesma forma, era um fulano de tal.

---

[74] BN – Correio do Povo – Ano XIII – Porto Alegre, quarta-feira, 13 de Maio de 1908, Número 110. Matéria não assinada.

[75] Vale uma ressalva sobre esse aspecto. Quando afirmamos sobre a produção de periódicos produzidos pela população negra fazemos, conscientemente, certa generalização do grupo. Afinal, os negros que efetivamente produziram essas ferramentas de comunicação foram os negros letrados e não a grande massa da população negra das cidades (o analfabetismo era maciço nesse grupo). No entanto, esses periódicos são fundamentais por nos apresentarem o contraditório dos jornais produzidos pelos Brancos. Neles conseguimos alcançar a voz do homem de cor e, com isso, ampliar as nossas perspectivas de análises.

Sobre esse cenário, Esperidião Calisto, colunista do *O Exemplo*, de Porto Alegre, reclama do esforço dos jornalistas do *Correio do Povo* em inferiorizar a população negra. Diz ele: "esbofem-se como quiserem os troões do jornalismo para nos colocar em plano inferior na linha dos combatentes da humanidade, contra isto protesta a energia hercúlea do caráter do homem de cor na luta pela vida".[76]

As palavras de Baptista Homem, um dos colaboradores da coluna *28 de setembro* do mesmo jornal, são ainda mais claras acerca da conjuntura em que eles estão inseridos:

> Dentro da mais sã e mais verdadeira das filosofias – a que nasce da observação e compreensão exata das necessidades sociais – a lei que se impunha como inadiável era não a da emancipação de escravos, porém a da abolição dos cativos, mas infelizmente ainda naquele tempo, como hoje, não era dado a todos ascender a certo grau de superioridades moral que os fizesse capazes de alienarem-se de interesses para aquilatar princípios da liga de pureza com que somente eles poderiam ser quotados intrínsicos.[77]

No entanto, não somente as palavras atingiam a população negra. Em alguns casos a violência física foi a ferramenta utilizada para colocar o preto no seu "devido lugar". Segundo S. Pereira relatou, em 27 de novembro de 1904, uma senhora de cor preta, tendo comprado ingressos para se divertir no Carrossel do Teatro Parque (P.Alegre), foi impedida de tomar assento em uma das cadeiras por um grupo de indivíduos que arremessava-lhe, sobre gritos de *fora negra*, terra e pedras.[78]

Um motivo leva S. Pereira, apesar da brutalidade, a não achar estranho o episódio. O reconhecimento, por parte do autor, de que os indivíduos responsáveis pelas agressões seriam ignorantes e que, fundamentalmente, num país em que um Presidente

[76] BN –Jornal *O Exemplo* - Porto Alegre – 28 de Setembro, Ano II, número 33, página 03. Coluna: 28 de Setembro. Escrito por Espiridião Calisto.
[77] BN –Jornal *O Exemplo* - Porto Alegre – 28 de Setembro, Ano II, número 33, página 03. Coluna: 28 de Setembro. Escrito por Baptista Homem..
[78] BN –Jornal *O Exemplo* – Porto Alegre – Ano II – 27 de novembro de 1904, Número 42. Página 01 Matéria assinada por S. Pereira.

da República, “o Sr. Campos Salles, que indo retribuir uma visita da presidente da República Argentina, determina que da tripulação da esquadra que o acompanhasse, não fizesse parte marinheiros pretos” não deveria se assustar com causos como esses. De certa forma, aos olhos de Pereira, o fato é até compreensível.

As agressões feitas às pessoas de cor chamam a atenção em 1904. As críticas declaram que esses fatos pretendem dar conta daquilo que o cativeiro não conseguiu: o arrasamento do “preto”. Com esse cenário, as distinções ficam cada vez mais claras e, sobretudo, acabam norteando a forma como o Estado intervinha diante de situações como essa. Os traços comuns daqueles episódios foram às vítimas, majoritariamente negras, serem retiradas do local por policiais ou guardas enquanto os agressores nem se quer eram advertidos. Havia, por parte dos agentes do Estado, uma forte complacência quando a vítima era negra.[79]

Esses casos evidenciam dois aspectos importantes para o nosso trabalho. O Primeiro trata da perspectiva, em grande medida, falaciosa da solução do “caso negro” a partir do treze de maio, especialmente os discursos expressos nos jornais de grande circulação das capitais. Concluímos que parte da sociedade continuava compreendendo o negro como um ser menor e que, por isso, poderia continuar sendo alvo das agressões. Na verdade, achamos que houve recrudescimento desses fatos causados, sobretudo, pela participação mais efetiva e diversificada da população de cor em esferas e lugares que até então não eram alcançados.

O segundo aspecto trata da necessária interlocução do cenário social com o cenário esportivo para tornar inteligível o grande painel da sociedade. É difícil acreditar que diante de uma vista tão agressiva e excludente o esporte e todas as suas instituições

[79] Em 1904, o Jornal *O Exemplo* traz inúmeras reportagem que mostram a agressão aos negros, bem como a ação do Estado diante dos fatos. O material está disponível na BN e se refere, em especial, aos meses de Julho a Dezembro daquele ano.

estivessem imunes a esse sistema nefasto (visto na primeira parte deste capítulo). Mais do que isso, acreditamos que somente através de um panorama geral se torna possível compreender os desdobramentos do cenário esportivo.

Durante muito tempo o discurso "oficial" sobre a abolição (expresso, em larga escala, nos jornais das capitais) e, fundamentalmente, as poucas investidas em fontes produzidas pela população negra (neste caso me refiro aos trabalhos produzidos sobre a história do futebol) serviram como base para o que eixo interpretativo, acerca da agressividade aos negros, se deslocasse do racismo para uma questão meramente econômica. No entanto, como revela um editorial de 1904, "muitas vezes não basta subtrair a causa do mal *(escravidão)* para ter feito um bem, porque os efeitos da remoção dessa coisa são, também muitas vezes, origem de muitos e mais terríveis males" [80] (grifo nosso). Ou seja, o racismo, e todas as questões que circundavam as questões da raça, estavam em plena articulação, produzindo tensões e gerando novos inconvenientes para os homens de cor. Algumas vezes, este cenário se mostrou tão, ou mais, severo quanto o período anterior.

A preocupação por parte da população negra acerca do seu presente e, em especial, do seu futuro é visível e revelador do real quadro em que estão inseridos. Vejamos uma interessante matéria sobre a educação dos negros em Porto Alegre:

> [...] O objeto do nosso artigo é outro muito diverso: é o dizer que aqui, neste solo rio-grandense, onde tudo é grande, onde tudo é fértil, onde tudo floresce, onde as artes, a indústria e o comércio à sombra benéfica de leis liberais tanto vulto vão tomando, aqui também há caracteres pequeninos, esterilizadores das vocações, estioladores dos talentos, que entendem que a arte é monopólio de determinado indivíduos e que deve ser inacessível a outros, aqui também está entronado "o maior dos bandidos, o mais vil dos assassinos das classes inferiores", o mais audaz, o mais cínico dos canalhas – o preconceito de cores – esse verme pestilento, essa torpeza que penetrou em algumas aulas do Estado.

[80] BN – Porto Alegre – Editorial: Nós e os nossos. 04 de dezembro de 1904.

> Não há aí pessoa do povo, desse povo que tudo sofre desde a humilhação ao martírio com resignação cristã, que não saiba a maneira porque são tratadas em muitas de nossas aulas, principalmente no interior, as crianças de cor preta; o mal começa no descaso dos professores e termina nos maus tratos que lhes são infringidos pelos condiscípulos.
> Aqui, nas aulas públicas, as crianças de cor preta, são uma espécie de boneca de lustrador que somente vão à escola para polir os bancos: os professores nada ensinam aos negrinhos e aproveitam-nos muito bem como seu criadinho: os alunos de cor preta é quem vai ao armazém fazer compras do professor, ao correio buscar e levar a correspondência.
> Conheci uma senhora, professora de Caçapava que votava tal ojeriza às crianças de cor preta que, quando iam matricular em sua aula uma criança que não fosse branca, era tal a raiva que dela se apoderava que não poucas vezes teve acessos histéricos; outras ocasiões, dando expansão a sua cólera em torrentes de palavras, vociferava furiosa: - Onde se viu negro na escola! Negro só serve para cozinha!... E eu criada, tendo necessidade de fazer certos serviços da casa que não estão de acordo com a minha posição! Pode-se suportar que as negrinhas venham para a escola vez de s alugarem em casa das famílias que como eu estão precisando de quem as sirva?! Está aí para que serviu o tal 13 de maio!
> E isso se vê mais ou menos aperfeiçoado, por toda parte e por toda parte também são nossas crianças as vítimas dos maiores vexames e sofrimentos, consequência da culpa de seus próprios pais que se não sabem infelizmente ainda fazer valer no seio da sociedade, que abandonam ou não dispensam o necessário carinho aqueles que como *O Exemplo*, defendem a sua causa e o seu direito, para lerem de preferência o jornal que cotidianamente o chame de negro ladrão e sem vergonha!
>
> Rio Pardo
> Lindolpho Ramos[81]

A longa reportagem apresenta uma visão geral sobre a "educação" dispensada às crianças negras e, sobretudo, critica a passividade, ou inércia, de parte da população adulta deste grupo por "não" agir diante dos problemas e, acima de tudo, por não privilegiar o material e as diretrizes produzidas por seus pares mais informados[82].

[81] BN – Porto Alegre – Editorial: As aulas públicas. 18 de dezembro de 1904.

[82] As pesquisas demonstram que a deficiente educação dispensada aos negros é sintomática no País. Em São Paulo, em 1928, continuamos encontrando matérias que fazem críticas ao abandono dos negros sobre esse aspecto. Na primeira edição do jornal paulista *O Progresso*, de 23 de junho de 1928, em matéria intitulada "Os homens de preto e a instrução", verificamos um apelo para que o país melhore a educação dos negros. Concluímos com isso que o problema mostrado na reportagem anterior (nota 28) perdurou ainda por muito tempo e, fundamentalmente, não era uma exclusividade de Porto Alegre. As pesquisas também demonstram que a discriminação ocorria em todos os níveis. No ano de 1929, um médico

Sobre essa análise temos que observar com atenção alguns indícios. Primeiro, havia por parte dos negros letrados que produziam esse tipo de material uma visão quase que messiânica acerca do papel que eles desempenhavam dentro do seu grupo. Segundo, qualquer ação que não convergisse para o caminho que eles apontavam deveria ser duramente criticada. Por fim, parece que havia uma unanimidade entre os grupos de que para avançarem de forma substancial na sociedade eles deveriam fortalecer os movimentos e instituições negras. Diante do quadro geral em que estão inseridos é compreensível um posicionamento como esse, já que a sociedade não apresentava outras alternativas efetivas para o melhoramento socioeconômico do grupo.

Ao contrário, as cidades se estruturavam e, cada vez mais, a população negra era empurrada para fora dela. Sobre isso vamos nos debruçar mais densamente no próximo capítulo. Buscamos, por hora, fechar um quadro panorâmico da situação da população negra nas duas cidades escolhidas para esse trabalho. Importante ressaltar, aqui, que nesta parte do trabalho houve uma preocupação clara em apresentar, fundamentalmente, as fontes produzidas na cidade de Porto Alegre. Essa atitude visou alcançar dois objetivos: primeiro, Porquanto as escassas fontes sobre a presença do negro no futebol de Porto Alegre nos primeiros anos de seu desenvolvimento, buscamos captar com mais clareza qual era o grande painel em que os negros daquela cidade estavam inseridos. Com isso, para além de suprir uma carência objetiva de fontes relacionadas ao futebol, tentamos demonstrar ser possível fazer uma leitura do cenário esportivo seguindo outros indícios.

---

paulista, por ser negro, sofreu discriminação por parte de seus colegas médicos em cursos no exterior (França e Alemanha) (matéria encontrada em: Jornal *O Progresso*, São Paulo, 24 de Fevereiro de 1929, Ano 2, Número 9, Página 01. Título: O preconceito de cor, não tem razão de existir entre homens de ciência). Em alguns círculos acadêmicos de São Paulo diziam que um Professor de Direito (apenas relatado na matéria como Cabral) anunciava como principio que "Negro não pode ser bacharel" e reprovava todos os pretos que lhe caíam na aula. (matéria: Jornal O Progresso, São Paulo, 13 de Janeiro de 1929, Ano 2, Número 8, página 1. Título: Preconceito de cor)

Sobre isso, se torna representativo apresentarmos os poucos vestígios da formação, em Porto Alegre, da Liga Nacional de *Football* Porto-Alegrense. Conhecida como a Liga da Canela Preta, essa Liga foi formada para atender clubes e jogadores, notadamente negros, que não conseguiam ingressar na "liga dos brancos". A ausência de fonte sobre a Liga não nos permite avançarmos sobre essa história[83]. No entanto, a partir da certeza da sua constituição, mesmo sem sabermos a data precisa da criação, podemos balizar dois pontos importantes. Como primeiro, sugerimos que já havia antes da década de 10 um futebol praticado pelas camadas populares e, em especial, pelos negros em Porto Alegre, posto que a formação de uma liga esportiva sugere, em qualquer esfera, uma organização prévia de equipes ou mesmo clubes. No segundo ponto apostamos que, numa experiência ainda mais radical do que a vivenciada em Salvador, em Porto Alegre a cobertura jornalística sobre o futebol fora do grande circuito dos clubes da elite, pelo menos no recorte temporal estudado, foi de completo banimento as experiências negras.

Ou seja, mesmo que em Salvador as reportagens sobre o futebol das camadas populares, marcado pela presença de negros, fossem quase sempre depreciativas, conseguimos através daquele material reunir vestígios que nos ajudasse a contar o futebol fora do eixo das elites. Em Porto Alegre, tal fato não foi possível visto o grau elevadíssimo de exclusão das experiências esportivas dos negros.

O segundo objetivo, que será apresentado mais detalhadamente na última parte desta tese, está na importância de comprovarmos a forma agressiva com que a "cidade"

---

[83] No Livro: Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre (SANTOS, 2005), Jones Lopes da Silva em um capítulo intitulado *A Canela Preta*, diz que a criação da Liga ocorreu em 1910. No entanto, encontramos em Futebol de Campo de Porto Alegre, dos autores Vinicius Machado e Carolina Buchmann (disponível em: http://www.cref2rs.org.br/atlas/cd/texto/Futebol%20de%20Campo%20em%20Porto%20Alegre-RS.pdf) e no anuário da Associação Esportiva de Porto Alegre o ano de 1915 como sendo o ponto de partida da Liga. Essa inconsistência na data de criação da Liga demonstra de maneira bem objetiva a dificuldade de encontrarmos fontes sobre as ações e instituições da comunidade negra.

de Porto Alegre tratou a comunidade negra à época. Desse modo, procuramos, mesmo que as fontes jornalísticas esportivas possam vir a deixar dúvidas, demonstrar que numa cidade em que os negros foram “exilados” geograficamente não seria possível pensar em um cenário esportivo democrático, ou pelo menos pleno para todos os grupos sociais.

2. Modernidade e o futebol

A construção das novas cidades e os clubes de futebol

Desde o século XIX, principalmente a partir de sua segunda metade, assistimos uma evolução nas cidades brasileiras. Evolução desigual, limitada e, algumas vezes, inconclusa, mas que, sobremaneira, foram redesenhando as cidades e as suas sensibilidades. Ruas foram construídas, outras alargadas, e nelas, prédios públicos, teatros, bondes, dentre tantas outras novas estruturas, passaram a compor um novo cenário e, principalmente, definir novos valores para a ocupação daquele espaço.

A nova composição gestada no decorrer das últimas décadas do século XIX foi radicalizada na República. Os números cresceram consideravelmente e, com isso, marcamos esse período como ponto chave para a compreensão, também, do cenário esportivo. Vejamos alguns dados relevantes que ajudaram nas transformações que seguiam ocorrendo por todo Brasil:

População das cidades

Cidades	1890	1900	1910
Porto Alegre	52.421	73.674	130.227
São Salvador	174.412	205.813	318.931
Rio de Janeiro	522.651	691.565	870.475
São Paulo	64.934	239.820	346.410

Estatística Histórica do Brasil. Vol 3. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.

Valores da Importação Brasileira

Ano	1890	1900	1910
Valores	819011	535963	1733234

Estatística Histórica do Brasil. Vol 3. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.

Extensão da Rede Ferroviária em KM

Ano	1890	1900	1910
Valores	9973	15316	21326

Estatística Histórica do Brasil. Vol 3. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.

Extensão da Rede Ferroviária Por Estado em KM

Cidades	1884	1905	1919
RS	236	1650	2705
BH	708	1311	1728
RJ	1706	2661	2794
SP	1457	3790	6615

Estatística Histórica do Brasil. Vol 3. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.

Potência instalada das usinas de energia elétrica (hidráulica)

Ano	1900	1910
Valores	5	124

Apesar de muito espaçadas, as informações acima nos ajudam a visualizar, de forma mais objetiva os avanços pelo país. Desse modo, podemos dizer que o fenômeno das transformações urbanas foi impulsionado, ou melhor, se tornou possível, devido aos avanços em um conjunto de grandes áreas. Ou seja, sem o progresso nos transportes, na disponibilidade cada vez maior de energia elétrica e, também, nas melhorias das comunicações, esse processo se tornaria bem mais complicado.

Sobre a profundidade e o perfil das mudanças, José D'Assunção Barros nos ajuda a entender o que está para além do processo, em si, das melhorias. Quando o autor

diz que “os próprios homens que se unem para construir uma cidade já começam a interferir nos seus destinos formais nos primeiros instantes, valendo-se das suas próprias imagens”, ele nos coloca frente a frente com uma questão importante para esse trabalho, que é a compreensão de que a construção da cidade deve ser entendida em concomitância com os valores expressos pelos grupos que a constroem. O autor completa ainda dizendo que “são estas imagens que o cientista social – ele mesmo formador de imagens – deve examinar em um primeiro momento”. (BARROS, 2012, p.22).

Assim, articulando o pensamente de Barros ao objeto central de nossa pesquisa, o futebol, devemos entender o processo de construção dos clubes como parte de uma imagem que estava sendo construída juntamente com as cidades e, fundamentalmente, perceber que pertencem ao mesmo grupo social tanto os formuladores das cidades como os fundadores dos primeiros clubes. Nesse sentido, poderá ser possível entender os valores em que eles estavam inseridos (cidades e clubes) e, principalmente, o *modus operandi* que, em certa medida, determinava as suas ações.

Tanto em Porto Alegre, quanto em Salvador, o processo inicial de formação dos clubes também seguiu esse caminho. As elites locais, principalmente as políticas e econômicas, iniciaram o processo e, com isso, formularam desde o primeiro momento padrões morais e de comportamento que seriam reconhecidos como modelos para a prática esportiva.

Nesse sentido, a formação dos clubes de futebol não trouxe nada de novo ao cenário esportivo, visto que em todas as duas cidades outros esportes já possuíam seus clubes organizados, em destaque o remo e o turfe, e os seus padrões de sociabilidades já devidamente expressos. Assim, podemos dizer que o futebol reproduzia, num primeiro momento, basicamente, *ipsis litteris* a segregação, a distinção e a exclusão de outros

modelos esportivos. Mesmo sabendo que o futebol, muito rapidamente, vai ter esse modelo desorganizado pelas camadas populares, notadamente pelas características peculiares do próprio esporte, o modelo inicial não fugiu a regra.

Nesse contexto, os modelos das instituições de futebol eram basicamente os mesmo tanto em Porto Alegre quanto em Salvador. Atendiam as demandas internas, em particular dos grupos locais que organizavam os clubes, e externas, na medida em que já havia há muito tempo um olhar interessado no que acontecia fora das suas cidades que pudesse servir para agregar valor positivo à imagem social que estava sempre sendo reformulada. O mais importante nesse caso é considerar o esporte um fenômeno moderno independente do cenário do urbano.

Não queremos criar com isso uma percepção homogeneizante dos grupos sociais envolvidos no processo. Porém, acreditamos que apesar das elites não formarem um grupo monolítico, assim como as camadas populares, há uma percepção e, fundamentalmente, um discurso que permeia todo o grupo e, desse modo, acaba forjando "verdades", quase que absolutas, sobre determinados grupos sociais. Nesse sentido, concordamos com Pesavento quando diz que

> A identidade não é um sistema absoluto nem recobre todo o universo cultural de uma comunidade, que, por sua vez, pode formular vários padrões identitários, além de que um mesmo indivíduo pode acumular e sobrepor em sua uma pluralidade de identidades. Por outro lado, a formulação identitária organiza, sistematicamente, a compreensão da correspondência da parte com o todo e consagra a visualização da diferença" (PESAVENTO, 2001, p.10).

Em Salvador os primeiros clubes de futebol foram criados a partir de 1903, O Sport Club S. Paulo-Bahia – formado por estudantes de medicina - chamou a atenção de outros clubes. Os jovens universitários fizeram os seus primeiros treinos na Praça Almeida Couto e, com o sucesso do divertimento, acabou gerando uma primeira onda

de formação de clubes de futebol e de novos departamentos dedicados a esse esporte em clubes já existentes.

Fundando em 7 de Setembro de 1903, O Sport club Bahiano, juntamente com o São Paulo-Bahia, passaram a criar uma rotina para as partidas de futebol e foi no Campo do Pólvora que esses primeiros toques de bola se firmaram com maior regularidade. Claro que ainda era tudo muito rudimentar. Sem arquibancadas, até mesmo sem cadeiras para as senhoras e senhoritas assistirem aos jogos, os campos eram, na verdade, grandes espaços adaptados para o jogo.

Essa falta de estrutura também pôde ser vista no *Ground* do Rio Vermelho. Inicialmente utilizado para o Turfe, aquele espaço acabou se tornando um dos principais campos para as disputas futebolísticas daquela época.

Os jornais destacavam, em 1906, que por toda Bahia havia uma grande falta de lugares para os divertimentos. A velha capital era chamada de insípida pelos jornais que, também, demarcavam que a "cidade de Salvador, não tem um estabelecimento de diversões para esses 267 mil habitantes que lhe povoam o solo...Em todas as cidades civilizadas, no país, ou no estrangeiro, os poderes públicos, quando não a iniciativa particular, se preocupam com estas coisas...".[84] No entanto, pelo visto, mesmo já com o sucesso do futebol, essa ainda não era um preocupação para os dirigentes daquela cidade.

Consideramos, a partir do descompasso entre modernização da cidade e ascensão do futebol, que esse esporte na Bahia chegou através de outro discurso, através da imprensa local, que não o que envolvia a modernidade, mas sim ao aparecimento de uma nova e simples diversão. Havia, nos parece, uma grande carência de divertimentos e o futebol acabou cumprindo esse papel numa cidade sem a mínima estrutura. Nesse

[84] Jornal de Noticiais, Bahia, número 1055. Quarta-feira, 10 de outubro de 1906, pág. 3.

sentido, essa situação acabou gerando uma falsa compreensão do fenômeno esportivo, visto que o não reconhecimento explícito pelos jornais do perfil moderno do jogo retiraria dele esse seu caráter. E, como dito anteriormente, o esporte é um fenômeno moderno.

Podemos aferir essa hipótese a partir da mesma reportagem, acima citada, quando no trecho seguinte diz que "na Bahia, porém, ainda se morre de tédio, de aborrecimento...Não fosse o gosto pelo Sport, atualmente tão acentuada, e aquelas partidas em que se apegavam os dignos moços em belos combates – ainda assim num campo impróprio – não sabemos o que seria da Bahia, cada dia mais decaída...".[85] Neste sentido, o gosto pelo esporte e toda a movimentação que ele gera nos jovens daquela cidade já deve ser entendido como sendo um processo de modernização em fluxo.

Concordo, apesar disso, com Herinque Sena quando diz que é "possível que o gosto pelo futebol pelos dignos moços... ...não tivesse tamanha pretensão de alterar significativamente o cotidiano do lazer na cidade. Talvez a preocupação daqueles jovens estivesse voltada para uma diversão cotidiana em que pudesse interagir mais frequentemente como os amigos e com o espaço público".(SENA, 2012, p.36) Na verdade, assim como hoje, ficaria difícil mensurar o grau de consciência dos jovens sobre o movimento que se iniciava.

No entanto, discordo do autor quando ele diz que para a "imprensa, o empreendimento dos jogadores era visto com bons olhos, pois contribuía para a tentativa de inserção de Salvador em uma dinâmica sociocultural influenciada pelos ideais de civilidade e modernidade"(op cit.) Na verdade, percebemos através das fontes que houve um interesse pelo esporte por parte da população em geral, mas que, ainda não estava claro que o esporte, mesmo para imprensa, poderia representar um avanço

[85] Op. Cit.

nos aspectos simbólicos e reais da cidade. Ademais, devemos lembrar que quando há uma aproximação do futebol aos ideais de civilidade, a imprensa está tratando do futebol praticado pelas elites e nos moldes dela e não da estrutura do esporte como um todo (lembremos das criticas feitas ao futebol praticado nas ruas). Não encontramos indícios no material produzido pela imprensa que aproximasse o futebol da ideia de modernidade já na chegada desse esporte a Salvador. Essa ideia, nos parece, tomou forma com a chegada de José Joaquim Seabra (1912-1916) a administração do Estado.

Contraditoriamente, quando o discurso de modernização toma forma em Salvador, com J.J. Seabra, é o momento em que as elites abandonam esse esporte por ele não representar, mormente pela presença dos clubes médios e pequenos, um sistema de boas condutas e uma prática que mereceria a sua atenção. Ou seja, o caso de Salvador é muito emblemático na história do futebol, já que, como vimos no capítulo anterior, quando a modernidade "chega" à cidade, em 1912, os "grandes" clubes passam a se dedicar ao futebol apenas dentro dos seus clubes e a principal Liga passa a ser formada e dirigida por clubes médios que, até pouco tempo, representavam o "mau futebol".

Não acreditamos que apenas a entusiasmada euforia das elites com o futebol, no período da chegada do esporte e, principalmente, após 1912, bem como o perfil da cobertura dos jogos, especificamente acerca da presença das elites nas partidas, pode ser utilizadas como sendo o único argumento para aproximar a relação entre a modernidade e o esporte. Pois, nesse sentido, teríamos que buscar um novo conceito para a prática do futebol popular.

Diferentemente do que aconteceu em Salvador, Porto Alegre, já na virada do século, tem um movimento modernizador bem mais engajado e estruturado. Desde 1892 há uma preocupação com a cidade, assim como com os que iriam habitar aquele

espaço. Não à toa, em 1892, é criado o Código de Posturas sobre Construções. Com a normatização das regras para a construção de moradias, o discurso de civilidade, moralidade, higiene e modernização da cidade já faziam parte do discurso da imprensa sobre as práticas locais.

Um código de conduta também imperava na capital gaúcha e imprimia rótulos à população. Pesavento nos ajudar a pensar sobre esse ponto quando diz que havia "uma outra forma de estabelecer os limites a partir dos registros de linguagem" que dizia "respeito à designação cidadão e indivíduo", continua a autora:

> Ora, o que é, no caso, o cidadão? É aquele que paga impostos, que obedece a lei, que vota, que é proprietário ou paga aluguel, tendo contudo, domicilio fixo e ocupação certa. O cidadão é também aquele de hábitos morigerados: com emprego, trabalha todo o dia e não desperdiça seu tempo com idas a lugares onde se bebe ou se joga. Em geral, os cidadãos são sempre os agredidos ou os que reclamam ou denunciam, junto às autoridades, os desregramentos e os crimes praticados pelos indivíduos...
> ...São, em princípio, indivíduos aqueles que provocam distúrbios ou mesmo crimes e que são levados ao xadrez correcional. (PESAVENTO,2001, p.138).

Há compreensão do ser uma cidade "grande" já está exposta nos jornais desde os anos de 1890, em Porto Alegre. Obviamente, um olhar de dentro para dentro. No correio do Povo, em 05 de setembro de 1896, vimos que "não há dúvida que Porto Alegre vai se tornando uma grande cidade, com características essencial dos centros populosos – tragédias de amor, escândalos ruidosos, crimes misteriosos -, todo esse enorme conjunto de aberrações que, por uma suprema ironia, fazem parte integrante da civilização e do progresso."[86]

Interessante perceber que a concepção de cidade grande passava, também, pela presença cada vez maior de problemas sociais. Ou seja, havia uma associação direta entre o progresso da cidade e os problemas da vida cotidiana. Em Salvador, ao

[86] Correio do Povo – Ano II – Porto Alegre, 5 de setembro de 1896.

contrário, os problemas sociais só distanciam cada vez mais a capital baiana do progresso e da modernidade.

Há na sistematização entre os dois movimentos modernizadores, ocorridos em Porto Alegre e Salvador, e o futebol destas cidades peculiaridades que demonstram bem as diferenças entre as duas experiências, vejamos: primeiro, enquanto, em Salvador, o futebol chega antes da modernização da cidade, em Porto Alegre, esse esporte chega dentro do processo de modernização. Talvez, por isso, notamos em Porto Alegre um envolvimento maior do discurso modernizante e a prática do futebol.

Segundo, enquanto na capital baiana, desde o inicio, a prática do futebol ocorreu no espaço público e, provavelmente, por isso alcançou mais rapidamente as camadas populares, em Porto Alegre, o esporte foi praticado dentro dos clubes, o que chamamos de prática privada, e se tornou não só uma marca da capital gaúcha, como também um entrave para o reconhecimento do futebol popular, já que a imprensa se voltou completamente para o futebol dos grandes clubes.

Terceiro, apostamos na hipótese de que como em Porto Alegre o movimento modernizador já estava em curso e o futebol já estava inserido nesse discurso a imprensa, como já apresentado no primeiro capitulo, foi mais dura no processo de exclusão do futebol popular. Em Salvador, ainda reconhecido como divertimento, o processo correu mais frouxo com a imprensa e conseguimos perceber o futebol popular nos jornais de grande circulação, mesmo que através de críticas. De qualquer modo, em ambas as cidades eram visíveis a constituição de um “bom” futebol, praticado pelas elites, e um “mau” futebol, praticado pelos populares.

Gilmar Mascarenhas, em sua tese (2001), aponta para um fenômeno importante na história do futebol gaúcho que nos ajuda a perceber o porquê da associação entre futebol e modernidade ser mais provável em Porto Alegre do que em Salvador.

Primeiro, o autor chama atenção para as cidades do Rio Grande e de Pelotas e as suas conexões britânicas e com a força do futebol do Rio do Prata, em especial com as cidades de Montevideo e Buenos Aires .

O autor descreve que quando essas duas cidades sofrem as primeiras influências que acabaram gerando o primeiro movimento do futebol no Estado, essas conexões já chegaram sedimentadas em um discurso para imprensa de que o esporte era algo moderno, visto que o futebol em Buenos Aires e em Montevideo já era reconhecido como moderno, afirma o autor.

Assim, reconhecendo a importância da cidade de Rio Grande na disseminação do futebol em Porto Alegre, torna-se compreensível que ao chegar à capital, particularmente nos clubes de elite, o futebol já tenha se firmado com o rótulo de esporte moderno. Mascarenhas destaca ainda que a presença dos imigrantes alemães também ajudou na consolidação do futebol, primeiro na cidade de Rio Grande e, somente depois, em Porto Alegre. (MASCARENHAS, 2001).

Sobre isso, acreditamos que a proximidade com experiências mais avançadas possa ter ajudado na construção de um discurso acerca da relação entre a modernidade e futebol. No entanto, devemos mais uma vez lembrar que em todos os lugares o esporte é um fenômeno moderno, com ou sem consciência por parte da população, com ou sem estrutura urbana, ou mesmo, com ou sem discurso legitimador por parte da imprensa.

Na Bahia, algo parecido aconteceu após a chegada de J.J. Seabra ao governo da cidade de Salvador, em 1912. Naquele momento, a experiência de Seabra na capital federal, como Ministro da Justiça e Negócios Interiores (1902-1906) e como Ministro

dos Transportes (1910-1912), nos ajuda a compreender uma, agora sim, aproximação do discurso de modernização da cidade e as práticas esportivas.[87]

Com a chegada ao poder, o discurso de JJ Seabra passou a ser o de reocupar o espaço público da capital com práticas modernas. Na verdade, podemos traduzir esse projeto como sendo o primeiro passo para uma perseguição aos pobres e pretos da capital. Assim, passou a existir uma política clara de combate as práticas populares, chamada de "desafricanização"[88] da cultura baiana. Com ela, vimos crescer o discurso pejorativo, agressivo e excludente das práticas ligadas às comunidades negras. Como contraponto, vimos surgir preponderante um discurso civilizador das práticas ligadas às elites locais. Lembrando que em 1919, como parte desse movimento, ocorre o retorno das elites ao futebol baiano e, como consequência, os médios e pequenos clubes voltam a ter menos visibilidades, bem como voltam a ter seu caráter questionado.

Henrique Sena diz que o Clube Bahiano de Tênis[89], fundado em 1916, "foi um dos primeiros clubes a se perceber mais claramente enquanto uma entidade responsável para o progresso da cidade" (SENA,2012, P.66). Ou seja, no discurso da época a modernidade nada tem haver com os movimentos populares, mas sim com as praticas das elites.

O movimento do futebol popular em Salvador foi tão forte que a partir de 1912 a maioria dos clubes das elites resolveu se afastar do futebol. Um fenômeno bem particular e, sobretudo, expressivo do futebol baiano. A falta de estrutura, a aproximação das camadas populares e a recorrência dos problemas de comportamento

[87] Lembrando que naquele momento o futebol baiano, em geral, está sendo representado pelos times médios e pequenos e que a modernidade não pode ser vista como uma "coisa" que chega, mas sim como algo que segue um processo em fluxo continuo.

[88] Henrique Sena cita que a expressão "desafricanização" da cultura baiana foi cunhada por Alberto Heráclito Ferreira Filho e diz respeito a uma série de práticas contra a comunidade negra. Para maiores detalhes ver em: FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. "Desafricanizar as Ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador, 1890-1937". Afro-Asia, n 21, pp. 239-256, 1998-1999.

[89] Vale destacar que o Clube Bahiano de Tênis passou a se dedicar ao futebol somente em 1919. Ou seja, durante o processo de retorno das elites ao jogo.

durante e após os jogos foram, dentre outros, os motivos do afastamento das elites do futebol. Na verdade, de uma maneira mais geral, podemos dizer que passou a existir uma racionalização sobre o fenômeno esportivo, por parte das elites, que até então na havia.

Por exemplo, no Campo da Pólvora, até 1906, localizado no Distrito de Nazaré, primeiro campo a ser utilizado para a prática do futebol, era necessário o empréstimo de cadeiras para acomodar as senhoras e senhoritas, bem como as famílias de jogadores e as autoridades que iam aos jogos. Com o tempo, esse modelo passou a incomodar as elites e as exigências, sobretudo as que demarcavam distinções, foram aumentando.

O segundo campo utilizado para a prática do futebol foi o do Rio Vermelho, a partir de 1907. Nele, percebemos que a situação era, algumas vezes, ainda mais precária. Em alguns jogos senhoras e senhoritas tiveram que assistir de pé aos jogos por falta de cadeiras suficiente para todos.

Em Salvador, somente com a construção do Campo da Graça, em 1920, ou seja, momento de retorno das elites ao futebol, que a situação se resolve para as elites. Mesmo não fazendo parte do recorte temporal dessa tese, achamos importante pontuar que a nova estrutura visava, sobretudo, atender as demandas das elites e todas as suas racionalizações sobre como deveria ser o esporte moderno. Vale destacar, neste sentido, que o Campo da Graça era localizado próximo as moradias das elites, no bairro da Graça, e foi uma iniciativa do Vitória, Bahiano de Tênis e da Associação Atlética, clubes que representavam a elite soteropolitana. Já naquele momento, o campo dispunha de arquibancada coberta, vestiário e gramado, ou seja, toda uma estrutura

capaz de satisfazer as elites locais e, principalmente, representar o progresso da cidade. (SENA, 2001, p. 106)[90].

Outro importante fator que, para alguns autores, ajuda a levar a associação do esporte com a modernidade para os anos 20, em Salvador, está na relação do esporte com a propaganda, notadamente das empresas de cigarro. Henrique Sena descreve que a principal empresa a aproximar o ideário moderno e o futebol foi a *Leite & Alves*, estabelecida na Bahia desde 1881. Em uma propaganda vinculada na *Revista Semana Esportiva*, de 24 de Dezembro de 1921, fica evidente que o homem de sucesso, aquele que conquistaria as mulheres, seria aquele que fumasse os cigarros da *Leite & Alves.* Segue transcrição da matéria:

> Noivado de um conhecido Sportman
>
> Dentre os fatos que mais tem revolucionado o nosso meio esportivo, nenhum houve que causasse maio admiração aos frequentadores do "*stadium*" da Graça, do que o noivado de um conhecidíssimo "*player*" com uma das mais belas "torcedora" baianas.
>
> Sabia-se que o amor louco que ele a dedicava, sabia-se que a sua transferência para o Club que atualmente defende as cores, abandonando o que emprestava o seu coração, havia sido um ato de amor por ela.
>
> Tudo fazia para ter o amor da gentil *mlle* que, apesar de tudo isto, cada vez mais o odiava.
>
> Desvanecido, domingo à tarde, em que não jogava, nas arquibancadas, sentado um pouco abaixo da idolatrada, assistindo ao embate do S. Bento x Democrata, puxou do bolso a sua cigarreira e deliciou um cigarro.
>
> De logo, quando começou ela a sentir o esplendido cheiro da fumaça, aproximou-se dele e qual não foi a surpresa do conhecido "*sportman*" quando a viu dirigir-lhe a seguinte frase acompanhada de um sorriso encantador: "suportei até agora o horrível capricho de não te querer, mas torna-se impossível continuar. Amo-te!
>
> E o excelente "*half*" em uma alegria indescritível, exclamou: "Só mesmo os cigarros "*Bom Dia*" de *Leite & Alves*[91]

[90] O Campo da Pólvora teve o seu nome mudado para Campo dos Mártires. Não conseguimos precisar quando e porque foi trocado o nome. Mas, desde 1903, encontramos referências a jogos disputados no Campo dos Mártires.

[91] Revista Semana Esportiva, Salvador, nr 38, 24 de dezembro de 1921.

Parece-nos que a partir dos anos de 1920 há uma total acomodação do futebol junto ao discurso de modernidade. Antes, para elites e, em larga escala, para os jornalistas que cobriam o esporte, o que temos é um jogo em que jovens se divertiam e com eles tentavam estreitar seus laço sociais mantendo, é claro, a distância daqueles que não pertenciam aos seus grupos.

Em 1903, em uma descrição detalhada sobre a importância do futebol, *O Diário de Notícias* traz uma reportagem que nos ajuda a confirmar a tese de que não havia, na chegada desse esporte, em Salvador, um discurso que pudéssemos ligar a prática a um processo modernizante. Vejamos:

> O *Foot-Ball*
> De todos os jogos escolares para meninos, aquele que mais se recomenda por não precisar de aparatoso material, pela facilidade com que é aprendido, pelo entusiasmo que desperta, é, incontestavelmente, o de *foot-ball*: lê-se *fut'bol*...
> Do Campo Escolar
> O campo escolar para o *foot-ball* não deve estar nos centros urbanos populosos; deve ser feito nos bairros e arrabaldes, longe das habitações, de modo que reúna as vantagens da cidade e o beneficio dos campos; o fim dos exercícios ao ar livre é a oxigenação e a ozonização da mocidade.[92]

O traço campestre, para a época, indicado na reportagem, nada tem a ver com o futebol moderno praticado, por exemplo, em Porto Alegre, em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Mesmo em escolas de outras capitais, o futebol quando associado ao campo não representava algo moderno. Na verdade, de certa forma, podemos até dizer o contrário sobre isso. Na medida em que se distância dos grandes centros o esporte em geral é percebido como uma prática que vai perdendo o seu valor como fenômeno da modernidade. Na verdade, todo esse discurso equivocado simboliza de maneira muito clara que a compreensão da modernidade passava essencialmente pelo urbano e pelas elites.

[92] Diário de Noticias, Salvador, Ano XXIX, Sábado, 31 de outubro de 1903, Número 185, página 01.

Sobre isso, o Fluminense *Foot-ball Club*, em 1912, nos proporciona um grande exemplo de como a modernidade, na verdade o discurso feito sobre ela, deve ser visto como um fenômeno múltiplo. O Clube, com características populares que contava com a presença de negros em seus quadros, propõe a criação de uma nova Liga de futebol e a ocupação do Campo dos Mártires para serem disputadas as partidas. Ou seja, enquanto para as elites o Campo dos Mártires deveria ser abandonado pelo seu processo de degradação moral e estrutural, para outros clubes eles representavam um avanço importante na estrutura do esporte.

A postura assumida pelo clube aponta para uma relativização sobre o que efetivamente era necessário para a prática do futebol, bem como para a constituição legitima de vários "futebóis" em Salvador. Não cabe, nesse sentido, uma hierarquização moral ou estrutural do jogo, como visto na imprensa da época, apenas nos cabe uma análise acerca da estrutura que a cidade proporcionava aos diferentes grupos sociais e, principalmente, do julgo que a imprensa fazia deles. Afinal, o futebol praticado pelo Fluminense também deve ser visto como moderno.

Em Porto Alegre, o processo de modernização da cidade assume um contorno mais duro e mais explicito do que em Salvador. Enquanto nesta última, o processo de exclusão antecede o rearranjo urbano, Na capital gaúcha ele ocorre ao mesmo tempo em que a cidade vai se transformando e, com isso, a modernização da cidade assume um caráter excludente bem mais agudo.

O jornal *O Exemplo*, em 18 de dezembro de 1904, traz uma longa matéria sobre a situação do negro na capital que colabora com esse argumento, vejamos um trecho importante do registro:

> Neste solo rio-grandense, onde tudo é grande, onde tudo é fértil, onde tudo floresce, onde as artes, a indústria e o comércio à sombra benéfica de leis liberais tanto vulto vão tomando, aqui também há caracteres pequeninos, esterilizadores das vocações,

> estioladores dos talentos, que entendem que a arte é monopólio de determinados indivíduos e que deve ser inacessível a outros, aqui também está entronado "o maior dos bandidos , o mais vil dos assassinos das classes inferiores", o mais audaz, o mais cínico dos canalhas – o preconceito de cores – esse verme pestilento, essa torpeza que penetrou em algumas aulas do Estado.[93]

A cidade de Porto Alegre crescia e tentava se organizar desde o final do século XIX. Em 1896, com a criação de um código de postura, as ruas passaram a seguir uma orientação definida pelo Estado. Havia uma solicitação, colocada na imprensa, para que houvesse um cerco maior por parte da fiscalização dos novos empreendimentos, com intuito de que se fizesse cumprir "as leis decretadas pela municipalidade, principalmente quando eles (os empreendimentos) pudessem afetar o embelezamento da cidade, das suas ruas e estradas" [94].

Outro destaque no mesmo movimento de transformação da cidade gaúcha está na situação da companhia Bonde Carris Porto-Alegrense que, apesar dos avanços, sofre críticas pesadas, posto que seus serviços ainda não davam contas das crescentes necessidades do público. Mesmo tendo um faturamento cada vez maior a empresa ainda tinha muito a fazer para acompanhar o crescimento da cidade. Para se ter uma ideia, no ano de 1895 o lucro da empresa girou em torno de 153:882$791, enquanto em 1894 foi era de apenas 22$804[95].

Os cenários esportivos também passam pelas mudanças. Os prados, por exemplo, em especial o Prado Rio Grandense, recebem benefícios de uma campanha lançada pela imprensa com intuito de resgatar um dos mais importantes estabelecimentos da diversão na capital gaúcha, as corridas de cavalo. Vale ressaltar que no Prado da Independência foi inaugurado, no mesmo período, um velódromo para os

[93] Jornal O Exemplo, Porto Alegre. 18 de dezembro de 1904, Ano II, Nr. 45, pág. 1.
[94] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Ano II. Quarta-feira. 12 de fevereiro de 1896, Nr.36, pág. 1.
[95] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Ano II. Terça-feira 11 de fevereiro de 1896, Nr.35, pág. 1

torneios velocipedicos (bicicletas), construído pela sociedade União Velocipédica, uma marca também da modernidade.

Para organizar a cidade, até mesmo os condutores de carroças passam a seguir um código de posturas. Neste caso, foi determinado pelo Dr. Intendente que os proprietários de carroças sem boleia devem guiá-las a pé dos limites da cidade. Para fazer cumprir sua determinação, a intendência municipal investiu a quantia de 44:427$300 com a compra de material da empresa de Asseio Público, incluindo no material 44 muares, cocheiras e o contrato de serviços de limpeza.

Como notamos, há um processo em andamento assumido pelo Estado que promoveu mudanças em diversas esferas da cidade, incluindo as esportivas, para a construção de um novo ambiente. Vejamos agora como andavam as instituições esportivas.

Os primeiros clubes de Porto Alegre tiveram influências diretas dos imigrantes, em especial da matriz alemã, mas também portuguesa. Entre os anos de 1890 e 1912 foram criados 31 clubes/associações esportivas. Destas, 14 tinham participações diretas de alemãs na sua fundação, 5 de portugueses, 1 de italianos e 1 de americanos. No futebol, os alemães também se anteciparam e, em 1903, criaram o *Fuss-ball Club* e o *Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense*. Os imigrantes, mais uma vez, especialmente os alemães, foram os responsáveis não somente pela formação dos clubes, mas, sobretudo, pela implementação do hábito da atividade física na cidade.

Muito por isso, diferentemente de Salvador, já na primeira década do novo século, já podemos perceber em Porto Alegre, através da imprensa, um discurso que envolvia o cenário esportivo e a modernização da cidade. Vejamos:

> Neste recanto formoso e dileto do torrão rio-grandense também se praticam, às vezes, bem raras, aliás – dessas audaciosas esquisitices, ou melhor – dessas excentricidades que mais não são do que corolários da hodierna civilização.

> E não se ouviu jamais dizer que, há quarenta ou cinquenta anos passados aqui, em Porto Alegre, alguém que pedalasse veloz bicicleta, ou manejasse os remos de um frágil *gig*, dessa maneira percorrendo dezenas de léguas através de agrestes paragens, e isso por mero passa-tempo.
> Pois é justamente isso o que se chamas de *Sport*, o filho pródigo do modernismo, na opinião dos retrógrados, porém que vai vantajosamente avassalando a mocidade forte da terra gaúcha.
> Por assim pensarmos, é que, sempre que algum feito de valor *sportivo* se leva avante, aqui entre nós, nos apressamos, na medida de nossa apoucada competência, a vir a contá-lo pelo jornal, aos *sportsmen* porto-alegrense, para que eles saibam quais os que se esforçam pelo progresso das conquistas *sportivas*.

Os imigrantes tornaram o esporte em Porto Alegre um acontecimento habitual. Para os brasileiros natos da capital gaúcha, o esporte, como notamos na matéria, ainda não fazia parte do seu dia a dia. Nesse contexto, o *Fuss-ball* e o Grêmio se tornaram referências e, de certa forma, os grandes modelos para o futebol na capital. Juntos, eles foram responsáveis pelos primeiros grandes espetáculos que envolveram o jogo.

A sensação de modernidade era tanta em Porto Alegre que, durante as manifestações de reconhecimento por parte da imprensa acerca das transformações do Rio de Janeiro ocorridas com Pereira Passos, no dia 30 de novembro de 1906, o Correio do Povo publica uma matéria destacando que as transformações urbanas da cidade em nada perdiam para as do Rio de Janeiro. Vejamos:

> Anteontem e ontem, foram dias de grande, de extraordinário, de nunca visto movimento de povo, que, em massas compactas, se despenhava para determinados pontos da cidade, a pé, a cavalo, em bicicletas, de carro, de bonde, em automóveis e...até em carretas.
> É o caso que, nestes últimos dias, os telegramas e as notícias da imprensa têm-se referido às estrondosas manifestações de apreço e reconhecimento feitas pelo povo carioca ao Dr. Pereira Passos, o benemérito transformador da cidade do Rio de Janeiro, que hoje tem asseio, tem higiene, tem palácios, tem jardins, tem bonde elétricos, tem avenidas, tem água, luz e esgoto, tem tudo, enfim, quanto deve ter uma grande capital.
> E todos ficaram, mais uma vez, sabendo de tudo isso.

> O que, porém, ninguém sabia era que Porto Alegre também possui muita cousa de tudo aquilo, podendo mesmo, embora na relatividade das condições peculiares a cada uma, entrar em confronto vitorioso com S. Paulo, Niterói e Londres, conforme a sizuda e autorizada palavra da recente mensagem intendencial [...]
> Lá vem mencionadas, com as respectivas extensões e os respectivos prédios, a avenida Eduardo, a avenida Napolitana, a avenida Berlim, a avenida Brasil, a avenida Mato Grosso e muita e muita outras, que fazem o encanto de um cidade e o orgulho de um povo [...]
> E o povo que não conhecia nada de tudo isso, e que tudo isso pôde ver e admirar, não se continha que não bradasse, a cada passo, em estos de entusiasmo e embasbacamento:
> - Nada valem o Rodrigues Alves, o Pereira Passos e o Lauro Muller!
> - O Nilo Peçanha é um político atrasado!
> - O Antônio Prado é um conselheiro retrógrado!
> - Buenos Aires num Chinelo!
> - Porto Alegre é que é uma cidade modelo![96]

Malgrado todo o ufanismo, nos importa captar o imaginário dos porto-alegrenses sobre a sua cidade em relação à capital federal. Em alguns aspectos, diziam eles, as questões eram facilmente comprováveis, como no caso da distribuição da água pela cidade, vejamos:

> A instalação desse serviço pode suprir doze milhões de litros de água decantada e filtrada à população, ou seja, uma média de 200 litros por habitantes.
> O encanamento da hidráulica já abrange mais de dois terço da cidade, tendo sido, de par com o novo sérvio, estendidos cerca de 40 quilômetros de encanamento.
> Assim, pois, Porto Alegre, cuja população é calculada em 90.000 habitantes, vai ter funcionamento de água corrente para 72.000.
> Para que se avalie da importância de tal fato, aqui reproduzimos os seguintes dados:
> Buenos Aires ...em 1904... 970.318 habitantes...à razão de 122 litros por habitantes..
> Berlim, 1891...75 litros por habitantes..
> Por último, o Rio de Janeiro não dispõe de água nem mesmo para as necessidades mais urgentes de uma cidade populosa, conforme declarou em sua mensagem de 5 de setembro do ano passado, o Dr. Pereira Passos, ex-prefeito do Distrito Federal[97]

[96] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Ano XI. sexta-feira 30 de novembro de 1906, Nr.278, pág. 1
[97] Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, Ano XII. sexta-feira 12 de julho de 1907, Nr.164, pág. 2

Enfim, Porto Alegre não somente se achava uma capital moderna, como também se achava superior, em vários aspectos, ao Rio de Janeiro[98]. No entanto, para além de discutir a validade das afirmações, o caráter comparativo nos indica que a cidade do Rio de Janeiro era um modelo a ser batido. Assim, passa a ser bem compreensível que o futebol do Rio de Janeiro também tenha servido como um dos exemplos para o desenvolvimento do esporte da cidade. Tal fato, pode se juntar a participação ativa dos emigrantes, especialmente os alemães, bem como as experiências vindo da região do prata, através de cidades como Rio Grande e Pelotas, e formarem uma perspectiva mais ampla sobre a formação daquele cenário esportivo.

Em Salvador não era assim. Nos primeiros anos do século XX, momento da chegada do futebol, a cidade se vê mergulhada em problemas econômicos e sociais e, a partir disso, o discurso sobre a cidade não se aproxima do que para a época seria um cenário moderno. Ou seja, para a imprensa em geral não seria o esporte um fenômeno moderno, visto que a realidade urbana da cidade apontava para uma crise profunda nos mais diversos setores.

Rinaldo Leite, em sua tese de doutorado sobre a Bahia, diz que:

> Amplas parcelas das elites baianas se ressentiam pelas transformações ocorridas no país no intervalo de poucas décadas de instalação e consolidação da República – mudanças estas que, na percepção das mesmas, afetaram as mais diversas dimensões das suas experiências. No plano material, no econômico, cultural, no artístico e no político não faltavam razões para lamentar a realidade tal como então ela se apresentava. Remeter-se às glórias do passado podia ser na prática, também, uma forma de reconhecer e denunciar as aflições do presente. (LEITE, 2005, pp.166)

[98] Vale lembrar que o Governador José Montaury de Aguiar Leitão (1858-1939), a frente do Estado durante 27 anos (1897-1924), iniciou, assim que chegou ao poder, transformações urbanísticas por toda a cidade. Contudo, em 1910, resolveu sistematizar e organizar as transformações e solicitou um plano urbanístico para o arquiteto João Moreira Maciel.

Mesmo com um cenário de crise e, sobretudo, com a falta de consciência que o esporte já representava um movimento de modernização da cidade, o futebol continuou fazendo parte de uma complexa rede de distinção social. Ou seja, as elites soteropolitanas, assim como as de Porto Alegre, usaram o seu "modelo" de futebol para se distinguir dos demais grupos e, como vimos, o processo de exclusão, segregação e, sobretudo, de discriminação racial não foi menor ou mais brando daquele que aconteceu no Rio de Janeiro ou em Porto Alegre que, de um modo geral, já demonstravam ter uma consciência maior sobre a construção de uma cidade moderna .[99]

O que destacamos sobre a cidade de Salvador se refere à sensação da sua elite acerca da sua perda de prestígio em relação a outras capitais. Esse sentimento perdurou em Salvador até mesmo depois das reformas implementadas por J.J. Seabra. Rinaldo Leite, mais uma vez, nos ajuda sobre isso quando descreve um discurso do Rui Barbosa (1849-1923), na ocasião Senador da República, proferido em 07 de setembro de 1917. Relata o autor:

> Porque seria que da condição de centro solar do systema desceu Ella à de reflector de luz alheia, sendo humilde satélite, para gravitar subordinadamente numa deslutrosa inferioridade? Que singulares transmutações no seu destino a reduziram a girar, silenciosa e apagada, na órbita que outros lhe traçam? Donde as influências, que a condenaram a esta opacidade, que accommodaram com esta subalternidade, que a paralysaram nesta instabiliade? (LEITE, 2005, pp.159)

No entanto, ao mesmo tempo em que percebemos a sensação de desprestigio da cidade, vimos um cenário futebolístico funcionando a pleno vapor. Ligas e campeonatos sendo criados, bem como clubes representando os mais diversos grupos sociais. Mais do

[99] Uma boa referência sobre a experiência negra ver em: FERNANDES, Florestan. A integração dos negros na sociedade de classes. Vol 1 e 2. 5 Ed. São Paulo: Editora Globo, 2008. E no Livro de GOMES, Flávio dos Santos e CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Quase-Cidadão – histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. ou em SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). 1 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

que isso, clubes que assumiam uma postura de defesa dos seus integrantes e dos seus valores (materiais e simbólicos), notadamente as elites, que em nada tinham a ver, para eles, com modernidade ou algo parecido, mas que representava de alguma forma algo importante para o grupo.

Sobre uma perspectiva política precisamos fazer um adendo nesse momento. Não há interesse nessa tese fazer um debate ou uma análise acerca da participação dos políticos baianos ou porto-alegrense no cenário nacional. No entanto, nos parece interessante demonstrar que, pelo menos numericamente, havia um equilíbrio político entre as federações estudadas, ou seja, as cadeiras ocupadas tanto no âmbito federal quanto no estadual eram mais ou menos as mesmas. Vejamos:

ESTADOS	FEDERAL		ESTADUAL		MUNICIPAIS
	SENADORES	DEPUTADOS	SENADORES	DEPUTADOS	
BA	3	22	21	42	833
RS	3	16	-	32	495
RJ	3	17	-	45	485
SP	3	22	24	50	1328
MG	3	37	24	48	1686
PE	3	17	15	30	528
CE	3	10	-	30	698
DF	3	10	-	-	16

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil 1908-1912. Rio de Janeiro: Diretoria Geral de Estatística. V. 1-3, 1916-1927. pp. 265.

Sobre isso, concluímos que a Bahia, pelo menos neste aspecto, não apresentava inferioridade na representação política que justificasse, em si, uma queda do seu prestígio ou dos investimentos feitos na cidade. O que nos interessa, neste caso, é, de forma objetiva, demonstrar que a chegada do futebol na Bahia, aos olhos da época, esteve atrelada a outras questões, que não a modernidade. Porém, funcionou sobre os mesmo pilares das cidades em que o esporte estava mergulhado no processo de modernização das cidades e das pessoas. Vejamos mais detalhadamente as receitas financeiras de cada uma das cidades:

Ano	Receitas			
	BA	POA	RJ	SP
1901	2.641:250$000	1.851:532$526	20.011:585$000	-
1902	2.686:000$000	-	20.185:584$000	-
1903	3.888:975$625	1.592:966$349	19.346:085$000	3.688:383$264
1904	3.925:342$000	1.602:966$349	22.123:861$000	3.808:292$940
1905	-	1.849:766$326	25.313:415$240	3.904:000$000
1906	-	1.750:161$526	26.032:991$000	3.908:800$000
1907	-	1.760:131$526	26.377:415$000	3.956:800$000
1908	-	1.773:117$526	26.427:215$000	3.989:200$000
1909	-	1.847:421$526	28.323:085$000	4.657:200$000
1910	-	3.079:721$526	28.388:215$000	4.836:909$210
1911	-	3.172:583$608	-	5.540:018$237
1912	-	3.328:304$000	38.589:840$000	6.129:494$764

Fontes: os valores foram extraídos dos jornais A federação (POA), Diário da Bahia (BA), Correio Paulistano (SP) e Jornal do Comércio (RJ) nas edições de novembro e dezembro de cada um dos respectivos anos de referência.

Mesmo os dados não estando completos, podemos perceber que a modernidade não é tão somente uma questão de dinheiro, apesar de termos clareza que essa é uma parte fundamental, sobretudo quando tratamos de modernização urbana (no Rio de Janeiro os valores são expressivos e denotam a sua condição de capital federal). O caso de Porto Alegre é emblemático, visto que mesmo apresentando uma receita inferior a de Salvador, eles tinham um discurso bem mais claro sobre a modernidade. Logo, apesar da importância, principalmente nos casos das transformações urbanas, as receitas não são determinantes para a existência ou não de um discurso de modernidade.

Victor Melo (MELO, 2010c) organizou um livro em que o esporte foi pensado em várias cidades brasileiras, por vários autores, no âmbito da construção de um projeto de modernidade. Nesse trabalho, podemos verificar o quanto este conceito esteve presente nos debates e nas investigações em que diversas modalidades esportivas, não somente o futebol, foram inseridas dentro desse projeto.

No entanto, pela limitação de espaço, visto que para cada estado/cidade foi dedicado apenas um breve capítulo, percebemos que temos muito que avançar sobre as considerações dos autores. Vejamos o que foi dito sobre a Bahia: “A cidade, que desde

seus primórdios sempre esteve entre as maiores e as mais importantes do Brasil, conheceu um processo de inserção na modernidade que pode ser considerado tardio. Somente na década de 1940, especialmente em seu final, pode se falar nesses termos com mais propriedade" (2010c, pp213). Ainda assim, afirmam os autores terem conseguido captar discursos pró-modernizadores e mesmo ações modernizadoras no contexto das décadas finais do século XIX e primeiras do século XX.

Quando o texto assume o futebol como foco do olhar sobre a Bahia, não conseguimos perceber de forma clara se as ações modernizadoras que os autores apontam incluem o futebol, visto que o argumento central do texto aproxima esse esporte à ideia de civilidade e não de modernidade. Assim, me parece que eles separam os dois conceitos e o futebol, desse modo, não seria uma expressão em si da modernidade.[100]. Ou seja, foi construído em Salvador um futebol civilizado, chamado nesta tese de "bom" futebol, que não poderia ainda ser visto como moderno. Neste sentido, levando em conta que o somente o futebol praticado pelas elites seria "rotulado' como civilizado, ficaríamos com uma questão importante a ser respondida, que seria: o chamado futebol dos vadios/vagabundos, praticado pelas ruas da cidade, receberia qual denominação no cenário esportivo? Seria ele moderno/civilizado? Haveria uma definição para essa prática? Enfim, as respostas passariam, fundamentalmente, pela compreensão de que somente com a concordância de que o esporte sempre será um fenômeno moderno teremos um entendimento mais apropriado sobre a história do futebol, caso contrário estaremos tratando apenas de uma parte do futebol.

No capítulo dedicado a Porto Alegre, Silvana Goellner e Janice Mazzo, mesmo não dedicando nenhuma parte exclusiva ao futebol, indicam um projeto de modernidade mais claro já na passagem do século XIX para o XX. Sobre esse projeto, várias

[100] Na verdade, apesar das fontes sobre o futebol não trazerem a palavra modernidade expressa nas reportagens, já sabemos que a construção do cenário esportivo deve ser pensada a partir desta perspectiva.

modalidades esportivas conseguiram avançar significativamente, visto o ciclismo, as regatas e o turfe com bons exemplos de mudanças. Neste sentido, concordamos com as autoras e, neste caso, procuramos investir mais profundamente nestas questões. Porém, a notada ausência do futebol no trabalho nos ajuda a entender seus aspectos peculiares, já que, dentre os esportes citados, nos parece, que o futebol foi o que menos recebeu investimentos do Estado e somente se desenvolveu como maior robustez na segunda década do novo século. Ou seja, contraditoriamente, o futebol era o esporte que mais crescia, porém era o que menos recebia investimentos. Neste caso, como dito anteriormente, achamos que quanto mais privado fosse o futebol gaúcho mais eles achavam que manteriam o seu *status quo* protegido.

Enfim, o trabalho organizado por Victor Melo é, sobremaneira, importante por iniciar um debate em que a teoria (conceito de modernidade) e a prática (a vida nas cidades e o cenário esportivo) se encontram para produzir um olhar amplo e diverso sobre essa experiência no Brasil. Ademais, nos serviu como ponto inicial para várias questões expostas nesse trabalho.

Percebemos, através da leitura das fontes, outro ponto importante acerca da existência de um futebol, reconhecido como moderno, no inicio do século passado. Tanto em Salvador, quanto em Porto Alegre, neste caso poderíamos apontar também para as experiências no Rio de Janeiro e em São Paulo, o futebol era, basicamente, partido em dois.

Podemos apresentar como sendo o primeiro futebol, aquele praticado pelas elites nos seus clubes e associações, que, imerso em uma estrutura financeira maior e, sobretudo, apontado pela imprensa como modelo, encontrava um reconhecido rótulo de modalidade moderna, ou, como na Bahia ainda não se vivenciava essa experiência moderna, um “bom jogo” praticado por “bons homens”.

Ou seja, o cenário em que esse futebol era representado na imprensa compunha com a cidade uma única imagem, a do progresso. O futebol das elites era aquele que apresentava os melhores espetáculos, era aquele em que os melhores homens e mulheres das cidades estavam envolvidos, fossem como atletas, torcedores ou dirigentes, e, fundamentalmente, era através da representação desse futebol nos jornais e revistas que se gestava, também, a imagem dos novos tempos para a sociedade em geral. Para esse futebol os elogios eram uma constante e a acomodação do conceito de moderno acontecia quase que naturalmente.

Em Salvador, esse futebol era reconhecido como sendo uma "magnífica diversão" e nele encontraríamos "distintas famílias", os melhores "*sportmen*" ou, como diriam alguns, os "bons homens" da cidade. Nesse caso, como apresentamos anteriormente, esse era o "bom futebol".

Em Porto Alegre, não era diferente. Sobretudo, por nesse caso, ter se desenvolvido ao mesmo tempo em que um projeto de modernização da cidade estava em vigor, o futebol assumiu um caráter ainda mais exclusivista. Em especial, esse sintoma é notado através da cobertura que a imprensa deu ao "bom" futebol.

Longe do glamour e das boas condutas estava o futebol do gueto, dos vadios, dos vagabundos e dos moleques desocupados. Essa é a segunda parte do futebol. Numa antítese clara ao primeiro, esse futebol era praticado nas ruas e nos campos improvisados por pessoas comumente rotuladas como a escória da sociedade. Com uma conduta moral em desacordo com novos tempos e, principalmente, com atitudes agressivas, fossem verbais ou físicas, explicitas durante o espetáculo esportivo, aquelas pessoas viram o seu futebol ser perseguido pelas autoridades policiais, assim como viram a sua diversão sofrer com os mais duros infortúnios.

Desse modo, se quando falamos de futebol moderno pensamos na composição do jogo, ou seja, na prática em sim, acreditamos que ambos se equivalem, mesmo diante de tantas diferenças. Porém, se falamos da representação que cada um dos dois formatos teve no seu tempo histórico, só será possível pensar no futebol de elite como sendo uma prática moderna, mesmo quando a cidade, ou região, não estava imersa nas transformações urbanísticas comuns desse projeto, como é o caso de Salvador.

Nos jornais e revistas do período estudado isso fica muito claro. Havia uma fissura no futebol. De um lado, o praticado pelas elites, usualmente seletivo, espetacular, consagrado e exemplar, do outro, o praticado pelos populares, violento, imoral, sujo e, acima de tudo, que deveria ser banido das cidades. Ou seja, vimos dois lados de um mesmo futebol.

A partir disso, tentamos tomar um grande cuidado para não nos debruçarmos sobre o futebol de uma maneira desatenta, ou melhor, empregando a ele um olhar unívoco, pois correríamos o risco de homogeneizar práticas experimentadas de forma muito distintas.

Enfim, tentamos demonstrar nessa parte do trabalho que a chegada do futebol, assim como a de qualquer esporte deverá ser sempre entendida como um fenômeno moderno. Porém, como vimos, os primeiros anos do seu desenvolvimento não estiveram necessariamente atrelados a um processo de modernização urbana como comumente vimos ser apresentado. Para isso, apresentamos a experiência do futebol em Salvador como sendo um bom contraponto a associação linear entre avanços urbanos e futebol.

Achamos oportuno ainda, investir um pouco mais sobre a experiência em Porto Alegre, posto que, essa cidade, apesar da pouca informação que obtemos sobre o negro no futebol, apresenta um cenário bem particular sobre a experiência negra e,

principalmente, nos possibilita uma aproximação extraordinária dos três objetos tratados nessa tese, o racismo, a modernidade e o futebol.

Os negros nas cidades: quando a modernidade encontra o preto

Começamos a última parte deste trabalho com uma constatação importante: O negro e as suas práticas, mesmo o futebol, não eram reconhecidos como modernos. Do mesmo modo, a imagem que eles refletiam não cabia nas cidades que se modernizavam e se exibiam na virada do século. Esse, grosso modo, era o discurso e o propósito das ações de grande parte das elites brasileiras.

Inicialmente, devemos entender que não tivemos uma escravidão benévola, como afirma Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, sociólogo da USP, em prefácio do livro *A integração do negro na sociedade de classes* (FERNANDES, 2008). Assim, quando tratarmos da história do negro, e em especial do futebol praticado por ele, nada se torna mais acintoso do que insistir no mito da democracia racial e associá-lo a invenção de que o futebol é um jogo essencialmente democrático. Nesse caso, levando-se em conta apenas o fato desse esporte poder ser praticado na sua forma mais simples pelas camadas mais pobres da população.

O futebol, assim como várias outras modalidades esportivas, apresenta “versões” simples, assim como aquelas mais arrojadas em que o investimento financeiro cria um espetáculo que de moldo algum está disponível para todos. Ou seja, o futebol não traz e não carrega nenhum valor em si, mas é, sobretudo, um esporte que possibilita um grande contingente de variações que acomodam os interesses e possibilidades dos seus mais diversos propositores. Ainda hoje temos o futebol da várzea e o futebol dos grandes clubes. Continuamos com o futebol amador, agora com outros valores em vigor, bem como com o futebol profissional, este experimentado nas suas mais diversas

escalas financeiras. Temos, enfim, desde o inicio do século XX, vários “futebóis” possíveis.

Quanto à experiência negra nesse esporte, de algum modo também na sociedade, ainda hoje encontramos classificações, hierarquizações e, sobretudo, rotulações de ações humanas em detrimentos da cor de seus agentes e da sua classe social. No futebol não é diferente. Vivenciamos ainda hoje, passados mais de cem anos, manifestações explícitas de racismo no futebol, da mesma forma que algumas posições dentro da estrutura dos grandes clubes (técnicos e dirigentes) continuam “vedadas” a negros, ou pelo menos, quando ocupadas continuam sendo situações excepcionais.

Por tudo isso, visando construir adequadamente esse último fragmento, achamos conveniente voltarmos um pouco e estruturarmos adequadamente nossas ideias a partir da República, visto que, como afirmei no inicio deste trabalho, apesar de um evento essencialmente político, consideramo-lo importante para o recrudescimento dos acontecimentos sociais e culturais do país.

A República acelerou o processo de “reconstrução” das grandes cidades e a abolição ampliou a liberdade para toda a população de cor. Em consequência dessas duas transformações houve uma grande renovação urbana que fez emergir a questão da cidadania como um dos pontos centrais. Nesse contexto, homens brancos e negros tiveram que operar com problemas que estavam inseridos na complexa trama social que se instituía.

Enquanto as cidades se modernizavam e, dessa forma, queriam se mostrar cada vez mais adaptadas aos novos tempos, sobretudo ao que se refere à higiene e aos avanços urbanísticos, elas também passaram por um processo de organização e, fundamentalmente, de classificação das áreas urbanas.

Muito além de definir as normas de ocupação, o grupo dirigente responsável pelas transformações, nesse caso não somente os políticos envolvidos, mas também as elites que se beneficiaram com o processo, criaram uma ideia de civilidade e cidadania que, em larga escala, serviu para a exclusão dos negros das capitais.

A urbanista Raquel Rolnik diz que quando o Estado estabelece formas permitidas e proibidas, ele também "acaba por definir territórios dentro e fora da lei, ou seja, configura regiões de plena cidadania e regiões de cidadania limitada" (1997, p. 13). Objetivamente, isso quer dizer que quando o Estado classifica e cria um sistema hierárquico, através dele define também quem está apto ou não a participar do seu empreendimento, seja ele uma cidade ou uma instituição.

Desse modo, como tentaremos demonstrar, a cidade que se pretendia moderna foi construída através de um processo de eliminação das formas de moradia possíveis aos padrões econômicos da população pobre da capital, em especial dos negros, bem como das suas práticas de lazer. Nas duas cidades, fica fácil identificar que modernizar virara sinônimo de excluir. No entanto, o caso de Porto Alegre chama ainda mais a atenção pela grandeza com que o processo se desenvolveu.

As intervenções urbanísticas, grande responsável por esse processo de exclusão, geraram um deslocamento compulsório aos mais pobres para guetos e subúrbios das cidades. Desse modo, a ocupação da parte central sofreu uma grande transformação. A partir de então, as capitais reformadas simbolizavam o novo, o progresso e, fundamentalmente, o modelo de cidade que se esperava, enquanto os subúrbios e os guetos passaram a simbolizar o anti-social, o perigoso, o sujo e, acima de tudo, a imagem que deveria ser abolida da nova e desejada cidade.

Embora não existisse nenhuma lei que proibisse negros e pobres morarem nos centros reformados, os métodos aplicados neste processo, especialmente os expressos

nos códigos de posturas e nos planos de melhoramentos, serviram de forma bem eficiente para o processo de exclusão.

Quanto aos valores de alugueis e compras de imóveis, possíveis impeditivos para as camadas populares ocuparem o centro, foi difícil sistematizar dados para uma comparação eficiente. Mas, os que encontramos não apresentaram mudanças tão significativas ao ponto de serem apresentadas como motivadores para a exclusão. Vejamos os dados do aluguel de dois imóveis:

Descrição do Imóvel	Ano – 1900	Ano - 1905
Aluguel do Prédio nº 3 da Rua Independência – PA	105$000 /mês	80$000/mês
Aluguel do Prédio nº 23 da Rua Independência - PA	70$000 /mês	85$000/mês

Fonte: Jornal A FEDERAÇÃO – 9 e 8 de fevereiro de 1900 / 10 e 31 de julho de 1905 – priorizamos na pesquisa encontrar em anos diferentes valores para o mesmo imóvel, o que de certa forma dificultou a construção de uma tabela mais ampla.

Reconhecemos a limitação da tabela. Mesmo assim, neste caso, nos parece que os valores de aluguéis não podem ser tomados como fontes de distinção tão absolutas. Acreditamos que o processo ocorre pela associação entre diversos pontos, a saber: a especulação imobiliária, as novas normas de construção, os códigos de conduta e, fundamentalmente, a estigmatização dos pobres. Ou seja, parece mais provável que tenha sido esse conjunto de práticas, que tentavam extinguir a construção de "cabeças de porco"[101] e o indesejados do centro, que geraram a efetiva exclusão geográfica.

Não temos dados precisos sobre a quantidade de negros que circulavam pelo país naquele momento. As pesquisas que apontam para a quantidade populacional

[101] A "Cabeça de Porco" era um símbolo das habitações das camadas populares naquele período. Pequenas, sempre lotadas e com uma estrutura precária elas foram destruídas durante o processo de reorganização das cidades. As cabeças de porco também eram conhecidas como cabeças de gato e cortiços.

relacionadas por cor ou raça, apesar de não serem sistemáticas naquele período, apontam para dados que merecem ser apresentados. Vejamos:[102]

Período	População Branca	População Negra	População Parda
1872	38,1	19,7	38,3
1890	44	14,6	32,4
1940	63,5	14,6	21,2
1950	61,7	11	26,5
1960	61,09	8,71	29,44
1980	54,23	5,92	38,85
1991	51,56	5	42,45
2000	53,74	6,21	38,45

Cidade	Ano de referência	População negra
Porto Alegre[103]	1888	5321
Salvador[104]	1888	2000

Apesar de bem espaçados, notamos um movimento em favor da população branca e em detrimento da população negra no país. Nesse caso, podemos apostar, num primeiro momento, numa necessidade de fugir da categoria negra para uma possível ampliação nos direitos sociais. Ou seja, sempre que possível os indivíduos passaram a se definir como mulatos ou brancos (aqueles que tinham a cor da pele mais clara), negando sua negritude, para tentarem ocupar outros lugares sociais que os possibilitassem melhorias em suas vidas.

Em seguida, acreditamos que já naquele momento há o inicio das ações e discursos que apontam para a necessidade, a importância e os benefícios do branqueamento para a população brasileira. A questão da cidadania, que assume um papel central nesse processo de reconstrução, é idealizada tendo como um dos recortes a

[102] Nas *Séries Estatísticas* e *Séries Históricas* do IBGE tendo como objeto de pesquisa População e Demográfica somente encontramos dados, que importem para esta pesquisa, para os anos 1872 e 1890. Estes dados estão disponíveis em: http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP106&sv=32&t=populacao-presente-e-residente-por-cor-ou-raca-dados-do-universo-e-dados-da-amostra

[103] LIMA, Olímpio de Azevedo. Sinopse geográfica, histórica e estatística do município de Porto Alegre. Porto Alegre: Gundlach, 1890. p.27.

[104] RODRIGUES, Nina. Os africanos no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

cor do individuo. Assim, o processo de qualificação, estigmatização, classificação e descriminação do individuo formam as estruturas perversas da alteridade e, em consequência delas, há algumas vezes uma “necessária” negação por parte do próprio negro de suas heranças raciais.

Via de regra, os excluídos foram os negros. Afinal, mesmo livres não houve um processo de reconhecimento social, tampouco uma efetiva participação nas riquezas produzidas nas cidades por parte deste grupo. Essa parte da população foi colocada a margem da nova ordem estabelecida e, em decorrência, acabou sendo rejeitada e excluída nas novas cidades.

Tanto em Porto Alegre, quanto em Salvador, também em São Paulo e no Rio de Janeiro, houve um processo de exclusão geográfico que definiu quem deveria ocupar os grandes centros. Todas estas cidades começaram a colocar em práticas seus projetos de modernização, higienização e, sobretudo, organização espacial de maneira muito similar. Nesse projeto ficou estabelecido, mesmo que não diretamente, quais seriam os agentes sociais aptos a fazerem parte desta nova imagem que desejavam e começavam a desenhar.

Nesse sentido, as capitais dos estados são sempre referências importantes quando pensamos em aspectos que definam uma imagem para as suas regiões. Apesar de não representarem toda a dinâmica cultural e material existente dentro de um estado, levando em conta a dinâmica própria e autônoma dos subúrbios e outros espaços sociais, as capitais representam imageticamente a primeira ideia que temos de uma região.

Desse modo, concluímos que as capitais têm uma importância fundamental para o poder público. É nela que os gestores investem grande parte dos seus recursos para criarem um lugar ideal, ou o mais próximo disso, para representar a imagem a ser

exportada de suas regiões. Mesmo que grande parte da população viva em condições inferiores a da capital, é nesta última que os representantes públicos vão tentar consolidar a imagem do seu Estado. Para se ter um bom paralelo contemporâneo desse perfil, basta analisar as discrepâncias dos investimentos do Estado do Rio de Janeiro em segurança pública quando comparados a zonal sul e o subúrbio da cidade.

Assim, para a construção de um lugar "melhor", mais apropriado e, principalmente, um lugar que pudesse representar a beleza e o avanço de uma região foi feita uma limpeza geral nas capitais. Nesse processo, enquanto se construía uma cidade adequada aos padrões que se desejava para a época, se expulsava para os guetos, favelas e subúrbios aqueles que pudessem manchar a nova imagem.

Muito mais do que construir e alargar ruas, bem como embelezar, higienizar e sanear esses espaços, o novo momento determina uma necessidade moral e estética para frequentá-los. Como aponta Pesavento: "dentro da cidade, há uma *má cidade* que se encerra" (2001, p.26). Ou seja, dentro de uma mesma cidade havia barreiras, reais e simbólicas, que barravam parte significativa da sua própria população. O "*outro*" inconveniente, com o seu comportamento e imagem inadequados, deveria não mais ocupar o centro, mas sim morar ao lado, mesmo que em condições inferiores.

A cidade de Porto Alegre é emblemática nesse processo. Na última década do século XIX a cidade passou por duas divisões geográficas. Em 1892 a cidade foi dividida em seis distritos e, em seguida, em 1896, passou a ter oito distritos[105]. O importante dessas divisões foi que ficou estabelecido quais seriam os distritos urbanos e os suburbanos nessa nova divisão da cidade. Mais do que isso, toda divisão levou em conta a população que ocupava os espaços. E, é claro, as melhores representações foram conferidas as ocupações das classes mais representativas economicamente.

[105] Para ter mais detalhes sobre as divisões ver em PESAVENTO, 2001. Os atos que dividiram as cidades foram: Ato nº 7 de 01 de julho de 1892 e Ato nº 17 de 04 de setembro de 1896.

As ações do estado diante de tanta divisão acabaram sendo balizadas pela configuração de cada uma das ocupações. Como nos dias de hoje, não havia um atendimento equânime por parte do estado a todos os grupos sociais que ocupavam a cidade de Porto Alegre. Pesavento diz que o principal problema de Porto Alegre foi o 1º Distrito. Nele, estavam as principais construções, públicas e culturais, grande parte das elites e, principalmente, a fonte de todo o problema, estavam os lugares de enclaves.

O *beco* em Porto Alegre é o lugar do enclave. É nele que os valores da inadequação, do sujo, do imperfeito e do perigo estão colocados. Assim, o beco se torna o lugar daqueles que deveriam ser excluídos da nova cidade. As referências a esse espaço não são apenas de caráter geográfico, elas assumem, sobretudo, valores morais e estéticos que servem para (des)qualificar os indivíduos que os ocupam.

Com o processo de modernização, foram os vadios e os sujos, enfim, os tipos perigosos, que povoaram os becos. Assim registrava a imprensa da época, que, por sinal, se esforçava no propósito de criar os estereótipos. E, como nesse processo de re-significação, a imprensa tem um papel fundamental, ela consegue construir, ou destruir, e homogeneizar a imagem de todos que ocupavam aquela região.

Ora, como hoje, os espaços mais pobres das cidades não são ocupados somente por desocupados e desordeiros. Trabalhadores que não tinham a possibilidade de ocupar as novas e caras habitações do centro acabaram tendo que migrar para lugares mais baratos. Desse modo, a ocupação em sim não poderia trazer, a priori, uma classificação para o individuo, pois, se parte do problema eram causados por moradores que faziam arruaças e atos de desordem, parte também era resultado do descaso e, principalmente, das intenções daqueles que definiam as políticas públicas.

O resultado de um processo excludente como esse é criar associações diretas e simplistas como: pobre e sujo, negro e desocupado, beco e *não-lugar* e, na mesma ação,

relacioná-los a um grupo definido da sociedade que deve ser excluído. Cabe lembrar que as representações pejorativas têm por finalidade excluir das cidades aqueles poderiam comprometer a imagem que se buscava para os novos espaços urbanos.

Em Porto Alegre a radicalização desse processo de estigmatização ocorre com a formação da *Colônia Africana* e do *Areal da Baronesa*. A primeira se constituiu com o fim da escravidão e foi ocupada, majoritariamente, pelos negros que saiam do regime e não tinham condições financeiras de ocupar o centro da cidade. A segunda, era uma fazenda que pertencia ao Barão do Gravataí e, após a sua morte, foi loteada para os grupos que cercavam os limites da fazenda.

Em comum, os dois espaços possuíam as mesmas ocupações étnicas, bem como as mesmas condições precárias de ocupação. Basicamente, foram os ex-escravos que ocuparam esses territórios. No caso da Colônia Africana, a expressão já definia os seus ocupantes. Com tudo isso, especialmente pela sua ocupação, estes dois espaços se tornaram lugares carregados de significados. Tudo que acontecia nestas duas regiões potencializava as desqualificações e, sobretudo, era pensado a partir do lugar e não através da ação. Ou seja, como era um espaço rotulado negativamente, toda ocorrência, mesmo aquelas que poderiam acontecer naturalmente noutros bairros, assumiam um caráter bem mais intenso e difamatório.

O resultado desse processo fica marcado pela representação pejorativa feita pela imprensa da associação entre o espaço geográfico, as condições de moradia e os valores morais dos seus ocupantes. Quando tratavam da Colônia Africana, dos casebres e cortiços existentes naquela região e, principalmente, dos negros que os ocupavam, chegavam à conclusão de que o lugar era maldito.

Em oposição, quando estrangeiros cometiam crimes ou mesmo brasileiros brancos eram os agentes da delinquência a cor e a nacionalidade (no caso dos

estrangeiros) não apareciam como fontes determinantes das ações. O negro por sua vez, antes de qualquer coisa, já trazia na cor da pele a culpabilidade e, mormente, a predisposição para infringir a lei, a moral e os bons costumes.

Os negros eram majoritariamente pobres e traziam consigo o estigma da escravidão. Em qualquer circunstância, ou pelo menos na maioria delas, esses aspectos os definiam como pessoas perigosas e, sobretudo, inadequadas aos novos tempos. Grande parte do que ficou registrado sobre os homens de cor os identificavam como parte degenerada da sociedade. Ademais, todas essas circunstâncias se agravavam diante da situação em que os negros se encontravam no período pós-escravidão. Grande parte da população, especialmente as elites, negava a esses homens um lugar adequado na sociedade.

De certa forma, essa negativa tão ampla e irrestrita se acomodava em explicações das mais diversas ordens. Na medicina, no direito, na antropologia criminal e na biologia, o negro era um objeto de estudos que, "cientificamente" comprovado, possuíam uma espécie de mal original em sua corrente sanguínea que os determinavam a certas ações desviantes.

No caso de Porto Alegre o que chama atenção é que, tanto para a Colônia Africana quanto para Areal da Baronesa, somente as noticias que retratavam a violência eram reproduzidas nas reportagens. Diziam os jornais que "ali se desenrolava sempre cenas de sangue, quase sempre originadas pelo excesso de álcool, ou por questões de ciumeiras"[106]. Desse modo, com um material majoritariamente marcado por adjetivos desqualificadores aquela população foi condenada ao banimento.

É exatamente nessa parte da cidade que os três pontos se cruzam, o futebol, a modernidade e o racismo. Vejamos: apresentamos ao longo desse trabalho o futebol de

[106] Correio do Povo, Porto Alegre. Terça-feira, 23 de março de 1909, Nr.70, pág. 01.

Porto Alegre marcado pelo seu caráter elitista e que, sobretudo, durante muito tempo foi praticado dentro dos clubes privados, em especial pelo Fuss-balll e pelo Grêmio. Retratados como modelos, esses dois clubes durante muito tempo fizeram parte da cena moderna de Porto Alegre.

Ademais, falamos também da criação da Liga Nacional de Football Porto-alegrense, conhecida como Liga da Canela Preta, criada entre os anos de 1910 e 1915. Essa Liga foi formada pelos clubes Primavera, Bento Gonçalves, União, Palmeiras, Primeiro de Novembro, Rio Grandense, 8 de Setembro, Aquidabã e Venezianos. Formados, basicamente, por negros, essa Liga viveu longe dos holofotes dos grandes jornais até a sua dissolução em 1933.

Por isso, sabemos pouco sobre as suas experiências. Na verdade, os escassos registros encontrados sobre a Liga são muito desencontrados. Porém, um dado chama atenção e é extremamente relevante, o local da sua criação. Segundo Jones Lopes da Silva, a Liga foi criada dentro da Colônia Africana e atendeu aos negros e mulatos que não encontravam espaços nos clubes da região central (SANTOS, 2005, pp99). Ou seja, a modernidade que se instaurava não acomodava os negros, as suas práticas, tampouco as suas instituições.

Havia uma exclusão geográfica bem profunda. Percebemos que o projeto de modernização da cidade de Porto Alegre foi radical para os negros, visto que, para além de enclausurá-los numa região específica, fora do centro da cidade, suas práticas, incluindo aí o futebol, e suas experiências sociais e culturais, em geral, eram reconhecidas como perigosas, turbulentas e sem nenhuma conduta moral. Não esquecendo que os grandes periódicos sequer apresentavam essas experiências.

Diferentemente de Salvador, onde os jornais estavam sempre reclamando dos jogos dos vadios e vagabundos, ao que podemos constatar certa visibilidade para

aqueles que não praticavam o "bom" futebol, em Porto Alegre, os periódicos, em geral, conseguiram aplicar aos negros um grau de invisibilidade muito elevado as suas práticas. Nos jornais, sobre esse grupo, vimos apenas suas brigas, seus furtos e acidentes e quaisquer outros casos exóticos que chamasse atenção, como a morte de um negro com mais de 100 anos[107]. Suas práticas esportivas e culturais eram "abafadas".

Mesmo que Salvador não tenha apresentado um cenário tão drástico, quanto Porto Alegre, lá também houve uma intervenção urbana definida nos mesmos moldes. As construções, fossem esportivas ou não, passaram a seguir os mesmos modelos e, sobretudo, passaram a ocupar os bairros das elites da cidade.

Percebemos isso de forma clara com a construção do Campo da Graça, em 1920. Até então, o futebol em Salvador era praticado em campos improvisados, sem grandes estruturas, sendo necessário o aluguel de cadeiras para acomodar as famílias, senhoras e senhoritas que assistiam aos jogos. Essa situação, como já dito anteriormente, foi fonte de inúmeras reclamações e, em última instância, uma das motivações do "abandono" do futebol por parte das elites.

Viver a experiência do futebol naqueles campos, fosse o Campos dos Mártires ou mesmo o *Ground* do Rio Vermelho, que até 1919 foi o principal campo de Salvador, não era algo satisfatório para as principais equipes de futebol da cidade. Por isso, foi fácil achar no material jornalístico da época, um vasto material solicitando intervenções públicas nos campos de futebol[108]. As remodelações ajudaram as elites retomarem o futebol "público" e, consequentemente, a reformularem a liga e os seus valores materiais e simbólicos.

---

[107] Correio do Povo, Porto Alegre. Terça-feira, 10 de Abril de 1906, Nr.83, pág. 02.

[108] As intervenções tinham dois propósitos básicos: o primeiro se referia a intervenções policiais para uma adequação moral dos espectadores. A segunda buscava intervenções materiais com intuito de melhora o campo e as acomodações para os espectadores. No Jornal de Notícias, nos dias 25 de abril, 05 de maio, 13 de junho e, principalmente, no dia 22 de julho de 1911, registram algumas das reportagens mais importantes sobre o estado dos campos de futebol, bem como, os problemas constantes com o público.

No entanto, como o lazer popular não seguia essa regra, tampouco eles exigiam ou se preocupavam com o padrão de qualidade imposto pelas elites, eles sofriam com a difamação das suas práticas e dos locais onde as praticavam. Assim, a partir de 1919, com um projeto de modernização cada vez mais forte, a exclusão geográfica fica cada vez mais intensa e as experiências populares como o futebol vão se distanciando cada vez mais do centro da cidade e, fundamentalmente, da Liga que passou a organizar o esporte na capital baiana.

Assim como em Porto Alegre, com a diferença de que na capital gaúcha tinha uma região geográfica especifica que sofria com as agressões, em Salvador as práticas populares eram perseguidas pelo poder público, enquanto as práticas das elites se forjavam como sendo representantes de um novo momento da cidade, agora moderno e civilizado.

Henrique Sena, sobre a Bahia, diz que “ainda que houvesse uma proliferação de clubes, era bem claro para os sócios do Vitória, Internacional, São Salvador e outros clubes posteriores, o ideal de distinção sociorracial nas suas agremiações, uma tentativa de se manterem longe dos populares e setores médios” (SENA, 2012, pp53).

As intervenções esportivas, sobretudo as estruturais (construções e ampliações de sede e campos), só começam a ocorrer em Salvador a partir de 1915 e alcança a sua máxima representação com o surgimento do Clube *Bahiano de Tênis*, em 1916. Até então, todo o cenário esportivo ainda era muito primário. No futebol, o ápice da reestruturação só acontece, como vimos, com a Construção do Campo da Graça, em 1920.

Ou seja, tanto para Porto Alegre quanto para Salvador, analisar a geografia das construções também nos ajuda a entender as distinções do cenário esportivo. Ademais, a localização e a composição societária dos clubes podem também revelar fatores

determinantes para a distinção. Em Salvador, por exemplo, a família Tarquínio está presente desde os primeiros momentos do futebol. Em 1903, em uma partida disputada entre brasileiros e ingleses, temos a presença de três integrantes da mesma família: Luiz Tarquínio Filho (goleiro), Alvaro Tarquínio (capitão) e Juvenal Tarquínio (atacante). Estes, Juntamente com a família Martins Catharino, eram proprietários das principais indústrias do ramo têxtil de Salvador. Mais tarde um membro dessa mesma família (Mario Tarquínio) ajudaria a fundar o Bahiano de Tênis, clube com maior representatividade entre as elites de Salvador. Ou seja, para além do interesse da família pelo esporte, fica notório o processo de reprodução dos valores que cercavam o futebol das elites, funcionava, neste sentido, como uma espécie de herança simbólica.

O próprio Aroldo Maia, citado anteriormente, importante memorialista do futebol soteropolitano, foi um dos fundadores do *Yankee Foot-ball Club*, clube que descriminava abertamente os negros. Enfim, os clubes das elites foram criados por seus membros e, com isso, empregavam em seus estatutos e no dia a dia de suas instituições os mesmo valores que demarcavam o seu grupo social dentro da hierarquia da cidade.

Em Porto Alegre, a hierarquia social também reverberava na hierarquia esportiva. Nessa última, o *Fuss-ball* e o Grêmio, naquele primeiro momento, ocupavam o topo da cadeia, enquanto os clubes de negros, em especial os formadores da Liga das Canelas Pretas, ocupavam a base.

Enfim, a exclusão se dava das mais diversas formas nas capitais estudadas. Do ponto de vista crítico, concluímos que quando o processo de modernização urbana se instaura a parte da população formada pelos homens de cor passa a sofrer com um racismo ainda mais perverso, visto que para além da exclusão eles passam por um processo de rebaixamento moral que visava dissolver ou distanciar quaisquer que fossem as experiências desse grupo para longe das cidades. Não havia espaço para eles

na cidade moderna. Como chama atenção Nicolau Sevcenko sobre o que acontece com os republicanos quando eles chegam ao poder, o autor diz que apesar de terem vociferado “desde 1870, com a fundação do seu partido, pela abolição da escravidão, a incorporação dos excluídos à cidadania e a construção de uma sociedade democrática e participativa, assim que chegaram ao poder esses líderes criaram um regime ainda mais elitista, concentracionário e excludente do que aquele da monarquia que havia destituído” (FREIRE, 2004, pp.27). Ou seja, o encontro não foi nada proveitoso para os negros.

Conclusão

Durante anos pensamos a história do futebol brasileiro partindo do Rio de janeiro e de São Paulo. Assumíamos, através deste caminho, o destaque destas capitais no cenário nacional como sendo os fatores determinantes e, fundamentalmente, suficientes para a construção de todos os outros cenários futebolísticos. A ideia de centro (Rio de Janeiro e São Paulo) e periferia (todos os outros Estados) acomodava as questões centrais deste debate e, sobretudo, apresentava respostas rápidas às inquietudes dos pesquisadores.

O tempo passou, a certezas foram embora, e resolvemos cumprir de forma aguda o oficio de historiador. Investigamos profundamente duas outras capitais, Porto Alegre e Salvador, e tentamos avaliar o quanto de razão tinham os primeiros resultados. Foram mais de duas páginas de fontes primárias lidas, em mais de 100 periódicos, dezenas de livros, algumas teses e dissertações, além de muito debate sobre as questões que ainda me inquietavam.

Comecei pelo racismo. Nesse caso, cheguei a acreditar nas “verdades” dos escritos de Mario Filho quanto à experiência do negro do futebol brasileiro. Afinal, não havia muitos escritos, como ainda não há, sobre a população negra e a sua vida esportiva na virada do século XIX para o XX, em especial no futebol. Sobre estes estudos, quando encontrados, sempre vimos surgir um olhar romântico que comumente colocava os “homens de cor” numa posição engessada na sociedade para que, logo em seguida, construíssemos uma ascensão apoteótica para o grupo. Assim, nos parece, que a história do negro no futebol se tornaria ainda mais reluzente.

Parecia não haver autonomia, desejos próprios e, principalmente, vontades simples de jogar por parte da população negra. Os escritos nos levavam a crer que tudo

foi gestado num movimento de pura revolta. Como nos apresentou Mario Filho, primeiro a revolta do preto, em seguida a sua ascensão social.

Descobrimos mais tarde (SANTOS, 2006;2009) que os negros não só tinham autonomia, como também tinham consciência do papel do futebol para as suas vidas. Negociavam com diversos clubes ao mesmo tempo, enganavam fingindo serem amadores, enquanto na verdade recebia para jogar (processo feito em comum acordo com os dirigentes dos clubes), e, acima de tudo, foram conquistando o seu espaço, como num jogo, mergulhados numa trama complexa e sem roteiros.

Constatamos também que havia conformidades entre as primeiras capitais estudadas. Percebemos que, neste caso, o racismo foi um fator determinante nos primeiros anos do futebol no Rio de Janeiro, e em São Paulo. A pergunta que me incomodava era: será que em outras regiões o racismo também foi determinante no processo de chegada e desenvolvimento do futebol? Será que as experiências do racismo no futebol do nestas capitais serviram como base para o racismo noutras regiões? Será que o resultado do processo foi o mesmo?

A partir destes pontos avançamos nas pesquisas, e através delas, hoje, podemos responder a essas questões, vejamos: a primeira resposta é sim, o racismo foi um ponto marcante também na história do futebol de Salvador e de Porto Alegre. Ou seja, como uma marca da sociedade brasileira, o racismo esteve presente no cenário futebolístico de várias capitais. Possivelmente, não teríamos dificuldade de encontrar estas marcas noutras regiões, no entanto, fugindo das generalizações, nos contentaremos em responder apenas pelas regiões estudadas. Assim, a conformidade fora ampliada. Tanto no Rio de Janeiro, como em São Paulo, Salvador e Porto Alegre, o racismo esteve presente de forma emblemática nas primeiras experiências com o futebol.

A população negra em todas estas capitais foi vista durante muito tempo como sendo o "outro inconveniente", aquele que deveria ser excluído, aquele que carregava os estigmas do atraso, do sujo e da violência. Para se ter uma ideia, no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, lançado em 1899, o verbete negro trazia a seguinte explicação: "que é a da cor mais privada de luz ou oposta à branca; escuro, preto, sombrio; escurecido pelo tempo ou pelo sol; vestido de preto; lúgubre, **triste; funesto; maldito; execrável**..."[109](grifo nosso).

Acreditamos que a tese de que o futebol não é o cenário mais fértil para se debater o racismo ou que a distinção sócio-econômica se sobrepunha as questões relacionadas à cor, a partir das evidencias deste trabalho, se tornou frágil ou diria um mero exercício retórico daqueles que construíram essa história sem ao menos apresentar fontes que confirmassem seus argumentos.

Segunda resposta é não. Não foi necessário transferir conhecimentos racistas entre as capitais para que elas pudessem existir em Salvador ou em Porto Alegre. Encontramos um processo autônomo e muito bem informado das elites locais (intelectuais e econômicas), que em nada apontava para indícios de interferências diretas no processo de distinção, exclusão e hierarquização do negro no futebol. Havia sim, uma elite já articulada com o propósito de manter intactos seus valores e práticas, reais e simbólicos. Ainda que, é claro, não se possa negar de forma categórica que não houvesse, nesse sentido, aproximações de um modelo mais geral do cenário esportivo, visto com mais visibilidade expresso na capital federal, a cidade do Rio de Janeiro. Vale lembrar que, no caso de Salvador, a escola de medicina foi um dos lugares em que a inferioridade do negro foi bastante aceita e disseminada.

[109] Novo Dicionário da Língua Portuguesa por Candido de Figueredo. Lisboa. Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão. 1899. Notação BNRJ: R 469. 3 F 475 nº 2 Volume.

Terceira resposta é não. O resultado não foi o mesmo. Enquanto em Salvador, os pequenos e médios clubes, formados basicamente por negros, conseguiram durante quase 10 anos dominar o cenário futebolístico (1912 a 1919), mesmo com todo o preconceito e discursos ofensivos dirigidos a eles, em Porto Alegre, essa ascensão não ocorreu e o futebol do negro continuou durante décadas mergulhado no esquecimento.

Para os "grandes clubes", em Porto Alegre, a entrada de negros continuou sendo interditada por um bom tempo. Pelo menos até o final da década de 30, quando o Internacional começou a recrutar negros para os seus quadros de atletas, essa parte da população continuava excluída das "grandes" equipes. Bem antes, para se ter uma ideia, em Salvador, na década de 20, já tinha a presença de um ídolo negro estadual, Apolinário Sant'anna, conhecido popularmente como Popó[110]. Tudo isso, é claro, se levarmos em consideração somente os chamados "grandes clubes" ou, como vimos, o "bom futebol".

A experiência em Salvador é magnífica e se distancia, em larga escala, das narrativas conferidas ao Rio de Janeiro, São Paulo e a Porto Alegre. Nela, conseguimos aferir uma situação bem expressiva, onde as elites voltam a praticar o esporte somente dentro dos seus clubes e abandonam a principal liga do futebol baiano. Assim, negros de clubes médios e populares, puderam ao seu modo organizar os campeonatos e gerir o futebol público em Salvador. Mesmo tendo a elite retornado ao futebol na década de 20, nada mais seria como antes e, mesmo com dificuldades, o futebol já se mostrava mais aberto para jogadores de classes menos abastadas.

Não podemos esquecer que o movimento de mercantilização do esporte favoreceu bastante a entrada de jogadores populares em clubes marcados pela distinção social. Como a intenção de gerar dinheiro passou a ser um interesse importante para os

[110] Para saber mais sobre Popó ver em SENA, 2012 Cap 4.

clubes pouco importava, pelos menos para a maioria deles, qual seria a cor do jogador, contanto que eles apenas jogassem, ajudassem os clubes a conquistar torneios e, principalmente, não frequentasse os espaços para sócios.

O segundo tema dessa tese foi a modernidade e a sua relação com o futebol. Na verdade, como acreditamos que o esporte é um fenômeno moderno em si, tratamos então da chegada do futebol em harmonia com o projeto de modernização urbano que se instaurava nas capitais brasileiras. Através da pesquisa, mais uma vez, tentamos fugir das generalidades e avançar na compreensão de um cenário esportivo brasileiro menos linear.

É comum quando tratamos dos primeiros anos do futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo acomodarmos o processo de chegada desse esporte as transformações pelas quais as cidades passaram. Como vimos, a urbanização, o saneamento e a reorganização desses espaços apresentaram novas sensibilidades e desafios para os seus habitantes. Com isso, o futebol, equivocadamente, acabou recebendo uma chancela de atividade moderna apenas por ter sido experimentado no mesmo tempo em surgiam as novas cidades e as suas novas práticas. Com isso, perdemos de vista que o futebol, assim como qualquer outro fenômeno esportivo, não precisaria da chancela das transformações urbanas ou do jornalismo da época para ser considerado um fenômeno moderno.

Neste caso, mais uma vez, a experiência baiana é emblemática para a tese, visto que o futebol de Salvador era tão moderno quanto o de qualquer outra cidade e, no entanto, quando o futebol chegou à cidade não havia nenhum processo de modernização em curso. Mais do que isso, não foi encontrado nenhum indicio que relacionasse o futebol a qualquer que seja transformação da cidade. Ao contrário, as transformações urbanas que fizeram emergir o discurso de modernização e modernidade na capital

baiana somente começaram acontecer a partir de 1912, momento em que o futebol está "entregue" aos populares. Ou seja, grosso modo, há uma inversão do processo. Enquanto a cidade se moderniza, diferente de Porto Alegre onde a estrutura do "grande" futebol está controlada pelas elites, são os populares que estão com os plenos poderes sobre esse esporte. Não esquecendo, é claro, que mesmo quando há uma radicalização do processo de modernização, a partir de 1920, e as elites retornam ao futebol, a principal liga já não consegue mais se posicionar de forma tão absoluta no propósito de manter afastados os populares do jogo. Isso não quer dizer, vale lembrar, que o racimo deixou de existir, ou que as práticas dos negros passaram a ser valorizadas, mas sim que o "bom futebol" não seria mais pensado sobre os mesmo conceitos dos anos anteriores.

Quanto à afirmação de que o cenário do futebol em Salvador não era robusto, demonstramos que ao contrário, não só era robusto como, em algumas circunstâncias, conseguiram se organizar mais rapidamente do que em outra grande capital, notadamente o Rio de Janeiro. Verificamos com facilidade o surgimento de um grande número de clubes na cidade o que demonstra um cenário bem ativo. Vejamos alguns clubes criados apenas em 1904: Sport Club União, Sport Club Argentino. Sport Club Itapagipe, Sport-Club Bahiano, Sport-Club America, Sport-Club Vitória, São Paulo Club, Sport-Club Liberdade, Sport-Club Santa Cruz, Spor-Club Pax, Sport Club Liberdade, Club Paraguassu, Sport Club tamandaré e Sport-Club Brasil.

Se levarmos em consideração somente o futebol, podemos destacar ainda que Salvador viveu um frenesi bem maior que a cidade de Porto Alegre, visto que na capital gaúcha, apesar do seu maior desenvolvimento urbano, durante muito tempo foram apenas dois clubes, o Fuss-ball e o Grêmio, que dominavam a imprensa esportiva da época. Ou seja, a experiência de Porto Alegre também é significativa para essa pesquisa, já que mesmo com um processo de desenvolvimento urbano maior, o futebol não

avançou, ou melhor, demorou bem mais para alcançar a robustez das outras capitais. Assim, podemos concluir que a modernidade não seguia um modelo estabelecido, ela era, sobretudo, um processo que ia se ajustando conforme o cenário de cada uma das cidades.

Vale lembrar que o futebol praticado na capital gaúcha ficou quase que restrito aos espaços dos clubes privados. Esse panorama, associado ao banimento quase que absoluto do futebol popular (negro) da imprensa da época, nos levou a concluir que o futebol avançou em velocidade menor do que em Salvador ou, pelo menos, o se grau de disputas tenha sido completamente abafado.

Enfim, acreditamos que a modernização urbana pode ajudar no processo de desenvolvimento do futebol, notadamente do "bom futebol". Porém, acreditar que ele só seria moderno nesses moldes significa anular completamente outras experiência com o esporte. Mais do que isso, acreditamos que foi a presença de uma estrutura pública do futebol, ou seja, a vivacidade e a dinâmica de um futebol praticado nas ruas e nos pequenos clubes, com todas as suas consequências, que fizeram surgir novas demandas e arranjos para o futebol como um todo.

Nesse sentido, vimos que frente a frente, elites e populares, interagindo no espaço público tiveram que se re-organizar, se adaptar e, principalmente, criar novos sentidos para o futebol. Foi no enfretamento dos grupos que o movimento ocorreu, fosse ele dentro de um processo de modernização ou não.

Tentamos nesta tese fugir das falsas obviedades e dos caminhos já percorridos. Buscamos, com isso, novos roteiros e tramas que pudessem ampliar o nosso olhar sobre o futebol. Constatamos, depois dessa longa imersão, que existe vida (futebol) para além do Rio de Janeiro e de São Paulo e que, sobremaneira, suas influências devem ser vistas com cautela sobre o cenário esportivo de outras cidades.

Constatamos também que o futebol das elites não era o único, apesar de todos os esforços, e que a forma de jogar das camadas populares, em especial da população de cor, foi importante como base para as transformações do esporte. Assumir isso nos permite levar a história do futebol por um caminho menos elitista e mais justo. Apesar das dificuldades de encontrar os vestígios havia um futebol, mesmo não reconhecido como “bom”, que fez muito para o processo de desenvolvimento do esporte.

Assumimos também que por vezes tivemos que apresentar muito mais da sociedade do que do cenário esportivo para alcançarmos nossos objetivos. Porém, visto que a experiência negra com o futebol deixou poucos vestígios, acreditamos que esta tenha sido uma boa escolha, já que consideramos importante pensar o cenário esportivo imerso no grande painel social.

Por fim, esperamos que tenha sido proveitoso andar fora do eixo.

Referências

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer:* futebol, geopolítica e identidade nacional, Rio de Janeiro. MAUAD, 2002.

ASSAF, Roberto. *Bangu:* bairro operário, estação do futebol e do samba. Rio de Janeiro. Ed. Relume Dumará, 2001.

AZEVEDO, Thales de. *Povoamento da cidade de Salvador*. Bahia: editora Itapuã. 1969.

_____. *As Leites de Cor*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1955.

BACELAR, Jeferson. *A Hierarquia das Raças:* Negros e Brancos em Salvador. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BAHIENSE DA SILVA, Carlos Leonardo . Sobre o negro no futebol brasileiro, de Mário Filho. In: Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Santos, Ricardo Pinto dos. (Org.). *Memória social dos esportes:* a construção de uma identidade nacional. 1ªed.Rio de Janeiro: Mauad, 2006, v. 2, p. 9-398.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. 2 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BASILE, Marcelo Otávio N. de. Consolidação e crise do Império IN: LINHARES, Maria Yeda. *História Geral do Brasil* - 10 ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2000

BASTIDE, Roger. *Brasil Terra de Contrastes*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 3 ed. 1969.

_____. *As Américas Negras*: as civilizações africanas no novo mundo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1974.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar* - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CABO, Alvaro V. G. T. P. Um raio-x da Revista do Esporte. In: Bernardo Borges Buarque de Hollanda; Victor Andrade de Melo. (Org.). *O Esporte na Imprensa e a imprensa esportiva no Brasil.* 1 ed. RIO DE JANEIRO: Editora 7 letras, 2012a, v. 1, p. 130-148.

_____. A Imprensa uruguaia e a conquista da Copa de 50. In: Miguel Archanjo Freitas Junior; André Mendes Capraro. (Org.). *Passe de Letra:* crônica esportiva e sociedade brasileira. 1 ed. Ponta Grossa: Vila Velha, 2012b, v. 1, p. 148-169.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbiridas*: São Paulo, Edusp, 4 ed, 2006.

CALDAS, Waldenir. *Pontapé Inicial:* memória do futebol brasileiro 1894-1933. São Paulo. IMBRASA, 1990

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Os métodos da História* – Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983, 3 edição, cap 8.

CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados*. O Rio de Janeiro e a Republica que não foi. São Paulo.Ed. Companhia das Letras. 1987. p.16

CERUTTI, Carlos H. *Conversando sobre fútbol*. Buenos Aires: Rundi Nuskin editor,1992.

CORREA, Floriano P. *Grandezas e misérias do nosso futebol*, Rio de Janeiro, Flores & Mano, 1933, p.21.

COSTA, Emilia Viotti. *Da Monarquia à Republica. Momentos decisivos.* São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1999.

COSTA PINTO, L. A. *Desenvolvimento econômico e transição social*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2 ed. 1970.

_____. *Sociologia e Desenvolvimento:* temas e problemas do nosso tempo. Rio de Janeiro. 6 ed. 1975.

CARVALHO, José Murilo. *A construção Nacional 1830-1889*, volume 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CUNHA, Loris Baena. *A verdadeira História do Futebol Brasileiro*. Porto Alegre: editora ABRADE.

CUNHA, Manuela Carneiro. *Negros, estrangeiros:* os escravos libertos e sua volta à África. – 2 ed. rev. ampl. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAMO, Arlei. Bons Para Torcer, Bons para se Pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. *Motus Corporis* (UGF), Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-48, 1998.

_____. Paixão partilhada e participativa - o caso do futebol. História. *Questões e Debates*, v. 57, p. 45-72, 2012.

_____. Produção e consumo de megaeventos esportivos - apontamentos em perspectiva antropológica. *Comunicação, Mídia e Consumo* (São Paulo. Impresso), v. 8, p. 67-92, 2011.

_____. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. *Razón y Palabra*, v. 69, p. 1-25, 2009.

_____. Da paixão pela etnologia à etnologia das paixões contemporâneas. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, p. 233-236, 2008.

_____. Senso de jogo. *Esporte e Sociedade*, v. 1, n.1, p. 1-36, 2005.

_____. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento* (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 9, n.2, p. 129-156, 2003.

_____. Excertos de história social do futebol gaúcho e sua especificidade em relação ao Brasil. *Verso & Reverso:* Revista do Centro de Ciências da Comunicação, São Leopoldo, v. 34, p. 79-88, 2002.

_____. Futebol e Estética. *Perspectivas* (São Paulo), São Paulo, v. 15, n.3, p. 82-91, 2001.

_____. Ah! Eu Sou Gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 13, n.23, p. 87-118, 1999.

_____. *Futebol e Identidade Social*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002. v. 1. 159p.

DAMO, A.; FERREIRA, B. S. . No tempo das excursões o circuito clubístico porto-alegrense e a reconfiguração de suas fronteiras em meados do século XX. Revista de História Regional, v. 17, p. 378-411, 2012.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*, ebook, 2003

DRESCHER, Seymour. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo* – São Paulo: Editora UNESP, 2011.

DRUMOND, Mauricio. *Nações em jogo:* esporte e propaganda política em Vargas e Perón. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

EAGLETON, Terry. *Ideologia. Uma Introdução.* São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en le processo de la civilización*. México, Fondo de Cultura Econômica, 1995.

ELIAS, Nobert; SCONTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2000.

FERNANDES, Florestan. *A integração do Negro na Sociedade de Classes*: volume 1 e 2. São Paulo: Globo, 2008.

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª Ed. Rio de Janeiro. MAUAD, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala:* formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª ed rev – São Paulo: Global, 2006.

_____. *Sobrado e mucambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 15ª ed.- São Paulo: Global, 2004.

_____. *Ordem e Progresso*: Processo de desistegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república. 6º ed. –São Paulo: Global, 2004.

FRIDMAN, Luis Carlos. *Política e Cultura*. Século XXI. Rio de Janeiro. Relume Dumará Ed.. 2002.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra.* Porto Alegre. Ed. L&PM, 1995.

GAY, Peter. *O Cultivo do Ódio,* ,São Paulo, Companhia da Letras, 1988.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da Festa: a família, etnicidade e projetos num clube social da zona norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube.* Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIL, Gastón Julián. *Fútbol e identidades locales*. Miño y dávila editores, 1998.

GOMES, Flavio do Santos; CUNHA, Olivia Maria Gomes. *Quase-cidadão:* histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere:* volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol:* estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A editora , 2004.

HAUPT, Heinz-Gerhard. O lento surgimento de uma história comparada. In. Jean Boutier e Dominique Julia (Org). *Passados recompostos; campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1998.

HELAL, R. ; CABO, Alvaro V. G. T. P. A marca de uma derrota: jornalismo esportivo e a construção do Maracanazo. In: Ronaldo Helal; Hugo Lovisolo; Antônio Jorge Soares. (Org.). *Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais.* 1 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, v. , p. 95-114

HELAL, Ronaldo; GORDON Jr, Cesar. Em conjunto (2001) In: HELAL, Ronaldo. SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do futebol:* mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 51-76.

HELAL, Ronaldo. SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do futebol:* mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence, Org. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Cristina Buarque de. *Teoria das Elites* –Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KAELBLE, Hartmut. *Die Debatte über Vergleich und Transfer und Was Jetzt*, trad Álvaro Alfredo Bragança Júnior, 2005.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. *History and Theory* 42: 39-44, Feb 2003. Tradução Maria Elisa da Cunha Bustamante

KULA, Witold. *Problemas y métodos de la historia econômica*, tradução direta do polonês por Melitón Bustamante, Barcelona, Ediciones Península, 1973, p.571.

LIMA, Olímpio de Azevedo. *Sinopse geográfica, histórica e estatística do município de Porto Alegre*. Porto Alegre: Gundlach, 1890. p.27.

LINHARES, Maria Yeda. *História Geral do Brasil* - 10 ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MATOS, Hebe Maria. *Das Cores do silencio*. Os significados da liberdade no sudeste escravista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1998.

MATOSO, Kátia M. de Queiroz. A propósito das cartas de alforri, Bahia 1779-1850, *Anais de História*, FFCL, Assis, vol.4:23-52.

MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia*. Salvador: Helenicus. 1944.

MAZO, Janice . *As Associações Esportivas em Porto Alegre - RS, 1867-1941*. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005, v. 1, p.87-101.

MELO, Victor Andrade de. C*idade esportiva:* primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Ed. Relume Dumará. FAPERJ. 2001;

_____*Lazer e camadas Populares*: Reflexões a Partir da Obras de Edward Palmer Thompson, 2006.

_____*Esporte e Lazer:* conceitos: uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010a.

_____*Lazer: olhares multidisciplinares.* Campinas, SP: Editora Alínea, 2010b.

_____*Os sports e as cidades brasileiras:* transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri,2010c.

MELO, Victor Andrade ; DRUMOND, Maurício ; SANT'ANA, L. C. R. . Ginga: alma nacional, expressão universal - representações e aspirações de nacionalidade e pertencimento. In: Victor Andrade de Melo; Maurício Drumond. (Org.). *Esporte e Cinema: noos olhares*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2009.

MERCIO, Roberto. *A historia dos campeonatos cariocas de futebol 1906-1994.* Rio de Janeiro. Ed. FERJ. 1995

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. Da República Velha ao Estado Novo IN: LINHARES, Maria Yeda. *História Geral do Brasil* - 10 ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade:* Novas bases epstemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte. Mazza Edições. 2007.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical:* Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras.1993.

NUNES LEAL, Victor. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1975.

PEREIRA, Leonardo Affonso. *Footballmania.* Uma Historia social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra Cidade*: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____. *A burguesia gaúcha:* dominação do capital e disciplina do trabalho (RS: 1889-1930) – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. *Muito Além do Espaço:* por uma história cultural do Urbano. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol 8, n.16, 1995, p.279-290.

RODRIGUES. Nina. *Os Africanos no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 6 ed. 1982.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo – São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1997. (coleção cidade aberta)

ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e futebol*, Editora Perspectiva, 2000.

SAN LORENZO EL LIBRO, *Revista El Gráfico*, Editora Atlantida, 1996.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SANTOS, Ricardo Pinto. *Entre Rivais:* Futebol Racismo e Modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924): Rio de Janeiro: Mauad X. 2012.

_____. Tensões na consolidação do futebol nacional. In. MELO, Victor Andrade de e DEL PRIORI, MARY (orgs). *História do Esporte no Brasil* – São Paulo: editora UNESP, 2009. Cap. 6.

_____. Futebol e Racismo no Brasil. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* – Ano 1-4. Rio de Janeiro, a 169. 2008

SANTOS, Ricardo Pinto; SILVA, Francisco Carlos Texeira. *Memória Social dos Esporte:* Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro. Mauad X. 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

_____. *História do Brasil Nação: 1808-2010* – Crise colonial e independência 1808-1830. Volume 1/ Coordenação Alberto da Costa e Silva – Rio de Janeiro: objetiva 2012a.

_____. *História do Brasil Nação: 1808-2010* – A Construção Nacional 1830- 1889. Volume 2/ Coordenação José Murilo de Carvalho – Rio de Janeiro: objetiva 2012b.

_____. *História do Brasil Nação: 1808-2010* – A Construção Nacional 1830- 1889. Volume 3/ Coordenação Lilia Moritz Schwarcz – Rio de Janeiro: objetiva 2012c.

SEBRELI, Juan José. *La era del fútbol*, Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1998.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco*: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SUSSEKIND, Hélio. *Futebol em dois tempos.* Rio de Janeiro. Ed. Relume-Dumará. 1996

THELM, N; BUSTAMANTE, R.M. da C. Editorial: História Comparada: Olhares Plurais. *PHOINIX* 10:9-30, 2004.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Luis Henrique de. *No país do Futebol* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

VIANA FILHO, Luiz. *O negro na Bahia.* São Paulo: Martins Editora. 2 ed. 1976

WIEVIORKA, Michel . *Racismo e Modernidade*. Portugal: Bertrand Editora, 1995.

_____. *O racismo, uma introdução*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ANUÁRIOS

Estatística Histórica do Brasil. Série Estatísticas Retrospectivas. Vol 3. Séries Econômicas, Demográficas e Sociais 1550 a 1985. Rio de Janeiro: IBGE, 1986.

Anuário Estatístico do Brasil 1908-1912. Rio de Janeiro: Diretoria Geral de Estatística. V. 1-3, 1916-1927

Biblioteca do Senado Federal do Brasil. Manifesto da sociedade brasileira contra a escravidão. 1880. Disponível em: < http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/174443/000093707.pdf?sequence=1 >. Acessa do em: 16 dez.2013.

TRABALHOS ACADÊMICOS

Monografia

SANTOS, Henrique Sena dos. *Uma caixinha de surpresas*: os primeiros anos do futebol em Salvaor, 1901-1912.

Dissertação de Mestrado

SILVA, Alexsander Batista e. *Territórios peladeiros da periferia proletária de goiânia:* o jogo de bola que subverte o tempo e o espaço. Dissertação de Mestrado, UFG, 2008.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se...* Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana em Salvador, 1912-1916. Salvador, 1996.

SANTOS, Henrique Sena dos. *Pugnas Renhidas:* futebol, cultura e sociedade em Salvador, 1901–1924. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana. UEFS – 2012.

Teses de doutorado

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A rainha destronada:* discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas. São Paulo, 2005.

MASCARENHAS, Gilmar. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar:* uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. São Paulo: USP, 2001.

SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade:* releitura da história oficial, tese de doutorado na Universidade Gama Filho. Ano de obtenção: 1998. Doutorado em Educação Física (Conceito CAPES 4). Universidade Gama Filho, UGF, Brasil.

Anexo

FONTES PRIMÁRIAS -PERIÓDICOS PESQUISADOS

Número	Nomes	Origem	Anos
1	*Careta*	Rio de Janeiro	1921
2	*Cidade do Rio*	Rio de Janeiro	1888-1902
3	*Correio da Manhã*	Rio de Janeiro	1901-1909
	Diário de Notícias	Rio de Janeiro	1889-1895
4	*Eu Sei Tudo*	Rio de Janeiro	1917
5	*Fon Fon*	Rio de Janeiro	1907-1921
6	*Gazeta da Tarde*	Rio de Janeiro	1888-1901
7	*Gazeta de Notícias*	Rio de Janeiro	1889-1911
8	*Gazeta dos Sports*	Rio de Janeiro	1921
9	*Ilustração Brasileira*	Rio de Janeiro	1901-1911
10	*Jornal do Brasil*	Rio de Janeiro	1900-1921
11	*Jornal do Commercio*	Rio de Janeiro	1888-1912
12	*Kosmos*	Rio de Janeiro	1904-1909
13	*O Malho*	Rio de Janeiro	1902-1921
14	*A Notícia*	Rio de Janeiro	1900
15	*O Paiz*	Rio de Janeiro	1888-1912
16	*Revista Ilustrada*	Rio de Janeiro	1921
17	*Revista Moderna*	Rio de Janeiro	1897-1899
18	*Revista da Semana*	Rio de Janeiro	1900-1912
19	*O Século*	Rio de Janeiro	1909
20	*Sport Ilustrado*	Rio de Janeiro	1921
21	*O Alabama: periódico crítico e chistoso*	Salvador	1866-1882
22	*Almanach literário e de indicações*	Salvador	1888-1889
23	*O Azorrague: órgão moralizador social*	Salvador	1891
24	*Brado Federal*	Salvador	1890
25	*O Cartaz: folha humorística, satírica*	Salvador	1890

26	*Cidade do Salvador*	Salvador	1897-1898
27	*Combate*	Salvador	1891
28	*Correio do Povo: órgão doutrinário*	Salvador	1891
29	*A Cruzada: crítica, literária e chistosa*	Salvador	1889
30	*O Diabo: periódico, crítico, chistoso e moralizador*	Salvador	1889
31	*Diário da Bahia*	Salvador	1889-1898
32	*Diário de Notícias*	Salvador	1876-1912
33	*Diário Popular*	Salvador	1914
34	*Diário do Povo*	Salvador	1889
35	*O Domingo*	Salvador	1889
36	*O Encouraçado*	Salvador	1889
37	*Gazeta de Notícias*	Salvador	1912
38	*Jornal de Notícias*	Salvador	1889-1912
39	*A Lanterna*	Salvador	1882-1907
40	*A Locomotiva: folha ilustrada hebdomadária*	Salvador	1888-1889
41	*O Meio-Dia*	Salvador	1915
42	*A Notícia: jornal vespertino, elegante, noticioso e ilustrado*	Salvador	1914-1915
43	*Pequeno Jornal*	Salvador	1890-1893
44	*A Palavra*	Salvador	1891-1892
45	*O Popular: periódico, crítico, noticioso e literário*	Salvador	1891
46	*Repórter*	Salvador	1889
47	*República Federal*	Salvador	1888-1890
48	*A Taça*	Salvador	1890
49	*O Tio do Diabo: órgão imparcial*	Salvador	1891
50	*Treze de Maio: órgão moral, literário e chistoso*	Salvador	1889
51	*A Verdade*	Salvador	1890
52	*A Voz do Operário: órgão oficial do Partido Operário*	Salvador	1891-1896
53	*O Alfinete*	São Paulo	1918-1921
54	*O Archivo Ilustrado*	São Paulo	1912
55	*Arte = Natureza*	São Paulo	1912
56	*Auriverde*	São Paulo	1928
57	*O Baluarte*	São Paulo	1904
58	*O Bandeirante*	São Paulo	1918-

			1919
59	*Capital Paulista*	São Paulo	1912
60	*O Certamem*	São Paulo	1912
61	*O Clarim*	São Paulo	1924-1940
62	*Chibata*	São Paulo	1932
63	*A Chronica*	São Paulo	1912
64	*Correio Paulistano*	São Paulo	1888-1912
65	*O Echo*	São Paulo	1912
66	*Echo Phonografico*	São Paulo	1912
67	*Elite*	São Paulo	1924
68	*O Estímulo*	São Paulo	1935
69	*A Evolução*	São Paulo	1933
70	*O Fazendeiro*	São Paulo	1912
71	*Getulino*	São Paulo	1923-1926
72	*Ilustração Paulista*	São Paulo	1912
73	*O Imigrante*	São Paulo	1912
74	*O Kosmos*	São Paulo	1922-1925
75	*A Liberdade*	São Paulo	1919-1920
76	*A Lua*	São Paulo	1912
77	*O Menelick*	São Paulo	1915-1916
78	*O Patrocínio*	São Paulo	1928-1930
79	*O Palco Ilustrado*	São Paulo	1912
80	*La Petit Revue*	São Paulo	1912
81	*O Pharol*	São Paulo	1912
82	*Progresso Commercial do Brasil*	São Paulo	1928-1931
83	*Revista Moderna*	São Paulo	1912
84	*A Rua*	São Paulo	1916
85	*A Sentinela*	São Paulo	1920
86	*Tribuna Negra*	São Paulo	1935
87	*Vida Moderna*	São Paulo	1912
88	*Vida Paulista*	São Paulo	1912
89	*A Voz da Raça*	São Paulo	1933-1937
90	*O Xauter*	São Paulo	1916
91	*O Atleta: órgão do Clube Caixeiral Porto-Alegrense*	Porto Alegre	1895
92	*Correio do Povo*	Porto Alegre	1889-1912
93	*Dum-Dum: semanário ilustrado*	Porto Alegre	1914
94	*O Exemplo: Jornal do Povo*	Porto Alegre	1902-

			1917
95	*A Federação*	Porto Alegre	1884-1912
96	*Ilustração Sportiva*	Porto Alegre	1922
97	*O Indiano*	Porto Alegre	1909
98	*Máscara – Semanário Ilustrado*	Porto Alegre	1918-1920
99	*O Mimo*	Porto Alegre	1909-1910
100	*Não Pode: periódico literário e humorístico*	Porto Alegre	1908
101	*Norte-Sul: mensário literário, artístico, científico e social para todo o Brasil.*	Porto Alegre	1919
102	*A Notícia*	Porto Alegre	1899
103	*Occidente: revista de letras, ciências artes e filosofia*	Porto Alegre	1906
104	*O Paladino: órgão dos funcionários públicos*	Porto Alegre	1908-1912
105	*O Pau Bate*	Porto Alegre	1909
106	*Pandemonium: revista literária*	Porto Alegre	1908
107	*O Popular: notícias, conhecimentos úteis, interesses populares, literatura, humorismo, curiosidades, anúncios, etc.*	Porto Alegre	1910
108	*Propaganda Rio-Grandense*	Porto Alegre	1919
109	*O Propagandista: jornal de propaganda comercial*	Porto Alegre	1912-1917
110	*Revista Moderna – Política, crítica, ciências, economia, finanças, artes e letras*	Porto Alegre	1918
111	*Sport: semanário esportivo e social ilustrado*	Porto Alegre	1918
112	*O Veneziano*	Porto Alegre	1909
113	*Vida Chic: revista de crítica teatral, artes e humorismo*	Porto Alegre	1921